

Estatística Computacional com R

Prof. Fernando P. Mayer Prof. Wagner H. Bonat
Prof. Walmes M. Zeviani Prof. Elias T. Krainski
Prof. Paulo J. Ribeiro Jr.

Laboratório de Estatística e Geoinformação (LEG)
Departamento de Estatística (DEST)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

2018-07-24
Última atualização: 2023-01-16

Sumário

I	R básico	9
1	Computação científica e interação com o R	11
1.1	Interagindo com o computador	11
1.2	Editores de texto	11
1.2.1	Editores para R	12
1.3	R	12
1.3.1	Configuração inicial	13
1.3.2	O R como uma calculadora	13
1.3.3	Para onde vão os resultados?	13
1.3.4	O editor de scripts	14
1.3.5	Operadores aritméticos	14
1.3.6	Ordens de execução	14
1.3.7	“Salvando” resultados	15
1.3.8	Finalizando o programa	16
1.3.9	Encoding	16
2	Objetos e classes	17
2.1	Funções e argumentos	17
2.1.1	Outros tipos de argumentos	17
2.2	Mecanismos de ajuda	18
2.3	Criando uma função	19
2.4	Objetos	20
2.4.1	Nomes de objetos	21
2.4.2	Gerenciando a área de trabalho	21
2.5	Tipos e classes de objetos	22
2.5.1	Vetores numéricos	23
2.5.2	Outros tipos de vetores	26
2.5.3	Misturando classes de objetos	27
2.5.4	Valores perdidos e especiais	28
2.6	Outras classes	29
2.6.1	Fator	29
2.6.2	Matriz	30
2.6.3	Array	32
2.6.4	Lista	32
2.6.5	Data frame	34
2.7	Atributos de objetos	36
3	Indexação e seleção condicional	41
3.1	Indexação	41
3.1.1	Indexação de vetores	41
3.1.2	Indexação de matrizes	43
3.1.3	Indexação de listas	45
3.1.4	Indexação de data frames	46

3.2	Seleção condicional	50
3.2.1	Seleção condicional em vetores	50
3.2.2	A função <code>which()</code>	51
3.2.3	Seleção condicional em data frames	52
4	Entrada e saída de dados no R	55
4.1	Entrada de dados	55
4.1.1	Entrada de dados diretamente no R	55
4.1.2	Entrada via teclado	55
4.1.3	Entrada de dados em arquivos texto	57
4.1.4	Entrada de dados através da área de transferência	59
4.1.5	Importando dados diretamente de planilhas	60
4.1.6	Carregando dados já disponíveis no R	61
4.1.7	Importando dados de outros programas	62
4.2	Saída de dados do R	63
4.2.1	Usando a função <code>write.table()</code>	63
4.2.2	Usando os formatos textual e binário para ler/escrever dados	64
4.3	Informações sobre diretórios e arquivos	66
5	Programando com dados	67
5.1	Estrutura de repetição <code>for()</code>	67
5.2	Estrutura de seleção <code>if()</code>	73
5.3	O modo R: vetorização	74
5.4	Outras estruturas: <code>while</code> e <code>repeat</code>	80
II	Estatística	81
6	Análise exploratória de dados	83
6.1	O conjunto de dados <code>mlsa</code>	83
6.2	Análise univariada	86
6.2.1	Variável Qualitativa Nominal	86
6.2.2	Variável Qualitativa Ordinal	88
6.2.3	Variável quantitativa discreta	89
6.2.4	Variável quantitativa contínua	92
6.3	Análise Bivariada	100
6.3.1	Qualitativa <i>vs</i> qualitativa	100
6.3.2	Qualitativa <i>vs</i> quantitativa	102
6.3.3	Quantitativa <i>vs</i> Quantitativa	104
7	Probabilidade e variáveis aleatórias	107
7.1	Conceitos básicos sobre distribuições de probabilidade	107
7.2	Distribuições de Probabilidade	112
7.2.1	Distribuição Normal	112
7.2.2	Distribuição Binomial	119
7.2.3	Distribuição de Poisson	120
7.2.4	Distribuição Uniforme	123
7.2.5	A função <code>sample()</code>	123
7.3	Complementos sobre distribuições de probabilidade	124
7.3.1	Probabilidades e integrais	124
8	Inferência estatística	127
8.1	Introdução ao pensamento estatístico	127
8.2	Estimação pontual e intervalos de confiança	134
8.3	Teste de hipótese	140
8.3.1	Teste t (one sample t-test)	144
8.3.2	Teste t (independent two sample t-test)	145

8.3.3	Teste t variância diferentes	146
8.3.4	Teste t pareado	147
8.3.5	Teste F	148
A	Documentos dinâmicos	151
A.1	Literate Programming	151
A.2	Literate Programming no R	152
A.3	Markdown	152
A.3.1	Sintaxe do Markdown	153
A.3.2	Escrevendo um documento em Markdown	155
A.4	Pandoc	156
A.5	Documentos dinâmicos com Markdown e R	157
A.6	R Markdown e knitr	160
A.6.1	Metadados	162
A.6.2	Convertendo R Markdown para outros formatos	162
A.6.3	Opções do knitr	163
A.6.4	Citações	164
A.6.5	Extraindo código-fonte	164
A.6.6	Outras linguagens	165
B	Programação Orientada a Objetos	167
C	Scripts	171

Prefácio

Esta apostila foi delineada para servir como material de apoio à disciplina CE083- Estatística Computacional I. Tal disciplina é ministrada no segundo semestre do curso de bacharelado em Estatística da UFPR. O principal objetivo do curso é introduzir os aspectos básico do software estatístico R. O curso é dividido em duas etapas: a primeira etapa é destinada a aspectos básicos da linguagem R e sua operacionalização. Esta etapa complempla os Capítulos 1 a 5. A segunda etapa objetiva exemplificar o uso do software R através de técnicas de estatística básica. Nesta etapa revisamos as principais técnicas para resumo e apresentação de dados através de gráficos e tabelas, bem como, sua implementação computacional através do software R. Os principais aspectos ligados à distribuições de probabilidades são discutidos no Capítulo 7, incluindo tópicos em integração numérica. Por fim, no Capítulo 8 apresentamos um conjunto de técnicas para a construção de intervalos de confiança e testes de hipóteses e exemplificamos as as principais técnicas através de sua implementação em R. Alguns tópicos adicionais como documentos dinâmicos e programação orientada a objetos são apresentados no Apêndice.

Para quem este material é destinado?

Este material é destinado prioritariamente aos alunos do curso de bacharelado em Estatística da UFPR. Porém, o material pode ser usado por qualquer pessoa que tenha interesse em aprender os aspectos básicos da linguagem R com aplicações em estatística. É assumido que o estudante tem um conhecimento mínimo de análise exploratória de dados (gráficos e tabela), distribuições de probabilidade e noções de inferência estatística, em particular construção de intervalos de confiança e testes de hipóteses baseados na distribuição normal. Tais requisitos são facilmente obtidos em disciplinas tais como CE081 - Estatística Descritiva e Inferencial Básica e CE003 - Estatística Básica. Além disso, é assumido que o aluno tenha alguma familiaridade com o uso de computadores.

Informação de sessão

Abaixo seguem as informações do ambiente em que o documento foi gerado pela última vez.

Monday, 16 January, 2023, 22:40

R version 4.2.2 (2022-10-31)

Platform: x86_64-pc-linux-gnu (64-bit)

Running under: Ubuntu 22.04.1 LTS

Matrix products: default

BLAS: /usr/lib/x86_64-linux-gnu/openblas-pthread/libblas.so.3

LAPACK: /usr/lib/x86_64-linux-gnu/openblas-pthread/libopenblas-p0.3.20.so

locale:

[1] LC_CTYPE=C.UTF-8

LC_NUMERIC=C

LC_TIME=C.UTF-8

[4] LC_COLLATE=C.UTF-8

LC_MONETARY=C.UTF-8

LC_MESSAGES=C.UTF-8

[7] LC_PAPER=C.UTF-8

LC_NAME=C

LC_ADDRESS=C

```
[10] LC_TELEPHONE=C          LC_MEASUREMENT=C.UTF-8 LC_IDENTIFICATION=C
```

attached base packages:

```
[1] stats      graphics  grDevices datasets  utils      methods    base
```

other attached packages:

```
[1] knitr_1.40
```

loaded via a namespace (and not attached):

```
[1] compiler_4.2.2  magrittr_2.0.3  fastmap_1.1.0  bookdown_0.29
[5] cli_3.4.1       htmltools_0.5.3 tools_4.2.2    yaml_2.3.6
[9] stringi_1.7.8   rmarkdown_2.17 stringr_1.4.1  digest_0.6.30
[13] xfun_0.34       rlang_1.0.6     renv_0.16.0    evaluate_0.17
```


Parte I

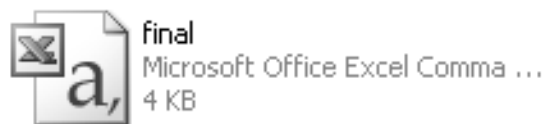
R básico

Capítulo 1

Computação científica e interação com o R

1.1 Interagindo com o computador

O que significa este ícone?



- É um documento do Microsoft Excel?
- É um arquivo de **texto pleno**, separado por vírgulas (CSV *comma separated values*);
- De fato, o nome do arquivo é `final.csv` e não `final`;
- O Excel pode sim abrir este arquivo... assim como milhares de outros programas!

O que está acontecendo?

- O computador (leia-se, nesse caso, o sistema operacional Windows) “proteje” o usuário dos “detalhes sujos”.
- Isso é ruim? **Sim!**
- O usuário se acostuma com o computador ditando as regras.
- É importante lembrar que é você quem deve dizer o que o computador deve fazer (nesse caso, com qual programa abrir certo arquivo).

O que deve acontecer?

- Para a maioria dos usuários, a interação com o computador se limita a clicar em links, selecionar menus e caixas de diálogo.
- O problema com essa abordagem é que parece que o usuário é controlado pelo computador.
- A verdade deve ser o oposto!
- É o usuário que possui o controle e deve dizer para o computador exatamente o que fazer.
- Escrever código ainda tem a vantagem de deixar registrado tudo o que foi feito, possibilitando a reprodução e auditoria.

1.2 Editores de texto

Uma característica importante de códigos de programação é que eles são em **texto puro**, por isso precisamos de um bom **editor de textos**.

Características de um bom editor:

- **Identação automática;**
- **Complementação de parênteses;**
- **Destaque de sintaxe** (*syntax highlighting*);
- **Numeração de linhas;**
- **Auto completar comandos.**

1.2.1 Editores para R

Windows:

- Interface padrão: pouco recomendado.
- Tinn-R.

Linux:

- Vim-R-plugin.
- Gedit-R-plugin.

Todas as plataformas:

- Rstudio: recomendado para iniciantes.
- Emacs + ESS: altamente recomendado.

1.3 R

“The statistical software should help, by supporting each step from user to programmer, with as few intrusive barriers as possible.”

“... to turn ideas into software, quickly and faithfully.”

— John M. Chambers

O R é um *dialecto* da linguagem de programação S que inclui:

- Ambiente estatístico para análise de dados e produção de gráficos.
- Uma linguagem de programação completa:
 - Interpretada (contrário de compilada).
 - Orientada a objetos.

Tudo no R é um objeto...

- Livre distribuição (código-aberto).
- 18732 (em 2022-10-14) pacotes adicionais “oficiais” (disponíveis no repositório [CRAN](https://cran.r-project.org/)).

Pequeno histórico:

- 1980: Linguagem S: desenvolvida por R. Becker, J. Chambers e A. Wilks (AT&T Bell Laboratories);
- 1980: Versão comercial: S-Plus (Insightful Corporation);
- 1996: Versão livre: R desenvolvido por R. Ihaka e R. Gentleman (Universidade de Auckland);
- 1997: R Development Core Team;
- Hoje: desenvolvedores principais (*core team*) e muitos outros colaboradores em todo o mundo;
- Estatísticos, matemáticos, programadores e profissionais de formação e atuação em outras áreas.

1.3.1 Configuração inicial

- O **diretório de trabalho** é uma pasta onde o R será direcionado. Todos os arquivos que serão importados (base de dados, ...) ou exportados (base de dados, gráficos, ...) por ele ficarão nesta pasta.
- Existem duas maneiras de configurar o diretório de trabalho (suponha que vamos usar a pasta ~/estatcomp1):
- 1) Utilizando a função `setwd()` dentro do R:

```
setwd("~/estatcomp1")
```

- 2) Pelo menu do RStudio em `Session > Set Working Directory > Choose Directory...`. Confira o diretório que está trabalhando com a função

```
getwd()
```

1.3.2 O R como uma calculadora

O símbolo `>` indica que o R está pronto para receber um comando:

```
> 2 + 2
[1] 4
```

O símbolo `>` muda para `+` se o comando estiver incompleto:

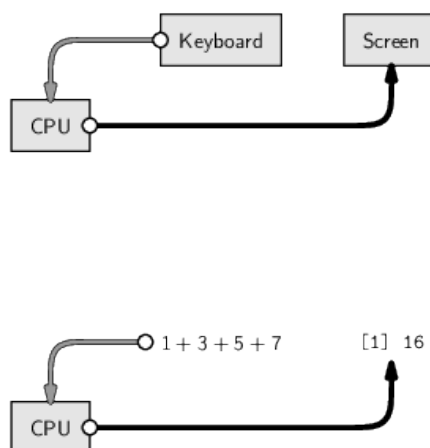
```
> 2 *
+ 2
[1] 4
```

Espaços entre os números não fazem diferença:

```
> 2+      2
[1] 4
```

1.3.3 Para onde vão os resultados?

```
> 1 + 3 + 5 + 7
[1] 16
```



- Note que o resultado é apenas mostrado na tela, nada é salvo na memória (por enquanto).

1.3.4 O editor de scripts

- Para criar rotinas computacionais é necessário utilizar um editor de scripts.
- Clique em File > New file > R script. Salve com a extensão .R.
- Para enviar comandos diretamente para o console, selecione-os e aperte Ctrl + <Enter>.
- Para adicionar comentários ao script, utiliza-se o símbolo # antes do texto e/ou comandos. O que estiver depois do símbolo não será interpretado pelo R. Portanto:

```
2 + 2      # esta linha será executada
# 2 + 2    esta linha não será executada
```

1.3.5 Operadores aritméticos

Operador	Significado
+	adição
-	subtração
*	multiplicação
/	divisão
^ ou **	potência
sqrt()	raiz quadrada
exp()	exponencial
log(); log2(); log10()	logaritmos
factorial()	fatorial

1.3.6 Ordens de execução

As operações são realizadas sempre seguindo as prioridades:

1. De dentro para fora de parênteses ().
2. Potência e radiciação.
3. Multiplicação e divisão.
4. Adição e subtração.

```
> 5 * 2 - 10 + 7
[1] 7
> 5 * 2 - (10 + 7)
[1] -7
> 5 * (2 - 10 + 7)
[1] -5
> 5 * (2 - (10 + 7))
[1] -75
> 2*3^2
[1] 18
> 2*3**2
[1] 18
> 3*sqrt(9**2)
[1] 27
> exp(1)
[1] 2.718282
> log2(16)
[1] 4
```

Exercícios

1. Calcule a seguinte equação: $32 + 16^2 - 25^3$
2. Divida o resultado por 345

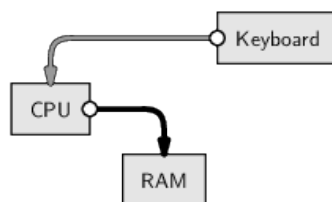
3. Qual o resultado da expressão $\frac{e^{-2}2^4 - 1}{4!}$?
4. E do logaritmo desta expressão?

1.3.7 “Salvando” resultados

Do exercício anterior

```
> x <- 32 + 16^2 - 25^3
> x
[1] -15337
> x/345
[1] -44.45507
> (y <- (exp(-2) * 2^4 - 1)/factorial(4))
[1] 0.04855686
> log(y)
[1] -3.02502
```

Quando criamos uma variável (x, y), ela fica armazenada **temporariamente** na memória RAM.



Para saber quais objetos foram criados, usamos a **função** `ls()`

```
> ls()
[1] "x" "y"
```

Estas variáveis ficam armazenadas no chamado *workspace* do R.

- O *workspace* consiste de tudo que foi criado durante uma sessão do R, e fica armazenado na memória RAM.

Para efetivamente salvar essas variáveis, podemos armazenar esse *workspace* do R em disco, em um arquivo chamado `.Rdata`





- Quando o R é iniciado em um diretório com um arquivo `.Rdata`, as variáveis salvas são automaticamente carregadas.
- No entanto, é sempre melhor salvar os dados e o **script**, assim é possível gerar os resultados novamente, sem salvar nada sem necessidade.
- Veremos mais pra frente como salvar variáveis específicas, por exemplo, resultados de uma análise que leva muito tempo para ser executada.
- O mais importante é salvar o **código**, assim sabemos **como** chegamos a determinado resultado, e podemos recriá-lo.

1.3.8 Finalizando o programa

A qualquer momento durante uma sessão você pode usar o comando

```
> save.image()
```

No RStudio:

- File > Save As...
- Na janela que abrir, digite o nome do arquivo (por exemplo `script_aula1`) e salve.
- Automaticamente o script será salvo com a extensão `.R` (nesse caso `script_aula1.R`) no diretório de trabalho que você configurou no início.

Alternativamente, você pode também salvar toda sua área de trabalho, clicando em Workspace > Save As Default Workspace. Este processo irá gerar dois arquivos:

- `.Rdata`: contém todos os objetos criados durante uma sessão. Não é necessário (e nem recomendado) dar um nome antes do ponto. Dessa forma, a próxima vez que o programa for iniciado neste diretório, a área de trabalho será carregada automaticamente.
- `.Rhistory`: um arquivo texto que contém todos os comandos que foram digitados no console.

1.3.9 Encoding

Caracteres especiais (cedilha, acentos, dentre outros) podem gerar problemas de visualização entre diferentes sistemas operacionais que utilizam diferentes codificações (*encodings*). Não iremos tratar disto neste momento, mas se voce visualizar estes caracteres de maneira “estranha” é porque irá precisar conciliar os “encodings”.

Referências

- Leek, J. [The Elements of Data Analytic Style](#). Leanpub, 2015.
- Murrell, P. [Introduction to data technologies](#). Boca Raton: Chapman & Hall/CRC, 2009.
- Peng, RD. [R programming for data science](#). Leanpub, 2015.

Capítulo 2

Objetos e classes

2.1 Funções e argumentos

As funções no R são definidas como:

```
nome(argumento1, argumento2, ...)
```

Exemplo: função `runif()` (para gerar valores aleatórios de uma distribuição uniforme):

```
runif(n, min = 0, max = 1)
```

```
runif(10, 1, 100)
```

```
[1] 31.468845 26.509578 55.679921 6.581932 47.386379 48.893303 81.427859  
[8] 37.661733 55.109301 17.855943
```

Argumentos que já possuem um valor especificado (como `max` e `min`) podem ser omitidos:

```
runif(10)
```

Se os argumentos forem nomeados, a ordem deles dentro da função não tem mais importância:

```
runif(min = 1, max = 100, n = 10)
```

Argumentos nomeados e não nomeados podem ser utilizados, desde que os não nomeados estejam na posição correta:

```
runif(10, max = 100, min = 1)
```

2.1.1 Outros tipos de argumentos

Exemplo: função `sample()`:

```
sample(x, size, replace = FALSE, prob = NULL)
```

- `x` e `size` devem ser obrigatoriamente especificados.
- `replace` é lógico: TRUE (T) ou FALSE (F).
- `prob` é um argumento vazio ou ausente (“opcional”).

Exemplo: função `plot()`:

```
plot(x, y, ...)
```

- “...” permite especificar argumentos de outras funções (por exemplo `par()`).

Para ver todos os argumentos disponíveis de uma função, podemos usar a função `args()`.

```
args(sample)
function (x, size, replace = FALSE, prob = NULL)
NULL
```

2.2 Mecanismos de ajuda

Argumentos e detalhes do funcionamento das funções:

```
?runif
```

ou

```
help(runif)
```

A documentação contém os campos:

- **Description:** breve descrição.
- **Usage:** função e todos seus argumentos.
- **Arguments:** lista descrevendo cada argumento.
- **Details:** descrição detalhada.
- **Value:** o que a função retorna.
- **References:** bibliografia relacionada.
- **See Also:** funções relacionadas.
- **Examples:** exemplos práticos.

Procura por nomes de funções que contenham algum termo:

```
apropos("mod")
apropos("model")
```

Procura por funções que contenham palavra em qualquer parte de sua documentação:

```
help.search("palavra")
```

Ajuda através do navegador (também contém manuais, ...):

```
help.start()
```

Sites para busca na documentação dos diversos pacotes:

- RDocumentation <https://www.rdocumentation.org/>.
- R Package Documentation <https://rdrr.io/>.
- R Contributed Documentation (várias línguas). <https://cran.r-project.org/other-docs.html>.

Os pacotes do R contêm funções específicas para determinadas tarefas, e estendem a instalação básica do R. Atualmente existem mais de 10000 pacotes disponíveis no [CRAN](#), além de diversos outros hospedados em sites como [Github](#), por exemplo.

Ao instalar o R, os seguintes pacotes já vêm instalados (fazem parte do chamado “R core”):

```
[1] "base"      "boot"      "class"     "cluster"   "codetools"
[6] "compiler"  "datasets"  "foreign"   "graphics"  "grDevices"
[11] "grid"      "KernSmooth" "lattice"   "MASS"      "Matrix"
[16] "methods"   "mgcv"      "nlme"      "nnet"      "parallel"
[21] "rpart"     "spatial"   "splines"   "stats"     "stats4"
[26] "survival"  "tcltk"     "tools"     "utils"
```

No entanto, nem todos são carregados na inicialização do R. Por padrão, apenas os seguintes pacotes são carregados automaticamente:

```
[1] "graphics" "grDevices" "datasets" "utils"     "methods"  "base"
```

Para listar os pacotes carregados, use a função

```
search()
```

Note que o primeiro elemento, `.GlobalEnv`, será sempre carregado pois ele é o *ambiente* que irá armazenar (e deixar disponível) os objetos criados pelo usuário. Para carregar um pacote instalado, usamos a função `library()`, por exemplo

```
library(lattice)
search()
```

Isso tornará todas as funções do pacote `lattice` disponíveis para uso.

Para instalar um pacote usamos a função `install.packages()`. Sabendo o nome do pacote, por exemplo, `mvtnorm`, fazemos

```
install.packages("mvtnorm")
```

Se o diretório padrão de instalação de um pacote for de acesso restrito (root por exemplo), o R irá perguntar se você gostaria de instalar o pacote em uma biblioteca pessoal, e sugerirá um diretório que possui as permissões necessárias. Você pode se antecipar e já definir e criar um diretório na sua pasta pessoal, e instalar os pacotes sempre nesse local. Por exemplo, defina `~/R/library` como sua biblioteca pessoal. Para instalar os pacotes sempre nesse diretório faça:

```
install.packages("mvtnorm", lib = "~/R/library")
```

Para verificar as bibliotecas disponíveis e se existem pacotes para serem atualizados, use

```
packageStatus()
```

Para atualizar automaticamente todos os pacotes faça

```
update.packages(ask = FALSE)
```

2.3 Criando uma função

A ideia original do R é transformar usuários em programadores

"... to turn ideas into software, quickly and faithfully."

– John M. Chambers.

Criar funções para realizar trabalhos específicos é um dos grandes poderes do R.

Por exemplo, podemos criar a famosa função

```
ola.mundo <- function(){
  writeLines("Olá mundo")
}
```

E chama-la através de

```
ola.mundo()
Olá mundo
```

A função acima não permite alterar o resultado da saída. Podemos fazer isso incluindo um **argumento**

```
ola.mundo <- function(texto){
  writeLines(texto)
}
```

E fazer por exemplo

```
ola.mundo("Funções são legais")
Funções são legais
```

(Veremos detalhes de funções mais adiante)

Exercícios

1. Usando a função `runif()` gere 30 números aleatórios entre:
 - 0 e 1
 - -5 e 5
 - 10 e 500

alternando a posição dos argumentos da função.

2. Veja o help da função (?) "+"
3. Crie uma função para fazer a soma de dois números: x e y
4. Crie uma função para simular a jogada de um dado.
5. Crie uma função para simular a jogada de dois dados.

2.4 Objetos

O que é um objeto?

- Um **símbolo** ou uma **variável** capaz de armazenar qualquer valor ou estrutura de dados.

Por quê objetos?

- Uma maneira simples de acessar os dados armazenados na memória (o R não permite acesso direto à memória).

Programação:

- Objetos \Rightarrow Classes \Rightarrow Métodos.

"Tudo no R é um objeto."

"Todo objeto no R tem uma classe."

- **Classe:** é a definição de um objeto. Descreve a forma do objeto e como ele será manipulado pelas diferentes funções.
- **Método:** são **funções genéricas** que executam suas tarefas de acordo com cada classe. Duas das funções genéricas mais importantes são:
 - `summary()`.
 - `plot()`.

Veja o resultado de

```
methods(summary)
methods(plot)
```

(Veremos mais detalhes adiante).

A variável x recebe o valor 2 (tornando-se um objeto dentro do R):

```
x <- 2
```

O símbolo `<-` é chamado de **operador de atribuição**. Ele serve para atribuir valores a objetos, e é formado pelos símbolos `<` e `-`, obrigatoriamente **sem espaços**.

Para ver o conteúdo do objeto:

```
x
[1] 2
```

Observação: O símbolo `=` pode ser usado no lugar de `<-` mas não é recomendado.

Quando você faz

```
x <- 2
```

está fazendo uma **declaração**, ou seja, declarando que a variável x irá agora se tornar um objeto que armazena o número 2. As declarações podem ser feitas uma em cada linha

```
x <- 2
y <- 4
```

ou separadas por ;

```
x <- 2; y <- 4
```

Operações matemáticas em objetos:

```
x + x
[1] 4
```

Objetos podem armazenar diferentes estruturas de dados:

```
y <- runif(10)
y
[1] 0.6249965 0.8821655 0.2803538 0.3984879 0.7625511 0.6690217 0.2046122
[8] 0.3575249 0.3594751 0.6902905
```

Note que cada objeto só pode armazenar uma estrutura (um número ou uma sequência de valores) de cada vez! (Aqui, o valor 4 que estava armazenado em y foi sobrescrito pelos valores acima).

2.4.1 Nomes de objetos

- Podem ser formados por letras, números, “_”, e “.”.
- Não podem começar com número e/ou ponto.
- Não podem conter espaços.
- Evite usar acentos.
- Evite usar nomes de funções como:

```
c q t C D F I T diff df data var pt
```

- O R é *case-sensitive*, portanto:

dados ≠ Dados ≠ DADOS.

2.4.2 Gerenciando a área de trabalho

Liste os objetos criados com a função ls():

```
ls()
```

Para remover apenas um objeto:

```
rm(x)
```

Para remover outros objetos:

```
rm(x, y)
```

Para remover todos os objetos:

```
rm(list = ls())
```

Cuidado! O comando acima apaga todos os objetos na sua área de trabalho sem perguntar. Depois só é possível recuperar os objetos ao rodar o script novamente.

Exercícios

1. Armazene o resultado da equação $32 + 16^2 - 25^3$ no objeto `x`.
2. Divida `x` por 345 e armazene em `y`.
3. Crie um objeto (com o nome que você quiser) para armazenar 30 valores aleatórios de uma distribuição uniforme entre 10 e 50.
4. Remova o objeto `y`.
5. Remova os demais objetos de uma única vez.
6. Procure a função utilizada para gerar números aleatórios de uma distribuição de Poisson, e gere 100 valores para a VA $X \sim \text{Poisson}(5)$.

2.5 Tipos e classes de objetos

Para saber como trabalhar com dados no R, é fundamental entender as possíveis estruturas (ou tipos) de dados possíveis. O formato mais básico de dados são os vetores, e a partir deles, outras estruturas mais complexas podem ser construídas. O R possui dois tipos básicos de vetores:

- **Vetores atômicos:** existem seis tipos básicos:
 - `double`.
 - `integer`.
 - `character`.
 - `logical`.
 - `complex`.
 - `raw`.

Os tipos `integer` e `double` são chamados conjuntamente de `numeric`.

- **Listas:** também chamadas de *vetores recursivos* pois listas podem conter outras listas.

A principal diferença entre vetores atômicos e listas é que o primeiro é **homogêneo** (cada vetor só pode conter um tipo), enquanto que o segundo pode ser **heterogêneo** (cada vetor pode conter mais de um tipo).

Um vetor atômico só pode conter elementos de um mesmo tipo.

Um vetor, como o próprio nome diz, é uma estrutura unidimensional, mas na maioria das vezes iremos trabalhar com estruturas de dados bidimensionais (linhas e colunas). Portanto diferentes estruturas (com diferentes dimensões) podem ser criadas a partir dos vetores atômicos. Quando isso acontece, temos o que é chamado de **classe** de um objeto. Embora os vetores atômicos só possuam seis tipos básicos, existe um número muito grande de classes, e novas são inventadas todos os dias. É mesmo que um objeto seja de qualquer classe, ele sempre será de um dos seis tipos básicos (ou uma lista).

Para verificar o tipo de um objeto, usamos a função `typeof()`, enquanto que a classe é verificada com a função `class()`. Vejamos alguns exemplos:

```
## double
x <- c(2, 4, 6)
typeof(x)
[1] "double"
class(x)
[1] "numeric"
## integer
x <- c(2L, 4L, 6L)
typeof(x)
[1] "integer"
class(x)
[1] "integer"
## character
```

```

x <- c("a", "b", "c")
typeof(x)
[1] "character"
class(x)
[1] "character"
## logical
x <- c(TRUE, FALSE, TRUE)
typeof(x)
[1] "logical"
class(x)
[1] "logical"
## complex
x <- c(2 + 1i, 4 + 1i, 6 + 1i)
typeof(x)
[1] "complex"
class(x)
[1] "complex"
## raw
x <- raw(3)
typeof(x)
[1] "raw"
class(x)
[1] "raw"

```

2.5.1 Vetores numéricos

Características:

- Coleção ordenada de valores.
- Estrutura unidimensional.

Usando a função `c()` para criar vetores:

```

num <- c(10, 5, 2, 4, 8, 9)
num
[1] 10 5 2 4 8 9
typeof(num)
[1] "double"
class(num)
[1] "numeric"

```

Por que `numeric` e não `integer`?

```

x <- c(10L, 5L, 2L, 4L, 8L, 9L)
x
[1] 10 5 2 4 8 9
typeof(x)
[1] "integer"
class(x)
[1] "integer"

```

Para forçar a representação de um número para inteiro é necessário usar o sufixo `L`.

Note que a diferença entre `numeric` e `integer` também possui impacto computacional, pois o armazenamento de números inteiros ocupa menos espaço na memória. Dessa forma, esperamos que o vetor `x` acima ocupe menos espaço na memória do que o vetor `num`, embora sejam aparentemente idênticos. Veja:

```
object.size(num)
96 bytes
object.size(x)
80 bytes
```

A diferença pode parecer pequena, mas pode ter um grande impacto computacional quando os vetores são formados por milhares ou milhões de números.

2.5.1.1 Representação numérica dentro do R

Os números que aparecem na tela do console do R são apenas representações simplificadas do número real armazenado na memória. Por exemplo,

```
x <- runif(10)
x
[1] 0.2875775 0.7883051 0.4089769 0.8830174 0.9404673 0.0455565 0.5281055
[8] 0.8924190 0.5514350 0.4566147
```

O objeto `x` contém números como 0.2875775, 0.7883051, etc, que possuem 7 casas decimais, que é o padrão do R. O número de casas decimais é controlado pelo argumento `digits` da função `options()`. Para visualizar essa opção, use

```
getOption("digits")
[1] 7
```

Note que esse valor de 7 é o número de **dígitos significativos**, e pode variar conforme a sequência de números. Por exemplo,

```
y <- runif(10)
y
[1] 0.069360916 0.817775199 0.942621732 0.269381876 0.169348123 0.033895622
[7] 0.178785004 0.641665366 0.022877743 0.008324827
```

possui valores com 9 casas decimais. Isto é apenas a representação do número que aparece na tela. Internamente, cada número é armazenado com uma precisão de 64 bits. Como consequência, cada número possui uma acurácia de até 16 dígitos significativos. Isso pode introduzir algum tipo de erro, por exemplo:

```
sqrt(2)^2 - 2
[1] 4.440892e-16
print(sqrt(2)^2, digits = 22)
[1] 2.000000000000000444089
```

não é exatamente zero, pois a raiz quadrada de 2 não pode ser armazenada com toda precisão com “apenas” 16 dígitos significativos. Esse tipo de erro é chamado de **erro de ponto flutuante**, e as operações nessas condições são chamadas de **aritmética de ponto flutuante**. Para mais informações sobre esse assunto veja [What Every Computer Scientist Should Know About Floating-Point Arithmetic](#) e [Why doesn't R think these numbers are equal?](#).

No R os números podem ser representados com até 22 casas decimais. Você pode ver o número com toda sua precisão usando a função `print()` e especificando o número de casas decimais com o argumento `digits` (de 1 a 22).

```
print(x, digits = 1)
[1] 0.29 0.79 0.41 0.88 0.94 0.05 0.53 0.89 0.55 0.46
print(x, digits = 7) # padrão
[1] 0.2875775 0.7883051 0.4089769 0.8830174 0.9404673 0.0455565 0.5281055
[8] 0.8924190 0.5514350 0.4566147
print(x, digits = 22)
[1] 0.28757752012461423873901 0.78830513544380664825439
```



```
[3] 0.40897692181169986724854 0.88301740400493144989014
[5] 0.94046728429384529590607 0.04555649938993155956268
[7] 0.52810548804700374603271 0.89241904439404606819153
[9] 0.55143501446582376956940 0.45661473530344665050507
```

Também é possível alterar a representação na tela para o formato científico, usando a função `format()`

```
format(x, scientific = TRUE)
[1] "2.875775e-01" "7.883051e-01" "4.089769e-01" "8.830174e-01" "9.404673e-01"
[6] "4.555650e-02" "5.281055e-01" "8.924190e-01" "5.514350e-01" "4.566147e-01"
```

Nessa representação, o valor $2.875775e-01 = 2.875775 \times 10^{-01} = 0.2875775$.

2.5.1.2 Sequências de números

Usando a função `seq()`

```
seq(1, 10)
[1] 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
```

Ou `1:10` gera o mesmo resultado. Para a sequência variar em 2

```
seq(from = 1, to = 10, by = 2)
[1] 1 3 5 7 9
```

Para obter 15 valores entre 1 e 10

```
seq(from = 1, to = 10, length.out = 15)
[1] 1.000000 1.642857 2.285714 2.928571 3.571429 4.214286 4.857143
[8] 5.500000 6.142857 6.785714 7.428571 8.071429 8.714286 9.357143
[15] 10.000000
```

Usando a função `rep()`

```
rep(1, 10)
[1] 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
```

Para gerar um sequência várias vezes

```
rep(c(1, 2, 3), times = 5)
[1] 1 2 3 1 2 3 1 2 3 1 2 3 1 2 3
```

Para repetir um número da sequência várias vezes

```
rep(c(1, 2, 3), each = 5)
[1] 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 3 3 3 3 3
```

2.5.1.3 Operações matemáticas em vetores numéricos

Operações podem ser feitas entre um vetor e um número:

```
num * 2
[1] 20 10 4 8 16 18
```

E também entre vetores de mesmo comprimento ou com comprimentos múltiplos:

```
num * num
[1] 100 25 4 16 64 81
num + c(2, 4, 1)
[1] 12 9 3 6 12 10
```

2.5.1.4 A Regra da Reciclagem

Original		Expandido		Resposta
num	c(2,4,1)	num	c(2,4,1)	num + c(2,4,1)
10	2	10	2	12
5	4	5	4	9
2	1	2	1	3
4		4	2	6
8		8	4	12
9		9	1	10

Agora tente:

```
num + c(2, 4, 1, 3)
```

2.5.2 Outros tipos de vetores

Vetores também podem ter outros tipos:

- Vetor de caracteres:

```
caracter <- c("brava", "joaquina", "armação")
caracter
[1] "brava"      "joaquina"   "armação"
typeof(caracter)
[1] "character"
class(caracter)
[1] "character"
```

- Vetor lógico:

```
logico <- caracter == "armação"
logico
[1] FALSE FALSE TRUE
typeof(logico)
[1] "logical"
class(logico)
[1] "logical"
```

ou

```
logico <- num > 4
logico
[1] TRUE TRUE FALSE FALSE TRUE TRUE
```

No exemplo anterior, a condição `num > 4` é uma **expressão condicional**, e o símbolo `>` um **operador lógico**. Os operadores lógicos utilizados no R são:

Operador	Sintaxe	Teste
<	a < b	a é menor que b?
<=	a <= b	a é menor ou igual a b?
>	a > b	a é maior que b
>=	a >= b	a é maior ou igual a b?
==	a == b	a é igual a b?
!=	a != b	a é diferente de b?

Operador	Sintaxe	Teste
%in%	a %in% c(a, b)	a está contido no vetor c(a, b)?

2.5.3 Misturando classes de objetos

Algumas vezes isso acontece por acidente, mas também pode acontecer de propósito.

O que acontece aqui?

```
w <- c(5L, "a")
x <- c(1.7, "a")
y <- c(TRUE, 2)
z <- c("a", T)
```

Lembre-se da regra:

Um vetor só pode conter elementos do mesmo tipo!

Quando objetos de diferentes tipos são misturados, ocorre a **coerção**, para que cada elemento possua a mesma classe.

Nos exemplos acima, nós vemos o efeito da **coerção implícita**, quando o R tenta representar todos os objetos de uma única forma.

Nós podemos forçar um objeto a mudar de classe, através da **coerção explícita**, realizada pelas funções as.*:

```
x <- 0:6
typeof(x)
[1] "integer"
class(x)
[1] "integer"
as.numeric(x)
[1] 0 1 2 3 4 5 6
as.logical(x)
[1] FALSE TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE
as.character(x)
[1] "0" "1" "2" "3" "4" "5" "6"
as.factor(x)
[1] 0 1 2 3 4 5 6
Levels: 0 1 2 3 4 5 6
```

De ?logical:

Logical vectors are coerced to integer vectors in contexts where a numerical value is required, with 'TRUE' being mapped to '1L', 'FALSE' to '0L' and 'NA' to 'NA_integer_'.

```
(x <- c(FALSE, TRUE))
[1] FALSE TRUE
class(x)
[1] "logical"
as.numeric(x)
[1] 0 1
```

Algumas vezes não é possível fazer a coerção, então:

```
x <- c("a", "b", "c")
as.numeric(x)
Warning: NAs introduced by coercion
[1] NA NA NA
```

```
as.logical(x)
[1] NA NA NA
```

2.5.4 Valores perdidos e especiais

Valores perdidos devem ser definidos como NA (*not available*):

```
perd <- c(3, 5, NA, 2)
perd
[1] 3 5 NA 2
class(perd)
[1] "numeric"
```

Podemos testar a presença de NAs com a função `is.na()`:

```
is.na(perd)
[1] FALSE FALSE TRUE FALSE
```

Ou:

```
any(is.na(perd))
[1] TRUE
```

Outros valores especiais são:

- NaN (*not a number*) - exemplo: $0/0$
- $-\text{Inf}$ e Inf - exemplo: $1/0$

A função `is.na()` também testa a presença de NaNs:

```
perd <- c(-1, 0, 1)/0
perd
[1] -Inf NaN Inf
is.na(perd)
[1] FALSE TRUE FALSE
```

A função `is.infinite()` testa se há valores infinitos

```
is.infinite(perd)
[1] TRUE FALSE TRUE
```

Exercícios

1. Crie um objeto com os valores 54, 0, 17, 94, 12.5, 2, 0.9, 15.
 - a. Some o objeto acima com os valores 5, 6, e depois com os valores 5, 6, 7.
2. Construa um único objeto com as letras: A, B, e C, repetidas cada uma 15, 12, e 8 vezes, respectivamente.
 - a. Mostre na tela, em forma de verdadeiro ou falso, onde estão as letras B nesse objeto.
 - b. Veja a página de ajuda da função `sum()` e descubra como fazer para contar o número de letras B neste vetor (usando `sum()`).
3. Crie um objeto com 100 valores aleatórios de uma distribuição uniforme $U(0,1)$. Conte quantas vezes aparecem valores maiores ou iguais a 0,5.
4. Calcule as 50 primeiras potências de 2, ou seja, $2, 2^2, 2^3, \dots, 2^{50}$.
 - a. Calcule o quadrado dos números inteiros de 1 a 50, ou seja, $1^2, 2^2, 3^2, \dots, 50^2$.
 - b. Quais pares são iguais, ou seja, quais números inteiros dos dois exercícios anteriores satisfazem a condição $2^n = n^2$?
 - c. Quantos pares existem?
5. Calcule o seno, cosseno e a tangente para os números variando de 0 a 2π , com distância de 0.1 entre eles. (Use as funções `sin()`, `cos()`, `tan()`).

- Calcule a tangente usando a relação $\tan(x) = \sin(x) / \cos(x)$.
- Calcule as diferenças das tangentes calculadas pela função do R e pela razão acima.
- Quais valores são exatamente iguais?
- Qual a diferença máxima (em módulo) entre eles? Qual é a causa dessa diferença?

2.6 Outras classes

Como mencionado na seção anterior, o R possui 6 tipos básicos de estrutura de dados, mas diversas classes podem ser construídas a partir destes tipos básicos. Abaixo, veremos algumas das mais importantes.

2.6.1 Fator

Os fatores são parecidos com caracteres no R, mas são armazenados e tratados de maneira diferente.

Características:

- Coleção de categorias ou **níveis** (*levels*).
- Estrutura unidimensional.

Utilizando as funções `factor()` e `c()`:

```
fator <- factor(c("alta", "baixa", "baixa", "media",
                 "alta", "media", "baixa", "media", "media"))
fator
[1] alta baixa baixa media alta media baixa media media
Levels: alta baixa media
class(fator)
[1] "factor"
typeof(fator)
[1] "integer"
```

Note que o objeto é da classe `factor`, mas seu tipo básico é `integer`! Isso significa que cada categoria única é identificada internamente por um número, e isso faz com que os fatores possuam uma ordenação, de acordo com as categorias únicas. Por isso existe a identificação dos `Levels` (níveis) de um fator.

Veja o que acontece quando “remover a classe” desse objeto

```
unclass(fator)
[1] 1 2 2 3 1 3 2 3 3
attr("levels")
[1] "alta" "baixa" "media"
```

Fatores podem ser convertidos para caracteres, e **também** para números inteiros

```
as.character(fator)
[1] "alta" "baixa" "baixa" "media" "alta" "media" "baixa" "media" "media"
as.integer(fator)
[1] 1 2 2 3 1 3 2 3 3
```

Caso haja uma hierarquia, os níveis dos fatores podem ser ordenados explicitamente através do argumento `levels`:

```
fator <- factor(c("alta", "baixa", "baixa", "media",
                 "alta", "media", "baixa", "media", "media"),
               levels = c("alta", "media", "baixa"))
fator
[1] alta baixa baixa media alta media baixa media media
Levels: alta media baixa
```

```
typeof(fator)
[1] "integer"
class(fator)
[1] "factor"
```

Além disso, os níveis dos fatores podem também ser explicitamente ordenados

```
fator <- factor(c("alta", "baixa", "baixa", "media",
                  "alta", "media", "baixa", "media", "media"),
               levels = c("baixa", "media", "alta"),
               ordered = TRUE)

fator
[1] alta  baixa baixa media alta  media baixa media media
Levels: baixa < media < alta
typeof(fator)
[1] "integer"
class(fator)
[1] "ordered" "factor"
```

Veja que um objeto pode ter mais de uma classe. Isso geralmente só será útil em casos específicos.

As seguintes funções são úteis para verificar os níveis e o número de níveis de um fator:

```
levels(fator)
[1] "baixa" "media" "alta"
nlevels(fator)
[1] 3
```

2.6.2 Matriz

Matrizes são vetores que podem ser dispostos em duas dimensões.

Características:

- Podem conter apenas um tipo de informação (números, caracteres)
- Estrutura bidimensional

Utilizando a função `matrix()`:

```
matriz <- matrix(1:12, nrow = 3, ncol = 4)
matriz
  [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]   1   4   7  10
[2,]   2   5   8  11
[3,]   3   6   9  12
class(matriz)
[1] "matrix" "array"
typeof(matriz)
[1] "integer"
```

Alterando a ordem de preenchimento da matriz (por linhas):

```
matriz <- matrix(1:12, nrow = 3, ncol = 4, byrow = TRUE)
matriz
  [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]   1   2   3   4
[2,]   5   6   7   8
[3,]   9  10  11  12
```

Para verificar a dimensão da matriz:

```
dim(matriz)
[1] 3 4
```

Adicionando colunas com cbind()

```
cbind(matriz, rep(99, 3))
      [,1] [,2] [,3] [,4] [,5]
[1,]    1    2    3    4   99
[2,]    5    6    7    8   99
[3,]    9   10   11   12   99
```

Adicionando linhas com rbind()

```
rbind(matriz, rep(99, 4))
      [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]    1    2    3    4
[2,]    5    6    7    8
[3,]    9   10   11   12
[4,]   99   99   99   99
```

Matrizes também podem ser criadas a partir de vetores adicionando um **atributo** de dimensão, por exemplo,

```
m <- 1:10
m
[1] 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
class(m)
[1] "integer"
dim(m)
NULL
dim(m) <- c(2, 5)
m
      [,1] [,2] [,3] [,4] [,5]
[1,]    1    3    5    7    9
[2,]    2    4    6    8   10
class(m)
[1] "matrix" "array"
typeof(m)
[1] "integer"
```

2.6.2.1 Operações matemáticas em matrizes

Matriz multiplicada por um escalar

```
matriz * 2
      [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]    2    4    6    8
[2,]   10   12   14   16
[3,]   18   20   22   24
```

Multiplicação de matrizes (observe as dimensões!)

```
matriz2 <- matrix(1, nrow = 4, ncol = 3)
matriz %*% matriz2
      [,1] [,2] [,3]
[1,]   10   10   10
[2,]   26   26   26
[3,]   42   42   42
```

2.6.3 Array

Um array é a forma mais geral de uma matriz, pois pode ter n dimensões.

Características:

- Estrutura n -dimensional.
- Assim como as matrizes, podem conter apenas um tipo de informação (números, caracteres).

Para criar um array, usamos a função `array()`, passando como primeiro argumento um vetor atômico, e especificamos a dimensão com o argumento `dim`. Por exemplo, para criar um objeto com 3 dimensões $2 \times 2 \times 3$, fazemos

```
ar <- array(1:12, dim = c(2, 2, 3))
ar
, , 1
     [,1] [,2]
[1,]    1    3
[2,]    2    4

, , 2
     [,1] [,2]
[1,]    5    7
[2,]    6    8

, , 3
     [,1] [,2]
[1,]    9   11
[2,]   10   12
```

Similarmente, um array de 2 dimensões $3 \times 2 \times 2$ é obtido com

```
ar <- array(1:12, dim = c(3, 2, 2))
ar
, , 1
     [,1] [,2]
[1,]    1    4
[2,]    2    5
[3,]    3    6

, , 2
     [,1] [,2]
[1,]    7   10
[2,]    8   11
[3,]    9   12
```

2.6.4 Lista

Como já vimos, uma lista não é uma “classe” propriamente dita, mas sim um tipo de estrutura de dados básico, ao lado dos vetores atômicos. E, assim como os vetores atômicos, listas são estruturas unidimensionais. A grande diferença é que listas agrupam objetos de diferentes tipos, inclusive outras listas.

Características:

- Pode combinar uma coleção de objetos de diferentes tipos ou classes (é um tipo básico de vetor, assim como os vetores atômicos).
- Estrutura “unidimensional”: apenas o número de elementos na lista é contado.

Por exemplo, podemos criar uma lista com uma sequência de números, um caracter e outra lista.

```
lista <- list(1:30, "R", list(TRUE, FALSE))
lista
[[1]]
 [1]  1  2  3  4  5  6  7  8  9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25
[26] 26 27 28 29 30

[[2]]
[1] "R"

[[3]]
[[3]][[1]]
[1] TRUE

[[3]][[2]]
[1] FALSE
class(lista)
[1] "list"
typeof(lista)
[1] "list"
```

Para melhor visualizar a estrutura dessa lista (ou de qualquer outro objeto) podemos usar a função `str()`

```
str(lista)
List of 3
 $ : int [1:30] 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ...
 $ : chr "R"
 $ :List of 2
  ..$ : logi TRUE
  ..$ : logi FALSE
```

Note que de fato é uma estrutura unidimensional

```
dim(lista)
NULL
length(lista)
[1] 3
```

Listas podem armazenar objetos de diferentes classes e dimensões, por exemplo, usando objetos criados anteriormente

```
lista <- list(fator, matriz)
lista
[[1]]
[1] alta  baixa baixa media alta  media baixa media media
Levels: baixa < media < alta

[[2]]
      [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]    1    2    3    4
[2,]    5    6    7    8
[3,]    9   10   11   12
length(lista)
```

```
[1] 2
```

2.6.5 Data frame

Data frame é a versão bidimensional de uma lista. Data frames **são** listas, mas onde cada componente deve ter obrigatoriamente o mesmo comprimento. Cada vetor da lista vira uma coluna em um data frame, permitindo então que as “colunas” sejam de diferentes tipos.

Os data frames são as estruturas mais comuns para se trabalhar com dados no R.

Características:

- Uma lista de vetores e/ou fatores, de **mesmo comprimento**.
- Pode conter diferentes tipos de dados (numérico, fator, ...).
- Estrutura bidimensional.

Utilizando a função `data.frame()`:

```
da <- data.frame(nome = c("João", "José", "Maria"),
                 sexo = c("M", "M", "F"),
                 idade = c(32, 34, 30))

da
  nome sexo idade
1 João   M    32
2 José   M    34
3 Maria  F    30
class(da)
[1] "data.frame"
typeof(da)
[1] "list"
dim(da)
[1] 3 3
```

Veja os detalhes com `str()`

```
str(da)
'data.frame':  3 obs. of  3 variables:
 $ nome : chr  "João" "José" "Maria"
 $ sexo : chr  "M" "M" "F"
 $ idade: num  32 34 30
```

Em versões anteriores a função `data.frame()` convertia caracteres para fator automaticamente mas o padrão mudou. Use o argumento `stringsAsFactors` para controlar este comportamento.

```
da <- data.frame(nome = c("João", "José", "Maria"),
                 sexo = c("M", "M", "F"),
                 idade = c(32, 34, 30))

da
  nome sexo idade
1 João   M    32
2 José   M    34
3 Maria  F    30
str(da)
'data.frame':  3 obs. of  3 variables:
 $ nome : chr  "João" "José" "Maria"
 $ sexo : chr  "M" "M" "F"
 $ idade: num  32 34 30

da <- data.frame(nome = c("João", "José", "Maria"),
```

```

        sexo = c("M", "M", "F"),
        idade = c(32, 34, 30),
        stringsAsFactors = FALSE)

str(da)
'data.frame':  3 obs. of  3 variables:
 $ nome : chr  "João" "José" "Maria"
 $ sexo : chr  "M" "M" "F"
 $ idade: num  32 34 30

da <- data.frame(nome = c("João", "José", "Maria"),
                 sexo = c("M", "M", "F"),
                 idade = c(32, 34, 30),
                 stringsAsFactors = TRUE)

str(da)
'data.frame':  3 obs. of  3 variables:
 $ nome : Factor w/ 3 levels "João","José",...: 1 2 3
 $ sexo : Factor w/ 2 levels "F","M": 2 2 1
 $ idade: num  32 34 30

```

Data frames podem ser formados com objetos criados anteriormente, desde que tenham o mesmo comprimento:

```

length(num)
[1] 6
length(fator)
[1] 9
db <- data.frame(numerico = c(num, NA, NA, NA),
                 fator = fator)

db
  numerico fator
1      10  alta
2       5 baixa
3       2 baixa
4       4  media
5       8  alta
6       9  media
7      NA baixa
8      NA  media
9      NA  media

str(db)
'data.frame':  9 obs. of  2 variables:
 $ numerico: num  10 5 2 4 8 9 NA NA NA
 $ fator   : Ord.factor w/ 3 levels "baixa"<"media"<...: 3 1 1 2 3 2 1 2 2

```

Algumas vezes pode ser necessário converter um data frame para uma matriz. Existem duas opções:

```

as.matrix(db)
  numerico fator
[1,] "10"     "alta"
[2,] " 5"     "baixa"
[3,] " 2"     "baixa"
[4,] " 4"     "media"
[5,] " 8"     "alta"
[6,] " 9"     "media"
[7,] NA      "baixa"
[8,] NA      "media"

```

```
[9,] NA      "media"
data.matrix(db)
      numerico fator
[1,]      10      3
[2,]       5      1
[3,]       2      1
[4,]       4      2
[5,]       8      3
[6,]       9      2
[7,]      NA      1
[8,]      NA      2
[9,]      NA      2
```

Geralmente é o resultado de `data.matrix()` o que você está procurando.

Lembre que os níveis de um fator são armazenados internamente como números: 1º nível = 1, 2º nível = 2,

```
fator
[1] alta  baixa baixa media alta  media baixa media media
Levels: baixa < media < alta
str(fator)
Ord.factor w/ 3 levels "baixa"<"media"<...: 3 1 1 2 3 2 1 2 2
as.numeric(fator)
[1] 3 1 1 2 3 2 1 2 2
```

2.7 Atributos de objetos

Um atributo é um pedaço de informação que pode ser “anexado” à qualquer objeto, e não irá interferir nos valores daquele objeto. Os atributos podem ser vistos como “metadados”, alguma descrição associada a um objeto. Os principais atributos são:

- names
- dimnames
- dim
- class

Alguns atributos também podem ser visualizados de uma só vez através da função `attributes()`.

Por exemplo, considere o seguinte vetor

```
x <- 1:6
attributes(x)
NULL
```

Mostra que o objeto `x` não possui nenhum atributo. Mas podemos definir nomes, por exemplo, para cada componente desse vetor

```
names(x)
NULL
names(x) <- c("um", "dois", "tres", "quatro", "cinco", "seis")
names(x)
[1] "um"      "dois"    "tres"    "quatro"  "cinco"   "seis"
attributes(x)
$names
[1] "um"      "dois"    "tres"    "quatro"  "cinco"   "seis"
```

Nesse caso específico, o R irá mostrar os nomes acima dos componentes, mas isso não altera como as operações serão realizadas.

```
x
  um  dois  tres quatro cinco  seis
  1    2    3     4     5     6
x + 2
  um  dois  tres quatro cinco  seis
  3    4    5     6     7     8
```

Os nomes então podem ser definidos através da função *auxiliar* `names()`, sendo assim, também podemos remover esse atributo declarando ele como nulo.

```
names(x) <- NULL
attributes(x)
NULL
x
[1] 1 2 3 4 5 6
```

Outros atributos também podem ser definidos de maneira similar. Veja os exemplos abaixo:

```
length(x)
[1] 6
## Altera o comprimento (preenche com NA)
length(x) <- 10
x
[1] 1 2 3 4 5 6 NA NA NA NA
## Altera a dimensão
length(x) <- 6
dim(x)
NULL
dim(x) <- c(3, 2)
x
      [,1] [,2]
[1,]    1    4
[2,]    2    5
[3,]    3    6
attributes(x)
$dim
[1] 3 2
## Remove dimensão
dim(x) <- NULL
x
[1] 1 2 3 4 5 6
```

Assim como vimos em data frames, listas também podem ter nomes

```
x <- list(Curitiba = 1, Paraná = 2, Brasil = 3)
x
$Curitiba
[1] 1

$Paraná
[1] 2

$Brasil
[1] 3
names(x)
[1] "Curitiba" "Paraná"    "Brasil"
```

Podemos também associar nomes às *linhas* e *colunas* de uma matriz:

```
matriz
      [,1] [,2] [,3] [,4]
[1,]    1    2    3    4
[2,]    5    6    7    8
[3,]    9   10   11   12
attributes(
  $dim
[1] 3 4
rownames(matriz) <- c("A","B","C")
colnames(matriz) <- c("T1","T2","T3","T4")
matriz
   T1 T2 T3 T4
A   1  2  3  4
B   5  6  7  8
C   9 10 11 12
attributes(
  $dim
[1] 3 4

  $dimnames
  $dimnames[[1]]
[1] "A" "B" "C"

  $dimnames[[2]]
[1] "T1" "T2" "T3" "T4"
```

Para data frames existe uma função especial para os nomes de linhas, `row.names()`. Data frames também não possuem nomes de colunas, apenas nomes, já que é um caso particular de lista. Então para verificar/alterar nomes de colunas de um data frame também use `names()`.

```
da
  nome sexo idade
1 João   M    32
2 José   M    34
3 Maria  F    30
attributes(
  $names
[1] "nome" "sexo" "idade"

  $class
[1] "data.frame"

  $row.names
[1] 1 2 3
names(da)
[1] "nome" "sexo" "idade"
row.names(da)
[1] "1" "2" "3"
```

Um resumo das funções para alterar/acessar nomes de linhas e colunas em matrizes e data frames.

Classe	Nomes de colunas	Nomes de linhas
data.frame	<code>names()</code>	<code>row.names()</code>
matrix	<code>colnames()</code>	<code>rownames()</code>

Exercícios

1. Crie um objeto para armazenar a seguinte matriz

$$\begin{bmatrix} 2 & 8 & 4 \\ 0 & 4 & 1 \\ 9 & 7 & 5 \end{bmatrix}$$

2. Atribua nomes para as linhas e colunas dessa matriz.
3. Crie uma lista (**não nomeada**) com dois componentes: (1) um vetor com as letras A, B, e C, repetidas 2, 5, e 4 vezes respectivamente; e (2) a matriz do exemplo anterior.
4. Atribua nomes para estes dois componentes da lista.
5. Inclua mais um componente nesta lista, com o nome de fator, e que seja um vetor da classe factor, idêntico ao objeto character criado acima (que possui apenas os nomes brava, joaquina, armação).
6. Crie um data frame para armazenar duas variáveis: local (A, B, C, D), e contagem (42, 34, 59 e 18).
7. Crie um data frame com as seguintes colunas:
 - Nome
 - Sobrenome
 - Se possui animal de estimação
 - Caso possua, dizer o número de animais (caso contrário, colocar 0)

Para criar o data frame, a primeira linha deve ser preenchida com as suas próprias respostas (use a função `data.frame()`). Depois, pergunte essas mesmas questões para dois colegas ao seu lado, e adicione as respostas deles à esse data frame (use `rbind()`). Acrescente mais uma coluna com o nome do time de futebol de cada um.

Referências

Para mais detalhes e exemplos dos assuntos abordados aqui, veja Golemund (2014). Uma abordagem mais avançada e detalhada sobre programação orientada a objetos no R pode ser consultada em Wickham (2015).

Golemund, Garrett. 2014. *Hands-On Programming with R - Write Your Own Functions and Simulations*.

O'Reilly Media. <http://shop.oreilly.com/product/0636920028574.do>.

Wickham, Hadley. 2015. *Advanced R*. CRC Press.

Capítulo 3

Indexação e seleção condicional

3.1 Indexação

Existem 6 maneiras diferentes de indexar valores no R. Podemos indexar usando:

- Inteiros positivos.
- Inteiros negativos.
- Zero.
- Espaço em branco.
- Nomes.
- Valores lógicos.

Existem três tipos de operadores que podem ser usados para indexar (e selecionar) **sub-conjuntos** (*subsets*) de objetos no R:

- O operador [] sempre retorna um objeto da mesma classe que o original. Pode ser usado para selecionar múltiplos elementos de um objeto.
- O operador [[]] é usado para extrair elementos de uma **lista** ou **data frame**. Pode ser usado para extrair um único elemento, e a classe do objeto retornado não precisa necessariamente ser uma lista ou data frame.
- O operador \$ é usado para extrair elementos **nomeados** de uma lista ou data frame. É similar ao operador [[]].

3.1.1 Indexação de vetores

Observe o seguinte vetor de contagens

```
cont <- c(8, 4, NA, 9, 6, 1, 7, 9)
cont
[1] 8 4 NA 9 6 1 7 9
```

Para acessar o valor que está na posição 4, faça:

```
cont[4]
[1] 9
```

Os colchetes [] são utilizados para **extração** (seleção de um intervalo de dados) ou **substituição** de elementos. O valor dentro dos colchetes é chamado de **índice**.

Para acessar os valores nas posições 1, 4 e 8 é necessário o uso da função c():

```
cont[c(1, 4, 8)]
[1] 8 9 9
```

Ou:

```
ind <- c(1, 4, 8)
cont[ind]
[1] 8 9 9
```

Note que os índices no R começam em 1, e não em 0, como em algumas outras linguagens.

Para selecionar todos os valores, **excluindo** aquele da posição 4, usamos um índice negativo

```
cont[-4]
[1] 8 4 NA 6 1 7 9
```

Da mesma forma se quiséssemos todos os valores, menos aqueles das posições 1, 4 e 8:

```
cont[-c(1, 4, 8)]
[1] 4 NA 6 1 7
```

Também é possível selecionar uma sequência de elementos (com qualquer uma das funções de gerar sequências que já vimos antes):

```
## Seleciona os elementos de 1 a 5
cont[1:5]
[1] 8 4 NA 9 6
## Seleciona os elementos nas posições ímpar
cont[seq(1, 8, by = 2)]
[1] 8 NA 6 7
```

Mas note que para selecionar todos menos aqueles de uma sequência, precisamos colocá-la entre parênteses

```
cont[-1:5]
Error in cont[-1:5]: only 0's may be mixed with negative subscripts
cont[-(1:5)]
[1] 1 7 9
```

Para selecionar todos os elementos que sejam NA, ou todos menos os NAs, precisamos usar a função `is.na()`

```
## Para selecionar os NAs
cont[is.na(cont)]
[1] NA
## Para selecionar todos menos os NAs
cont[!is.na(cont)]
[1] 8 4 9 6 1 7 9
```

Para substituir os NAs por algum valor (*e.g.* 0):

```
cont[is.na(cont)] <- 0
cont
[1] 8 4 0 9 6 1 7 9
```

E para especificar NA para algum valor

```
is.na(cont) <- 3
cont
[1] 8 4 NA 9 6 1 7 9
## Mais seguro do que
# cont[3] <- NA
```

Note que se utilizarmos o operador de atribuição `<-` em conjunto com uma indexação, estaremos **substituindo** os valores selecionados pelos valores do lado direito do operador de atribuição.

Podemos também utilizar mais duas formas de indexação no R: espaços em branco e zero:

```
cont[0]
numeric(0)
cont[]
[1] 8 4 NA 9 6 1 7 9
```

Note que o índice zero não existe no R, mas ao utilizá-lo é retornado um vetor “vazio”, ou um vetor de comprimento zero. Essa forma de indexação é raramente utilizada no R.

Ao deixar um espaço em branco, estamos simplesmente informando que queremos todos os valores daquele vetor. Essa forma de indexação será particularmente útil para objetos que possuem duas ou mais dimensões, como matrizes e data frames.

Exercícios

1. Crie um vetor com os valores: 88, 5, 12, 13.
2. Selecione o elemento na posição 3.
3. Selecione o valor 88.
4. Selecione os valores 13 e 5.
5. Selecione todos os valores, menos o 88 e o 13.
6. Insira o valor 168 **entre** os valores 12 e 13, criando um novo objeto.

3.1.1.1 Vetores nomeados

Quando vetores possuem seus componentes **nomeados**, a indexação pode ser realizada pelos nomes destes componentes.

```
## Atribui as letras "a", "b", ..., "h" para os componentes de cont
names(cont) <- letters[1:length(cont)]
## Acessando o quarto elemento
cont["d"]
d
9
## Acessando o sexto e o primeiro elemento
cont[c("f", "a")]
f a
1 8
```

Dica: veja ?letters

3.1.2 Indexação de matrizes

Considere a seguinte matriz

```
mat <- matrix(1:9, nrow = 3)
mat
      [,1] [,2] [,3]
[1,]    1    4    7
[2,]    2    5    8
[3,]    3    6    9
```

Acesse o valor que está na linha 2 da coluna 3:

```
mat[2, 3]
[1] 8
```

A indexação de matrizes sempre segue a ordem [linha, coluna]

Para acessar todas as linhas da coluna 1, deixamos o espaço em branco (que também é uma forma de seleção, como vimos) na posição das linhas e especificamos a coluna desejada

```
mat[, 1]
[1] 1 2 3
```

Para acessar todas as colunas da linha 1, usamos a mesma lógica

```
mat[1, ]
[1] 1 4 7
```

Note que o resultado destas extrações trazem os valores internos das matrizes, mas com a dimensão reduzida (nestes casos para uma dimensão). Se o objetivo for, por exemplo, extrair uma parte da matriz, mas mantendo as duas dimensões, então precisamos usar o argumento `drop` da “função” `[]` (sim, também é uma função; veja “?[]”). Veja as diferenças:

```
mat[3, 2]
[1] 6
mat[3, 2, drop = FALSE]
[,1]
[1,] 6
mat[1, ]
[1] 1 4 7
mat[1, , drop = FALSE]
[,1] [,2] [,3]
[1,] 1 4 7
```

Para acessar as linhas 1 e 3 das colunas 2 e 3:

```
mat[c(1, 3), c(2, 3)]
[,1] [,2]
[1,] 4 7
[2,] 6 9
```

E note que aqui a dimensão já é 2 pois naturalmente o resultado precisa ser representado em duas dimensões.

3.1.2.1 Matrizes nomeadas

Se as matrizes tiverem linhas e/ou colunas nomeadas, a indexação também pode ser feita com os nomes.

```
##-----
## Nomes das colunas
colnames(mat) <- LETTERS[1:3]
## Todas as linhas da coluna B
mat[, "B"]
[1] 4 5 6
## Elemento da linha 1 e coluna C
mat[1, "C"]
C
7
##-----
## Nomes das linhas
rownames(mat) <- LETTERS[24:26]
## Todas as colunas da linha X
mat["X", ]
A B C
1 4 7
## Elemento da linha Y e coluna A
mat["Y", "A"]
[1] 2
```

3.1.3 Indexação de listas

Considere a seguinte lista:

```
lis <- list(c(3, 8, 7, 4), mat, 5:0)
lis
[[1]]
[1] 3 8 7 4

[[2]]
  A B C
X 1 4 7
Y 2 5 8
Z 3 6 9

[[3]]
[1] 5 4 3 2 1 0
```

Podemos acessar um componente da lista da maneira usual

```
lis[1]
[[1]]
[1] 3 8 7 4
```

Mas note que esse objeto continua sendo uma lista

```
class(lis[1])
[1] "list"
```

Geralmente o que queremos é acessar os elementos que estão **contidos** nos componentes da lista, e para isso precisamos usar `[[` no lugar de `[`:

```
lis[[1]]
[1] 3 8 7 4
class(lis[[1]])
[1] "numeric"
```

Isso é importante, por exemplo, se quiséssemos aplicar uma função qualquer a um componente da lista. No primeiro caso isso não é possível pois o conteúdo continua dentro de uma lista, enquanto que no segundo caso os valores retornados são os próprios números:

```
mean(lis[1])
Warning in mean.default(lis[1]): argument is not numeric or logical: returning NA
[1] NA
mean(lis[[1]])
[1] 5.5
```

Para acessar o segundo **componente** da lista:

```
lis[[2]]
  A B C
X 1 4 7
Y 2 5 8
Z 3 6 9
```

Para acessar o terceiro valor do primeiro componente:

```
lis[[1]][3]
[1] 7
```

Note que o segundo elemento da lista é uma matriz, portanto a indexação da matriz *dentro da lista*

também segue o mesmo padrão

```
lis[[2]][2, 3]
[1] 8
```

Se a lista tiver componentes **nomeados**, eles podem ser acessados com o operador \$:

```
lis <- list(vetor1 = c(3, 8, 7, 4), mat = mat, vetor2 = 5:0)
## Ou
## names(lis) <- c("vetor1", "mat", "vetor2")
lis
$vetor1
[1] 3 8 7 4

$mat
  A B C
X 1 4 7
Y 2 5 8
Z 3 6 9

$vetor2
[1] 5 4 3 2 1 0
```

```
## Acesando o segundo componente
lis$mat
  A B C
X 1 4 7
Y 2 5 8
Z 3 6 9
## Linha 2 e coluna 3
lis$mat[2, 3]
[1] 8
## Terceiro elemento do primeiro componente
lis$vetor1[3]
[1] 7
```

Ou então

```
lis[["mat"]]
  A B C
X 1 4 7
Y 2 5 8
Z 3 6 9
lis[["vetor1"]][3]
[1] 7
```

O símbolo \$ é utilizado para acessar componentes **nomeados** de listas ou data frames.

3.1.4 Indexação de data frames

Considere o seguinte data frame

```
da <- data.frame(A = 4:1, B = c(2, NA, 5, 8))
da
  A B
1 4 2
2 3 NA
3 2 5
4 1 8
```

Para acessar o segundo elemento da primeira coluna (segue a mesma lógica da indexação de matrizes pois também possui duas dimensões):

```
da[2, 1]
[1] 3
```

Acesse todas as linhas da coluna B:

```
da[, 2]
[1] 2 NA 5 8
```

Ou usando o nome da coluna:

```
da[, "B"]
[1] 2 NA 5 8
```

Todas as colunas da linha 1:

```
da[1, ]
  A B
1 4 2
```

Ou usando o “nome” da linha:

```
da["1", ]
  A B
1 4 2
```

Note que o argumento `drop=` também é válido se quiser manter a dimensão do objeto

```
da[, "B"]
[1] 2 NA 5 8
da[, "B", drop = FALSE]
  B
1 2
2 NA
3 5
4 8
```

Como o data frame é um caso particular de uma lista (onde todos os componentes tem o mesmo comprimento), as colunas de um data frame também podem ser acessadas com `$`:

```
da$A
[1] 4 3 2 1
```

Para acessar o terceiro elemento da coluna B:

```
da$B[3]
[1] 5
```

Para acessar os elementos nas posições 2 e 4 da coluna B:

```
da$B[c(2, 4)]
[1] NA 8
```

Assim como nas listas, podemos indexar um data frame usando apenas um índice, que nesse caso retorna a coluna (componente) do data frame:

```
da[1]
  A
1 4
2 3
3 2
4 1
```

```
class(da[1])
[1] "data.frame"
```

Note que dessa forma a classe é mantida. Também podemos indexar os data frames usando `[[` da mesma forma como em listas

```
da[[1]]
[1] 4 3 2 1
da[["A"]]
[1] 4 3 2 1
da[["A"]][2:3]
[1] 3 2
```

Para lidar com NAs em data frames, podemos também usar a função `is.na()`

```
da[is.na(da), ] # nao retorna o resultado esperado
  A B
NA NA NA
## Deve ser feito por coluna
da[is.na(da$A), ]
[1] A B
<0 rows> (or 0-length row.names)
da[is.na(da$B), ]
  A B
2 3 NA
## De maneira geral
is.na(da)
      A      B
[1,] FALSE FALSE
[2,] FALSE  TRUE
[3,] FALSE FALSE
[4,] FALSE FALSE
is.na(da$A)
[1] FALSE FALSE FALSE FALSE
is.na(da$B)
[1] FALSE  TRUE FALSE FALSE
```

Para remover as linhas que possuem NA, note que será necessário remover todas as colunas daquela linha, pois data frames não podem ter colunas de comprimentos diferentes

```
da[!is.na(da$B), ]
  A B
1 4 2
3 2 5
4 1 8
```

A função `complete.cases()` facilita esse processo. Veja o resultado

```
complete.cases(da)
[1] TRUE FALSE TRUE TRUE
da[complete.cases(da), ]
  A B
1 4 2
3 2 5
4 1 8
```


3.1.4.1 A função with()

Para evitar fazer muitas indexações de um mesmo data frame, por exemplo, podemos utilizar a função with()

```
with(da, A)
[1] 4 3 2 1
```

é o mesmo que

```
da$A
[1] 4 3 2 1
```

Também é útil para acessar elementos específicos dentro de data frames. Por exemplo, o terceiro elemento da coluna B

```
with(da, B[3])
[1] 5
```

E também para aplicar funções nas colunas do data frame

```
with(da, mean(A))
[1] 2.5
```

Exercícios

1. Crie a seguinte matriz

$$\begin{bmatrix} 4 & 16 & 2 \\ 10 & 5 & 11 \\ 9 & 9 & 5 \\ 2 & 0 & NA \end{bmatrix}.$$

2. Acesse o elemento na quarta linha e na segunda coluna.
3. Acesse todos os elementos, com exceção da segunda coluna e da terceira linha.
4. Crie uma lista (nomeada) com 3 componentes: um vetor numérico de comprimento 10, um vetor de caracteres de comprimento 7 e a matriz do exercício anterior.
5. Acesse os elementos nas posições de 5 a 3 do primeiro componente da lista.
6. Acesse os caracteres de todas as posições, menos da 2 e 6.
7. Acesse todas as linhas da coluna 3 da matriz dentro desta lista.
8. “Crie” um novo componente nessa lista (usando \$), contendo 30 valores aleatórios de uma distribuição normal $N(12, 4)$ (veja ?rnorm).
9. Crie um data frame que contenha duas colunas: a primeira com as letras de “A” até “J”, e outra com o resultado de uma chamada da função `runif(7, 1, 5)`.
10. Extraia as duas primeiras linhas desse data frame.
11. Extraia as duas últimas linhas desse data frame.
12. Qual é o valor que está na linha 6 e coluna 1?
13. Qual é o valor que está na linha 4 da coluna 2?
14. Como você faria para contar quantos valores perdidos (NAs) existem nesse data frame?
15. Elimine os NAs deste data frame.
16. Crie uma nova coluna neste data frame, com valores numéricos (quaisquer).
17. Crie mais um componente na lista anterior, que será também uma lista com dois componentes: A com os valores 1:5, e B com as letras de “a” a “f”.
18. Acesse o número 4 de A.
19. Acesse a letra “c” de B.

3.2 Seleção condicional

3.2.1 Seleção condicional em vetores

A **seleção condicional** serve para extrair dados que satisfaçam algum critério, usando **expressões condicionais** e **operadores lógicos**.

Considere o seguinte vetor

```
dados <- c(5, 15, 42, 28, 79, 4, 7, 14)
```

Selecione apenas os valores maiores do que 15:

```
dados[dados > 15]
[1] 42 28 79
```

Selecione os valores maiores que 15 E menores ou iguais a 35:

```
dados[dados > 15 & dados <= 35]
[1] 28
```

Para entender como funciona a seleção condicional, observe apenas o resultado da condição dentro do colchete:

```
## Usando & (e)
dados > 15 & dados <= 35
[1] FALSE FALSE FALSE TRUE FALSE FALSE FALSE FALSE
## Usando | (ou)
dados > 15 | dados <= 35
[1] TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE TRUE
```

Os valores selecionados serão aqueles em que a condição for TRUE, no primeiro caso apenas o quarto elemento do vetor dados.

A seleção condicional também é muito útil para selecionar elementos de um vetor, baseado em uma condição de outro vetor.

Considere o seguinte vetor de caracteres

```
cara <- letters[1:length(dados)]
```

Considere que de alguma forma, os objetos dados e cara possuem alguma relação. Sendo assim, podemos selecionar elementos de dados, baseados em alguma condição de cara

```
## Elemento de dados onde cara é igual a "c"
dados[cara == "c"]
[1] 42
```

Se quisermos selecionar mais de um elemento de dados, baseado em uma condição de cara?

```
## Elementos de dados onde cara é igual a "a" e "c"
cara == "a" & cara == "c" # porque não funciona?
[1] FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE
cara == "a" | cara == "c"
[1] TRUE FALSE TRUE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE
dados[cara == "a" | cara == "c"]
[1] 5 42
```

Uma solução melhor seria se pudessemos usar

```
dados[cara == c("a", "c")]
[1] 5
```

mas nesse caso só temos o primeiro elemento. Um operador muito útil nestes casos é o %in%

```
dados[cara %in% c("a", "c")]
[1] 5 42
cara %in% c("a", "c")
[1] TRUE FALSE TRUE FALSE FALSE FALSE FALSE
```

Veja a diferença

```
cara == c("a", "c")
[1] TRUE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE FALSE
cara %in% c("a", "c")
[1] TRUE FALSE TRUE FALSE FALSE FALSE FALSE
```

Também é possível fazer a seleção de cara, baseado em uma condição em dados

```
## Elemento de cara onde dados é igual a 15
cara[dados == 15]
[1] "b"
## Elemento de cara onde dados for maior do que 30
cara[dados > 30]
[1] "c" "e"
## Elemento de cara onde dados for igual a 4 ou 14
cara[dados %in% c(4, 14)]
[1] "f" "h"
```

3.2.2 A função which()

Até agora vimos seleções condicionais que nos retornavam o resultado de uma expressão condicional em vetores. No entanto, muitas vezes estamos interessados em saber a **posição** do resultado de uma expressão condicional, ao invés do resultado em si.

A função which() retorna as posições dos elementos que retornarem TRUE em uma expressão condicional.

```
## Elementos maiores de 15
dados[dados > 15]
[1] 42 28 79
which(dados > 15)
[1] 3 4 5
## Elementos maiores de 15 e menores ou iguais a 35
dados[dados > 15 & dados <= 35]
[1] 28
which(dados > 15 & dados <= 35)
[1] 4
## Elementos de dados onde cara igual a "c"
dados[cara == "c"]
[1] 42
which(cara == "c")
[1] 3
## Elementos de dados onde cara é igual a "a" ou "c"
dados[cara %in% c("a", "c")]
[1] 5 42
which(cara %in% c("a", "c"))
[1] 1 3
```

Exercícios

1. Crie um vetor (x) com os valores 3, 8, 10, 4, 9, 7, 1, 9, 2, 4.
2. Selecione os elementos maiores ou iguais a 5.

3. Selecione todos os elementos menos o 4.
4. Selecione os elementos maiores que 4 e menores que 8.
5. Crie um vetor (a) com as letras de A até J.
6. Selecione os elementos de x onde a for igual a "F".
7. Selecione os elementos de x onde a for igual a "B", "D", e "H".
8. Qual a posição do número 10 em x?
9. Quais as posições dos valores maiores ou iguais a 8 e menores ou iguais a 10 em x?
10. Quais as posições das letras "A", "B", "D" em a?

3.2.3 Seleção condicional em data frames

Considere o seguinte data frame

```
dados <- data.frame(ano = c(2001, 2002, 2003, 2004, 2005),
                    captura = c(26, 18, 25, 32, NA),
                    porto = c("SP", "RS", "SC", "SC", "RN"))
```

Extraia deste objeto apenas a linha correspondente ao ano 2004:

```
dados[dados$ano == 2004, ]
  ano captura porto
4 2004      32   SC
```

Mostre as linhas apenas do porto "SC":

```
dados[dados$porto == "SC", ]
  ano captura porto
3 2003      25   SC
4 2004      32   SC
```

Observe as linhas onde a captura seja maior que 20, selecionando apenas a coluna captura:

```
dados[dados$captura > 20, "captura"]
[1] 26 25 32 NA
```

Também exclua as linhas com NAs (agora com todas as colunas):

```
dados[dados$captura > 20 & !is.na(dados$captura), ]
  ano captura porto
1 2001      26   SP
3 2003      25   SC
4 2004      32   SC
dados[dados$captura > 20 & complete.cases(dados), ]
  ano captura porto
1 2001      26   SP
3 2003      25   SC
4 2004      32   SC
```

A condição pode ser feita com diferentes colunas:

```
dados[dados$captura > 25 & dados$porto == "SP", ]
  ano captura porto
1 2001      26   SP
```

A função `subset()` serve para os mesmos propósitos, e facilita todo o processo de seleção condicional:

```
dados[dados$porto == "SC", ]
  ano captura porto
3 2003      25   SC
4 2004      32   SC
subset(dados, porto == "SC")
```

```

ano captura porto
3 2003      25   SC
4 2004      32   SC
dados[dados$captura > 20, ]
  ano captura porto
1  2001      26   SP
3  2003      25   SC
4  2004      32   SC
NA    NA      NA  <NA>
subset(dados, captura > 20)
  ano captura porto
1  2001      26   SP
3  2003      25   SC
4  2004      32   SC
dados[dados$captura > 20 & !is.na(dados$captura), ]
  ano captura porto
1  2001      26   SP
3  2003      25   SC
4  2004      32   SC
dados[dados$captura > 20, "captura"]
[1] 26 25 32 NA
subset(dados, captura > 20, select = captura)
  captura
1       26
3       25
4       32

```

A grande vantagem é que a função `subset()` já lida com os NAs (se isso for o que você precisa).

Exercícios

1. Você contou 42 caranguejos na Joaquina, 34 no Campeche, 59 na Armação e 18 na Praia Mole. Crie um data frame para armazenar estas informações (número de caranguejos observados e local).
2. Com o data frame criado no exercício anterior, mostre qual a praia onde foram coletadas menos de 30 caranguejos (usando seleção condicional!).
3. Crie uma nova coluna (região) neste data frame indicando que Joaquina e Praia Mole estão localizadas no leste da ilha (leste) e Campeche e Armação estão no sul (sul).
4. Selecione as praias de região leste que possuem menos de 20 caranguejos contados.
5. Você está interessado em saber em qual das duas praias do sul, o número de caranguejos contados foi maior do que 40. Usando a seleção condicional, mostre essa informação na tela.
6. Qual região possui praias com mais de 50 caranguejos contados?

Capítulo 4

Entrada e saída de dados no R

A entrada de dados no R pode ser realizada de diferentes formas. O formato mais adequado vai depender do tamanho do conjunto de dados, e se os dados já existem em outro formato para serem importados ou se serão digitados diretamente no R.

A seguir são descritas as formas de entrada de dados com indicação de quando cada uma das formas deve ser usada. Os três primeiros casos são adequados para entrada de dados diretamente no R, os seguintes descrevem como importar dados já disponíveis eletronicamente de um arquivo texto, em outro sistema ou no próprio R.

Posteriormente também será mostrado como fazer para exportar bases de dados geradas e/ou alteradas dentro do R.

4.1 Entrada de dados

4.1.1 Entrada de dados diretamente no R

4.1.1.1 Vetores

A forma mais básica de entrada de dados no R é através da função `c()` (como já vimos). A partir dela pode se criar os outros tipos de objetos como listas e data frames.

As funções básicas de entrada de dados são:

- `c()`
- `rep()`
- `seq()` ou :

A partir destas funções básicas podemos criar objetos de classes mais específicas como

- `matrix()`
- `list()`
- `data.frame()`

4.1.2 Entrada via teclado

4.1.2.1 Usando a função `scan()`

Esta função lê dados diretamente do console, isto é, coloca o R em modo *prompt* onde o usuário deve digitar cada dado seguido da tecla Enter. Para encerrar a entrada de dados basta digitar Enter duas vezes consecutivas.

Veja o seguinte resultado:

```
y <- scan()
```

```
1: 11
2: 24
3: 35
4: 29
5: 39
6: 47
7:
Read 6 items
```

```
y
[1] 11 24 35 29 39 47
```

Os dados também podem ser digitados em sequência, desde que separados por um espaço,

```
y <- scan()
```

```
1: 11 24
3: 35 29
5: 39 47
7:
Read 6 items
```

```
y
[1] 11 24 35 29 39 47
```

Este formato é mais ágil que o anterior (com `c()`, por exemplo) e é conveniente para digitar vetores longos. Esta função pode também ser usada para ler dados de um arquivo ou conexão, aceitando inclusive endereços de URLs (endereços da *web*) o que iremos mencionar em detalhes mais adiante.

Por padrão, a função `scan()` aceita apenas valores numéricos como entrada (lembre-se que vetores só podem ter elementos da mesma classe). Para alterar a classe de objeto de entrada, precisamos especificar o argumento `what` de `scan()`. Por exemplo, para entrar com um vetor de caracteres, fazemos

```
x <- scan(what = "character")
```

```
1: a
2: b
3: c
4:
Read 3 items
```

```
x
[1] "a" "b" "c"
```

Outras classe possíveis para o argumento `what` são: `logical`, `integer`, `numeric`, `complex`, `character`, `raw` e `list`.

Exercícios

- Usando a função `scan()` crie objetos para armazenar os seguintes valores:
 - 19, 13, 19, 23, 18, 20, 25, 14, 20, 18, 22, 18, 23, 14, 19
 - joaquina, armação, praia brava, praia mole, morro das pedras
 - TRUE, TRUE, FALSE, FALSE, TRUE

4.1.2.2 Usando a função `readLines()`

Esta função é particularmente útil para ler entradas na forma de texto (*strings*). Por exemplo, para ler uma linha a ser digitada na tela do R, siga o comando abaixo e digite o texto indicado. Ao terminar pressione a tecla Enter e o texto será armazenado no objeto `texto`.

```
texto <- readLines(n = 1)
```

```
Estou digitando no console
```

```
texto
```

```
[1] "Estou digitando no console"
```

Um possível uso é dentro de funções que solicitem que o usuário responda e/ou entre com informações na medida que são solicitadas. Experimente definir e rodar a função a seguir.

```
fn.ex <- function() {  
  cat("Digite o nome do time de futebol de sua preferência (em letras minúsculas)\n")  
  time <- readLines(n = 1)  
  if (time == "atletico-pr")  
    cat("BOA ESCOLHA!!!\n")  
  else cat("Ihh, tá mal de escolha...\n")  
  return(invisible())  
}
```

```
fn.ex()
```

Nesse exemplo, `readLines()` foi utilizada para efetuar a leitura via teclado, mas a função permite ainda entrada de dados por conexões com outros dispositivos de *input*. Por exemplo, pode ser utilizada para ler texto de um arquivo. Consulte a documentação da função para maiores detalhes e exemplos.

4.1.3 Entrada de dados em arquivos texto

Se os dados já estão disponíveis em formato eletrônico, isto é, já foram digitados em outro programa, você pode importar os dados para o R sem a necessidade de digitá-los novamente.

A forma mais fácil de fazer isto é usar dados em formato texto (arquivo do tipo ASCII). Por exemplo, se seus dados estão disponíveis em uma planilha eletrônica como LibreOffice Calc, MS Excel ou similar, você pode escolher a opção Salvar como... e gravar os dados em um arquivo em formato texto. Os dois principais formatos de texto são:

- `txt`: arquivo de texto puro, onde as colunas são separadas geralmente por uma tabulação (Tab) ou espaço (Spc)
- `csv`: arquivo de texto, onde as colunas são geralmente separadas por vírgula (*comma separated value*), ou ponto-e-vírgula.

No R usa-se `scan()` mencionada anteriormente, ou então a função mais flexível `read.table()` para ler os dados de um arquivo texto e armazenar no formato de um data frame.

Antes de importar para o R:

- Se houverem valores perdidos, preencha com NA
- A matriz de dados deve formar um bloco só. Se houverem colunas de diferentes comprimentos, preencha com NA
- Salve o arquivo como “valores separados por vírgula” (`.csv`), mas atenção:
 - Se o separador de decimal for `,`, o separador de campos será `;` automaticamente (o que é mais comum nos sistemas em português).

4.1.3.1 A função `read.table()`

O método mais comum de importação de dados para o R, é utilizando a função `read.table()`. Como exemplo, baixe o arquivo `crabs.csv` disponível [aqui](#), e salve em um diretório chamado dados no seu diretório de trabalho.

Para importar um arquivo `.csv` faça:

```
dados <- read.table("dados/crabs.csv", header = TRUE,
                    sep = ";", dec = ",")
```

Argumentos:

- `"crabs.csv"`: nome do arquivo. (Considerando que o arquivo `crabs.csv` está dentro do diretório dados).
- `header = TRUE`: significa que a primeira linha do arquivo deve ser interpretada como os nomes das colunas.
- `sep = ";"`: o separador de colunas (também pode ser `" "`, `"\t"` para tabulação e para espaços).
- `dec = ","`: o separador de decimais (também pode ser `"."`).

As funções `read.csv()` e `read.csv2()` são chamadas de *wrappers* (envelopes) que tornam o uso da função `read.table()` um pouco mais direta, alterando alguns argumentos. Por exemplo, o comando acima poderia ser substituído por

```
dados <- read.csv2("dados/crabs.csv")
```

O objeto criado com as funções `read.*()` sempre serão da classe `data.frame`, e quando houverem colunas com caracteres, estas colunas sempre serão da classe `factor`. Você pode alterar esse padrão usando o argumento `stringsAsFactors = FALSE`

```
dados2 <- read.csv2("dados/crabs.csv", stringsAsFactors = FALSE)
```

Para conferir a estrutura dos dados importados, usamos a função `str()` que serve para demonstrar a estrutura de um objeto, como o nome das colunas e suas classes:

```
str(dados)
'data.frame': 156 obs. of 7 variables:
 $ especie: chr "azul" "azul" "azul" "azul" ...
 $ sexo : chr "M" "M" "M" "M" ...
 $ FL : num 8.1 8.8 9.2 9.6 10.8 11.6 11.8 12.3 12.6 12.8 ...
 $ RW : num 6.7 7.7 7.8 7.9 9 9.1 10.5 11 10 10.9 ...
 $ CL : num 16.1 18.1 19 20.1 23 24.5 25.2 26.8 27.7 27.4 ...
 $ CW : num 19 20.8 22.4 23.1 26.5 28.4 29.3 31.5 31.7 31.5 ...
 $ BD : num 7 7.4 7.7 8.2 9.8 10.4 10.3 11.4 11.4 11 ...

str(dados2)
'data.frame': 156 obs. of 7 variables:
 $ especie: chr "azul" "azul" "azul" "azul" ...
 $ sexo : chr "M" "M" "M" "M" ...
 $ FL : num 8.1 8.8 9.2 9.6 10.8 11.6 11.8 12.3 12.6 12.8 ...
 $ RW : num 6.7 7.7 7.8 7.9 9 9.1 10.5 11 10 10.9 ...
 $ CL : num 16.1 18.1 19 20.1 23 24.5 25.2 26.8 27.7 27.4 ...
 $ CW : num 19 20.8 22.4 23.1 26.5 28.4 29.3 31.5 31.7 31.5 ...
 $ BD : num 7 7.4 7.7 8.2 9.8 10.4 10.3 11.4 11.4 11 ...
```

Podemos também visualizar algumas linhas iniciais e finais do objeto importado através de duas funções auxiliares:

```
head(dados)
  especie sexo  FL  RW  CL  CW  BD
1   azul   M  8.1 6.7 16.1 19.0 7.0
2   azul   M  8.8 7.7 18.1 20.8 7.4
```

```

3 azul M 9.2 7.8 19.0 22.4 7.7
4 azul M 9.6 7.9 20.1 23.1 8.2
5 azul M 10.8 9.0 23.0 26.5 9.8
6 azul M 11.6 9.1 24.5 28.4 10.4
tail(dados)
  especie sexo FL RW CL CW BD
151 laranja F 21.3 18.4 43.8 48.4 20.0
152 laranja F 21.4 18.0 41.2 46.2 18.7
153 laranja F 21.7 17.1 41.7 47.2 19.6
154 laranja F 21.9 17.2 42.6 47.4 19.5
155 laranja F 22.5 17.2 43.0 48.7 19.8
156 laranja F 23.1 20.2 46.2 52.5 21.1

```

As funções permitem ainda ler dados diretamente disponíveis na *web*. Por exemplo, os dados do exemplo poderiam ser lidos diretamente com o comando a seguir, sem a necessidade de copiar primeiro os dados para algum local no computador do usuário:

```
dados <- read.csv2("http://www.leg.ufpr.br/~fernandomayer/data/crabs.csv")
```

Para maiores informações consulte a documentação desta função com `?read.table()`. Embora `read.table()` seja provavelmente a função mais utilizada existem outras que podem ser úteis em determinadas situações:

- `read.fwf()` é conveniente para ler *fixed width formats*.
- `read.fortran()` é semelhante à anterior porém usando o estilo Fortran de especificação das colunas.
- `read.csv()`, `read.csv2()`, `read.delim()` e `read.delim2()`: estas funções são praticamente iguais a `read.table()` porém com diferentes opções padrão. Em geral (mas não sempre) dados em formato csv usado no Brasil são lidos diretamente com `read.csv2()`.

Exercícios

1. Baixe os arquivos a seguir e coloque os arquivos em um local apropriado (de preferência no mesmo diretório de trabalho que voce definiu no início da sessão), faça a importação usando a função `read.table()`, e confira a estrutura dos dados com `str()`.
 - a. [prb0519.dat](#)
 - b. [tab0303.dat](#)
 - c. [tab1208.dat](#)
 - d. [ReadMe.txt](#)
 - e. [montgomery_6-26.csv](#)
 - f. [montgomery_14-12.txt](#)
 - g. [montgomery_ex6-2.csv](#)
 - h. [ipea_habitacao.csv](#)
 - i. [stratford.csv](#)
2. Faça a leitura dos dados do exercício anterior, mas agora utilize o endereço *web* dos arquivos.

4.1.4 Entrada de dados através da área de transferência

Um mecanismo comum para copiar dados de um programa para o outro é usando a **área de transferência** (ou *clipboard*). Tipicamente isto é feito com o mecanismo de copia-e-cola, ou seja-se, marca-se os dados desejados em algum aplicativo (editor, planilha, página web, etc), usa-se o mecanismo de COPIAR (opção no menu do programa que muitas vezes corresponde o teclar `Ctrl + c`), o que transfere os dados para a área de transferência. Funções como `scan()`, `read.table()` e outras podem ser usadas para ler os dados diretamente da área de transferência passando-se a opção "clipboard" ao primeiro argumento. Por exemplo, os seguintes dados:

```
ID Grupo Gasto Ano
```

```
23      A  25,4  11
12      B  12,3   9
23      A  19,8   7
```

podem ser marcados e copiados para área de transferência e lidos diretamente com

```
dados.clip <- read.table("clipboard", header = TRUE, dec = ",")
```

```
str(dados.clip)
'data.frame':   3 obs. of  4 variables:
 $ ID   : int   23 12 23
 $ Grupo: chr   "A" "B" "A"
 $ Gasto: num  25.4 12.3 19.8
 $ Ano  : int   11  9  7
```

4.1.5 Importando dados diretamente de planilhas

Existem alguns pacotes disponíveis que podem ler dados diretamente de planilhas do MS Excel. No entanto, estes pacotes geralmente possuem particularidades quanto ao sistema operacional e demais dependências para funcionar corretamente.

Um destes pacotes, é o **gdata**, que funciona em diversos sistemas operacionais mas depende da linguagem Perl estar instalada. Por exemplo, para ler o conjunto de dados crabs armazenado em uma planilha do Excel (disponível [aqui](#)), podemos usar

```
## Carrega o pacote
library(gdata)
gdata: read.xls support for 'XLS' (Excel 97-2004) files ENABLED.

gdata: Unable to load perl libraries needed by read.xls()
gdata: to support 'XLSX' (Excel 2007+) files.

gdata: Run the function 'installXLSXsupport()'
gdata: to automatically download and install the perl
gdata: libraries needed to support Excel XLS and XLSX formats.

Attaching package: 'gdata'
The following object is masked from 'package:stats':

  nobs
The following object is masked from 'package:utils':

  object.size
The following object is masked from 'package:base':

  startsWith
## Leitura diretamente do Excel
dados.xls <- read.xls("dados/crabs.xls", sheet = "Plan1",
                     header = TRUE, dec = ",")
## Estrutura
str(dados.xls)
'data.frame':   156 obs. of  7 variables:
 $ especie: chr   "azul" "azul" "azul" "azul" ...
 $ sexo   : chr   "M" "M" "M" "M" ...
 $ FL     : num   8.1 8.8 9.2 9.6 10.8 11.6 11.8 12.3 12.6 12.8 ...
 $ RW     : num   6.7 7.7 7.8 7.9 9 9.1 10.5 11 10 10.9 ...
 $ CL     : num  16.1 18.1 19 20.1 23 24.5 25.2 26.8 27.7 27.4 ...
 $ CW     : num  19 20.8 22.4 23.1 26.5 28.4 29.3 31.5 31.7 31.5 ...
```

```
$ BD      : num  7 7.4 7.7 8.2 9.8 10.4 10.3 11.4 11.4 11 ...
```

Outros pacotes que possuem funções similares são: **openxlsx**, **xlsx**, e **XLConnect**.

Estruturas de dados mais complexas são tipicamente armazenadas nos chamados DBMS (*database management system*) ou RDBMS (*relational database management system*). Alguns exemplos são Oracle, Microsoft SQL server, MySQL, PostgreSQL, Microsoft Access, dentre outros. O R possui ferramentas implementadas em pacotes para acesso a estes sistemas gerenciadores.

Para mais detalhes consulte o manual [R Data Import/Export](#) e a documentação dos pacotes que implementam tal funcionalidade. Alguns destes pacotes disponíveis são: **RODBC**, **DBI**, **RMySQL**, **RPostgreSQL**, **ROracle**, **RNetCDF**, **RSQLite**, dentre outros.

4.1.6 Carregando dados já disponíveis no R

O R já possui alguns conjuntos de dados que estão disponíveis logo após a instalação. Estes dados são também objetos que precisam ser carregados para ficarem disponíveis para o usuário. Normalmente, estes conjuntos de dados são para uso de exemplo de funções.

Para carregar conjuntos de dados que são disponibilizados com o R, use o comando `data()`. Por exemplo, abaixo mostramos como carregar o conjunto `mtcars` que está no pacote **datasets**.

```
## Objetos criados até o momento nesta seção
ls()
[1] "dados"      "dados.clip" "dados.xls"  "dados2"     "fn.ex"
[6] "texto"      "x"          "y"
## Carrega a base de dados mtcars
data(mtcars)
## Note como agora o objeto mtcars fica disponível na sua área de
## trabalho
ls()
[1] "dados"      "dados.clip" "dados.xls"  "dados2"     "fn.ex"
[6] "mtcars"     "texto"      "x"          "y"
## Estrutura e visualização do objeto
str(mtcars)
'data.frame':  32 obs. of  11 variables:
 $ mpg : num  21 21 22.8 21.4 18.7 18.1 14.3 24.4 22.8 19.2 ...
 $ cyl : num  6 6 4 6 8 6 8 4 4 6 ...
 $ disp: num  160 160 108 258 360 ...
 $ hp  : num  110 110 93 110 175 105 245 62 95 123 ...
 $ drat: num  3.9 3.9 3.85 3.08 3.15 2.76 3.21 3.69 3.92 3.92 ...
 $ wt  : num  2.62 2.88 2.32 3.21 3.44 ...
 $ qsec: num  16.5 17 18.6 19.4 17 ...
 $ vs  : num  0 0 1 1 0 1 0 1 1 1 ...
 $ am  : num  1 1 1 0 0 0 0 0 0 0 ...
 $ gear: num  4 4 4 3 3 3 3 4 4 4 ...
 $ carb: num  4 4 1 1 2 1 4 2 2 4 ...
head(mtcars)
      mpg  cyl disp  hp drat   wt  qsec vs am gear carb
Mazda RX4    21.0   6  160 110 3.90 2.620 16.46  0  1    4    4
Mazda RX4 Wag 21.0   6  160 110 3.90 2.875 17.02  0  1    4    4
Datsun 710    22.8   4  108  93 3.85 2.320 18.61  1  1    4    1
Hornet 4 Drive 21.4   6  258 110 3.08 3.215 19.44  1  0    3    1
Hornet Sportabout 18.7   8  360 175 3.15 3.440 17.02  0  0    3    2
Valiant      18.1   6  225 105 2.76 3.460 20.22  1  0    3    1
```

As bases de dados também possuem páginas de documentação para explicar o que são os dados e as colunas correspondentes. Para ver o que são os dados do `mtcars` por exemplo, veja `?mtcars`.

O conjunto `mtcars` é disponibilizado prontamente pois faz parte do pacote **datasets**, que por padrão é sempre carregado na inicialização do R. No entanto, existem outros conjuntos de dados, disponibilizados por outros pacotes, que precisam ser carregados para que os dados possam ser disponibilizados. Por exemplo, os dados do objeto `topo` são do pacote **MASS**. Se tentarmos fazer

```
data(topo)
Warning in data(topo): data set 'topo' not found
```

Portanto, precisamos primeiro carregar o pacote **MASS** com

```
library(MASS)
```

e agora podemos carregar o objeto `topo` com

```
data(topo)
## O objeto fica disponível na sua área de trabalho
ls()
[1] "dados"      "dados.clip" "dados.xls"   "dados2"      "fn.ex"
[6] "mtcars"     "texto"      "topo"        "x"           "y"
## Confere a estrutura
str(topo)
'data.frame':  52 obs. of  3 variables:
 $ x: num  0.3 1.4 2.4 3.6 5.7 1.6 2.9 3.4 3.4 4.8 ...
 $ y: num  6.1 6.2 6.1 6.2 6.2 5.2 5.1 5.3 5.7 5.6 ...
 $ z: int  870 793 755 690 800 800 730 728 710 780 ...
```

A função `data()` pode ainda ser usada para listar os conjuntos de dados disponíveis,

```
data()
```

e também pode ser útil para listar os conjuntos de dados disponíveis para um pacote específico, por exemplo

```
data(package = "nlme")
```

4.1.7 Importando dados de outros programas

É possível ler dados diretamente de outros formatos que não seja texto (ASCII). Isto em geral é mais eficiente e requer menos memória do que converter para formato texto. Há funções para importar dados diretamente de EpiInfo, Minitab, S-PLUS, SAS, SPSS, Stata, Systat e Octave. Além disto é comum surgir a necessidade de importar dados de planilhas eletrônicas. Muitas funções que permitem a importação de dados de outros programas são implementadas no pacote **foreign**.

A seguir listamos algumas (não todas!) destas funções:

- `read.dbf()` para arquivos DBASE.
- `read.epiinfo()` para arquivos .REC do Epi-Info.
- `read.mtp()` para arquivos "Minitab Portable Worksheet".
- `read.S()` para arquivos do S-PLUS, e `restore.data()` para "dumps" do S-PLUS.
- `read.spss()` para dados do SPSS.
- `read.systat()` para dados do SYSTAT.
- `read.dta()` para dados do STATA.
- `read.octave()` para dados do OCTAVE (um clone do MATLAB).
- Para dados do SAS há ao menos duas alternativas:
 - O pacote **foreign** disponibiliza `read.xport()` para ler do formato TRANSPORT do SAS e `read.ssd()` pode escrever dados permanentes do SAS (.ssd ou .sas7bdat) no formato TRANSPORT, se o SAS estiver disponível no seu sistema e depois usa internamente `read.xport()` para ler os dados no R.
 - O pacote **Hmisc** disponibiliza `sas.get()` que também requer o SAS no sistema.

Para mais detalhes consulte a documentação de cada função e/ou o manual [R Data Import/Export](#).

4.2 Saída de dados do R

4.2.1 Usando a função `write.table()`

Para exportar objetos do R, usamos a função `write.table()`, que possui argumentos parecidos com aqueles da função `read.table()`.

A função `write.table()` é capaz de criar um arquivo de texto no formato `txt` ou `csv`, com as especificações definidas pelos argumentos.

Para ilustrar o uso desta função, considere o conjunto de dados `iris`

```
data(iris)
str(iris)
'data.frame': 150 obs. of 5 variables:
 $ Sepal.Length: num 5.1 4.9 4.7 4.6 5 5.4 4.6 5 4.4 4.9 ...
 $ Sepal.Width : num 3.5 3 3.2 3.1 3.6 3.9 3.4 3.4 2.9 3.1 ...
 $ Petal.Length: num 1.4 1.4 1.3 1.5 1.4 1.7 1.4 1.5 1.4 1.5 ...
 $ Petal.Width : num 0.2 0.2 0.2 0.2 0.2 0.4 0.3 0.2 0.2 0.1 ...
 $ Species : Factor w/ 3 levels "setosa","versicolor",...: 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 ...
```

Podemos exportar esse data frame com

```
write.table(iris, file = "dados/iris.csv")
```

Por padrão, o arquivo resultante tem colunas separadas por espaço, o separador de decimal é ponto, e os nomes das linhas são também incluídos (o que geralmente é desnecessário). Para alterar essa configuração podemos fazer

```
write.table(iris, file = "dados/iris.csv", row.names = FALSE,
            sep = ";", dec = ",",")
```

Os argumentos são

- `iris`: o nome do objeto a ser exportado (matriz ou data frame).
- `"iris.csv"`: nome do arquivo a ser gerado. (Considerando que o arquivo `iris.csv` será criado dentro do diretório `dados`).
- `row.names = FALSE`: para eliminar o nome das linhas do objeto (geralmente desnecessário), como retornado por `row.names()`.
- `sep = ";"`: o separador de colunas (também pode ser `" "`, `"\t"` para tabulação e para espaços).
- `dec = ","`: o separador de decimais (também pode ser `"."`).

Note que o objeto a ser exportado (nesse caso `iris`) deve ser em formato tabular, ou seja, uma matriz ou data frame. Outras classes de objetos podem ser exportadas, mas haverá uma coerção para data frame, o que pode fazer com que o resultado final não seja o esperado.

Assim como `read.table()` possui as funções `read.csv()` e `read.csv2()`, a função `write.table()` possui as funções `write.table()` e `write.table2()` como *wrappers*. O comando acima também poderia ser executado como

```
write.csv2(iris, file = "dados/iris.csv", row.names = FALSE)
```

Note que `row.names = FALSE` ainda é necessário para eliminar os nomes das linhas.

O pacote **foreign** também possui funções para exportar para uma variedade de formatos. Veja a documentação em `help(package = "foreign")`. Os pacotes para ler dados diretamente de arquivos do MS Excel mencionados acima também possuem funções para exportar diretamente para esse formato.

Exercícios

1. Considere a tabela abaixo com o resultado de uma pesquisa que avaliou o número de fumantes e não fumantes por sexo.
 Sexo
 Condição
 Masculino
 Feminino
 Fumante
 49
 54
 64
 61
 37
 79
 52
 64
 68
 29
 Não fumante
 27
 40
 58
 39
 52
 44
 41
 34
 30
 44
2. Digite estes dados em uma planilha eletrônica em um formato apropriado para um data frame do R, e salve em um arquivo csv.
3. Importe esse arquivo para o R com `read.table()`.
4. Crie uma nova coluna no objeto que contém estes dados, sendo a coluna com o número de pessoas multiplicada por 2.
5. Exporte esse novo objeto usando a função `write.table()`.
6. Tente criar esse mesmo conjunto de dados usando comandos do R (ex.: `c()`, `rep()`, `data.frame()`, etc.)

4.2.2 Usando os formatos textual e binário para ler/escrever dados

As formas mais comuns de entrada de dados no R são através da entrada direta pelo teclado (e.g. `c()` ou `scan()`), ou pela importação de arquivos de texto (e.g. `read.table()`). No entanto, ainda existem mais dois formatos para armazenar dados para leitura no R: o textual e o binário.

O **formato binário** é aquele armazenado em um arquivo binário, ou seja, um arquivo que contém apenas 0s e 1s, e possui um formato específico que só pode ser lido por determinado *software* ou função. É o oposto de um arquivo de texto, por exemplo, que podemos abrir e editar em qualquer programa que edite texto puro.

O **formato textual** é o intermediário entre o texto puro e o binário. Os dados em formato textual são apresentados como texto puro, mas contém informações adicionais, chamados de **metadados**, que preservam toda a estrutura dos dados, como as classes de cada coluna de um data frame.

4.2.2.1 Formato textual

O formato textual é muito útil para compartilhar conjuntos de dados que não são muito grandes, e onde a formatação (leia-se: classes de objetos) precisa ser mantida.

Para criar um conjunto de dados no formato textual, usamos a função `dput()`. Vamos criar um data frame de exemplo e ver o resultado da chamada dessa função:

```
da <- data.frame(A = c(1, 2), B = c("a", "b"))
dput(da)
structure(list(A = c(1, 2), B = c("a", "b")), class = "data.frame", row.names = c(NA,
-2L))
```

Note que o resultado de `dput()` é no formato do R, e preserva metadados como as classes do objeto e de cada coluna, e os nomes das linhas e colunas.

Outas classes de objetos são facilmente preservadas quando armazenadas com o resultado de `dput()`. Por exemplo, uma matriz:

```
ma <- matrix(1:9, ncol = 3)
dput(ma)
structure(1:9, dim = c(3L, 3L))
```

E uma lista:

```
la <- list(da, ma)
dput(la)
list(structure(list(A = c(1, 2), B = c("a", "b")), class = "data.frame", row.names = c(NA,
-2L)), structure(1:9, dim = c(3L, 3L)))
```

A saída da função `dput()` pode ser copiada para um script do R, para garantir que qualquer pessoa que venha usar o código (incluindo você no futuro), usará os dados no formato correto (esperado). Isso é muito importante para a **pesquisa reproduzível!**

A saída de `dput()` também pode ser salva diretamente em um arquivo de script do R, por exemplo,

```
dput(da, file = "da.R")
```

irá criar o arquivo `da.R` com o resultado da função. Para importar os dados salvos dessa forma, usamos a função `dget()`,

```
da2 <- dget(file = "da.R")
da2
  A B
1 1 a
2 2 b
```

Múltiplos objetos podem ser armazenados em formato textual usando a função `dump()`.

```
dump(c("da", "ma", "la"), file = "dados.R")
```

Note que os objetos são passados como um vetor de caracteres, e um arquivo chamado `dados.R` é criado com todos os objetos no formato textual. Para importar estes objetos para uma sessão do R, usamos a função `source()`,

```
source("dados.R")
```

que já cria os objetos na sua área de trabalho com os mesmos nomes e atributos como foram armazenados.

4.2.2.2 Formato binário

Armazenar dados em formato binário é vantajoso quando não há uma forma “fácil” de armazenar os dados em formato de texto puro ou textual. Além disso, algumas vezes o formato binário possui maior eficiência em termos de velocidade de leitura/escrita, dependendo dos dados. Outra vantagem é que valores numéricos geralmente perdem precisão quando armazenados em texto ou textual, enquanto que o formato binário preserva toda a precisão (embora essa perda de precisão seja desprezível na maioria dos casos).

Para salvar um objeto contendo dados no R, usamos a função `save()`. Por exemplo, para armazenar o objeto da criação acima, fazemos

```
save(da, file = "dados.rda")
```

Esse comando irá criar o arquivo (binário) `dados.rda`. Note que a extensão `.rda` é comumente utilizada para dados binários do R, mas não é única.

Para salvar mais de um objeto no mesmo arquivo, basta passar os nomes na mesma função

```
save(da, ma, file = "dados.rda")
```

A função `save.image()` pode ser utilizada se a intenção é salvar **todos** os objetos criados na sua área de trabalho (isso inclui qualquer objeto, não só os conjuntos de dados). Nesse caso, podemos fazer

```
save.image(file = "workspace.RData")
```

Note que quando foi utilizada a função `save()`, a extensão do arquivo foi `rda`, e com `save.image()` foi `RData`. Isso é uma convenção comum de arquivos binários do R, mas não é obrigatório. Qualquer uma das extensões funciona em ambas as funções.

Para carregar os conjuntos de dados (ou de forma mais geral, os objetos) armazenados em formato binário, usamos a função `load()`

```
load("dados.rda")  
load("workspace.RData")
```

Dessa forma, os objetos já estarão disponíveis na sua área de trabalho.

4.3 Informações sobre diretórios e arquivos

O R possui uma variedade de funções para mostrar informações sobre arquivos e diretórios. Alguns exemplos são:

- `file.info()` mostra o tamanho do arquivo, data de criação, ...
- `dir()` mostra todos os arquivos presentes em um diretório (tente com `recursive = TRUE`)
- `file.exists()` retorna `TRUE` ou `FALSE` para a presença de um arquivo
- `getwd()` e `setwd()` para verificar e alterar o diretório de trabalho

Veja `?files` para uma lista completa de funções úteis para manipular arquivos de dentro do R.

Capítulo 5

Programando com dados

Por quê programar?

- Evitar repetições desnecessárias de análises ou cálculos que são repetidos com frequência.
- Documentar as etapas que você realizou para chegar a um resultado.
- Fácil recuperação e modificação de programas.

Como programar?

- Criando programas! (Scripts, rotinas, **algoritmos**).
- Crie uma sequência lógica de comandos que devem ser executados em ordem.
- Utilize as ferramentas básicas da programação: **estruturas de repetição** (`for()`) e **estruturas de seleção** (`if()`).

5.1 Estrutura de repetição `for()`

Serve para repetir um ou mais comandos diversas vezes. Para ver como funciona, considere o seguinte exemplo:

```
for(i in 1:10){  
  print(i)  
}  
[1] 1  
[1] 2  
[1] 3  
[1] 4  
[1] 5  
[1] 6  
[1] 7  
[1] 8  
[1] 9  
[1] 10
```

O resultado é a chamada do comando `print()` para cada valor que o índice `i` recebe (nesse caso `i` recebe os valores de 1 a 10).

A sintaxe será sempre nesse formato:

```
for(<índice> in <valores>){  
  <comandos>  
}
```

Veja outro exemplo em como podemos aplicar o índice:

```
x <- 100:200
for(j in 1:10){
  print(x[j])
}
[1] 100
[1] 101
[1] 102
[1] 103
[1] 104
[1] 105
[1] 106
[1] 107
[1] 108
[1] 109
```

Veja que o índice não precisa ser *i*, na verdade pode ser qualquer letra ou palavra. Nesse caso, utilizamos os valores como índice para selecionar elementos de *x* nas posições especificadas.

Um outro exemplo seria se quiséssemos imprimir o quadrado de alguns números (não necessariamente em sequência):

```
for(i in c(2, 9, 4, 6)){
  print(i^2)
}
[1] 4
[1] 81
[1] 16
[1] 36
```

Ou mesmo imprimir caracteres a partir de um vetor de caracteres:

```
for(veiculos in c("carro", "ônibus", "trem", "bicicleta")){
  print(veiculos)
}
[1] "carro"
[1] "ônibus"
[1] "trem"
[1] "bicicleta"
```

Exemplo: cálculo de notas de uma disciplina.

```
## Importa os dados
url <- "http://leg.ufpr.br/~fernandomayer/data/notas.csv"
notas <- read.table(url, header = TRUE, sep = ";", dec = ",")
## Analisa a estrutura dos dados
str(notas)
head(notas)
summary(notas)
```

Antes de seguir adiante, veja o resultado de

```
for(i in 1:30){
  print(notas[i, c("prova1", "prova2", "prova3")])
}
```

Para calcular as médias das 3 provas, precisamos inicialmente de um vetor para armazenar os resultados. Esse vetor pode ser um novo objeto ou uma nova coluna no dataframe

```
## Aqui vamos criar uma nova coluna no dataframe, contendo apenas o
## valor 0
```

```

notas$media <- 0 # note que aqui será usada a regra da reciclagem, ou
                # seja, o valor zero será repetido até completar todas
                # as linhas do dataframe
## Estrutura de repetição para calcular a média
for(i in 1:30){
  ## Aqui, cada linha i da coluna media sera substituida pelo
  ## respectivo valor da media caculada
  notas$media[i] <- sum(notas[i, c("prova1", "prova2", "prova3")])/3
}

## Confere os resultados
head(notas)

```

	nome	prova1	prova2	prova3	media
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333

Agora podemos melhorar o código, tornando-o mais **genérico**. Dessa forma fica mais fácil fazer alterações e procurar erros. Uma forma de melhorar o código acima é generalizando alguns passos.

```

## Armazenamos o número de linhas no dataframe
nlinhas <- nrow(notas)
## Identificamos as colunas de interesse no cálculo da média, e
## armazenamos em um objeto separado
provas <- c("prova1", "prova2", "prova3")
## Sabendo o número de provas, fica mais fácil dividir pelo total no
## cálculo da média
nprovas <- length(provas)
## Cria uma nova coluna apenas para comparar o cálculo com o anterior
notas$media2 <- 0
## A estrutura de repetição fica
for(i in 1:nlinhas){
  notas$media2[i] <- sum(notas[i, provas])/nprovas
}

## Confere
head(notas)

```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333

```

identical(notas$media, notas$media2)
[1] TRUE

```

Ainda podemos melhorar (leia-se: **otimizar**) o código, se utilizarmos funções prontas do R. No caso da média isso é possível pois a função `mean()` já existe. Em seguida veremos como fazer quando o cálculo que estamos utilizando não está implementado em nenhuma função pronta do R.

```

## Cria uma nova coluna apenas para comparação
notas$media3 <- 0
## A estrutura de repetição fica

```

```
for(i in 1:nlinhas){
  notas$media3[i] <- mean(as.numeric(notas[i, provas]))
}

## Confere
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3   media  media2  media3
1 Aluno_1      8      4      1 4.333333 4.333333 4.333333
2 Aluno_2      2      7      6 5.000000 5.000000 5.000000
3 Aluno_3      9      2      4 5.000000 5.000000 5.000000
4 Aluno_4      1     10      9 6.666667 6.666667 6.666667
5 Aluno_5      7      6      8 7.000000 7.000000 7.000000
6 Aluno_6     10      0      3 4.333333 4.333333 4.333333

## A única diferença é que aqui precisamos transformar cada linha em um
## vetor de números com as.numeric(), pois
notas[1, provas]
  prova1 prova2 prova3
1      8      4      1
## é um data.frame:
class(notas[1, provas])
[1] "data.frame"
```

No caso acima vimos que não era necessário calcular a média através de soma/total porque existe uma função pronta no R para fazer esse cálculo. Mas, e se quiséssemos, por exemplo, calcular a Coeficiente de Variação (CV) entre as notas das três provas de cada aluno? Uma busca por

```
help.search("coefficient of variation")
```

não retorna nenhuma função (dos pacotes básicos) para fazer esse cálculo. O motivo é simples: como é uma conta simples de fazer não há necessidade de se criar uma função extra dentro dos pacotes. No entanto, nós podemos criar uma função que calcule o CV, e usá-la para o nosso propósito

```
cv <- function(x){
  desv.pad <- sd(x)
  med <- mean(x)
  cv <- desv.pad/med
  return(cv)
}
```

NOTA: na função criada acima o único argumento que usamos foi x, que neste caso deve ser um vetor de números para o cálculo do CV. Os argumentos colocados dentro de function() devem ser apropriados para o propósito de cada função.

Antes de aplicar a função dentro de um for() devemos testá-la para ver se ela está funcionando de maneira correta. Por exemplo, o CV para as notas do primeiro aluno pode ser calculado “manualmente” por

```
sd(as.numeric(notas[1, provas]))/mean(as.numeric(notas[1, provas]))
[1] 0.8104349
```

E através da função, o resultado é

```
cv(as.numeric(notas[1, provas]))
[1] 0.8104349
```

o que mostra que a função está funcionando corretamente, e podemos aplicá-la em todas as linhas usando a repetição

```
## Cria uma nova coluna para o CV
notas$CV <- 0
## A estrutura de repetição fica
for(i in 1:nlinhas){
  notas$CV[i] <- cv(as.numeric(notas[i, provas]))
}

## Confere
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3   media  media2  media3      CV
1 Aluno_1      8      4      1 4.333333 4.333333 4.333333 0.8104349
2 Aluno_2      2      7      6 5.000000 5.000000 5.000000 0.5291503
3 Aluno_3      9      2      4 5.000000 5.000000 5.000000 0.7211103
4 Aluno_4      1     10      9 6.666667 6.666667 6.666667 0.7399324
5 Aluno_5      7      6      8 7.000000 7.000000 7.000000 0.1428571
6 Aluno_6     10      0      3 4.333333 4.333333 4.333333 1.1842157
```

Podemos agora querer calcular as médias ponderadas para as provas. Por exemplo:

- Prova 1: peso 3
- Prova 2: peso 3
- Prova 3: peso 4

Usando a fórmula:

$$\bar{x} = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^n x_i \cdot w_i$$

onde w_i são os pesos, e $N = \sum_{i=1}^n w_i$ é a soma dos pesos. Como já vimos, criar uma função é uma forma mais prática (e elegante) de executar determinada tarefa, vamos criar uma função que calcule as médias ponderadas.

```
med.pond <- function(notas, pesos){
  ## Multiplica o valor de cada prova pelo seu peso
  pond <- notas * pesos
  ## Calcula o valor total dos pesos
  peso.total <- sum(pesos)
  ## Calcula a soma da ponderação
  sum.pond <- sum(pond)
  ## Finalmente calcula a média ponderada
  saida <- sum.pond/peso.total
  return(saida)
}
```

Antes de aplicar a função para o caso geral, sempre é importante testar e conferir o resultado em um caso menor. Podemos verificar o resultado da média ponderada para o primeiro aluno

```
sum(notas[1, provas] * c(3, 3, 4))/10
[1] 4
```

e testar a função para o mesmo caso

```
med.pond(notas = notas[1, provas], pesos = c(3, 3, 4))
[1] 4
```

Como o resultado é o mesmo podemos aplicar a função para todas as linhas através do for()

```
## Cria uma nova coluna para a média ponderada
notas$MP <- 0
```

```
## A estrutura de repetição fica
for(i in 1:nlinhas){
  notas$MP[i] <- med.pond(notas = notas[i, provas], pesos = c(3, 3, 4))
}

## Confere
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3  media  media2  media3      CV  MP
1 Aluno_1      8      4      1 4.333333 4.333333 4.333333 0.8104349 4.0
2 Aluno_2      2      7      6 5.000000 5.000000 5.000000 0.5291503 5.1
3 Aluno_3      9      2      4 5.000000 5.000000 5.000000 0.7211103 4.9
4 Aluno_4      1     10      9 6.666667 6.666667 6.666667 0.7399324 6.9
5 Aluno_5      7      6      8 7.000000 7.000000 7.000000 0.1428571 7.1
6 Aluno_6     10      0      3 4.333333 4.333333 4.333333 1.1842157 4.2
```

NOTA: uma função para calcular a média ponderada já existe implementada no R. Veja `?weighted.mean()` e confira os resultados obtidos aqui.

Repare na construção da função acima: agora usamos dois argumentos, `notas` e `pesos`, pois precisamos dos dois vetores para calcular a média ponderada. Repare também que ambos argumentos não possuem um valor padrão. Poderíamos, por exemplo, assumir valores padrão para os pesos, e deixar para que o usuário mude apenas se achar necessário.

```
## Atribuindo pesos iguais para as provas como padrão
med.pond <- function(notas, pesos = rep(1, length(notas))){
  ## Multiplica o valor de cada prova pelo seu peso
  pond <- notas * pesos
  ## Calcula o valor total dos pesos
  peso.total <- sum(pesos)
  ## Calcula a soma da ponderação
  sum.pond <- sum(pond)
  ## Finalmente calcula a média ponderada
  saida <- sum.pond/peso.total
  return(saida)
}
```

Repare que neste caso, como os pesos são iguais, a chamada da função sem alterar o argumento `pesos` gera o mesmo resultado do cálculo da média comum.

```
## Cria uma nova coluna para a média ponderada para comparação
notas$MP2 <- 0
## A estrutura de repetição fica
for(i in 1:nlinhas){
  notas$MP2[i] <- med.pond(notas = notas[i, provas])
}

## Confere
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3  media  media2  media3      CV  MP
1 Aluno_1      8      4      1 4.333333 4.333333 4.333333 0.8104349 4.0
2 Aluno_2      2      7      6 5.000000 5.000000 5.000000 0.5291503 5.1
3 Aluno_3      9      2      4 5.000000 5.000000 5.000000 0.7211103 4.9
4 Aluno_4      1     10      9 6.666667 6.666667 6.666667 0.7399324 6.9
5 Aluno_5      7      6      8 7.000000 7.000000 7.000000 0.1428571 7.1
6 Aluno_6     10      0      3 4.333333 4.333333 4.333333 1.1842157 4.2
  MP2
1 4.333333
```



```
2 5.000000
3 5.000000
4 6.666667
5 7.000000
6 4.333333
```

Exercícios

1. Escreva um loop for que percorre os números de 1 a 700 e imprime o cubo de cada número.
2. Escreva um loop for que percorre os nomes das colunas do conjunto de dados iris e imprime cada um junto com o número de caracteres na coluna nomes entre parênteses. Exemplo de output Sepal.Length (12). Dica: Use as seguintes funções print(), paste0() e nchar().
3. Escreva um loop while que imprime o erro padrão de amostras da distribuição normal padrão (use rnorm()) e para (break) se o erro padrão obtido for maior que 1.
4. Usando o comando next adapte o loop do exercício (3) para que números menores que 0.75 não sejam mostrados.
5. Use um loop for para simular o lançamento de uma moeda (1 - cara, 0 - coroa) e armazene os resultados em um vetor pré-especificado.

5.2 Estrutura de seleção if()

Uma estrutura de seleção serve para executar algum comando apenas se alguma condição (em forma de **expressão condicional**) seja satisfeita. Geralmente é utilizada dentro de um for().

No exemplo inicial poderíamos querer imprimir um resultado caso satisfaça determinada condição. Por exemplo, se o valor de x for menor ou igual a 105, então imprima um texto informando isso.

```
x <- 100:200
for(j in 1:10){
  if(x[j] <= 105){
    print("Menor ou igual a 105")
  }
}
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
```

Mas também podemos considerar o que aconteceria caso contrário. Por exemplo, se o valor de x for maior do que 105, então imprima outro texto.

```
x <- 100:200
for(j in 1:10){
  if(x[j] <= 105){
    print("Menor ou igual a 105")
  } else{
    print("Maior do que 105")
  }
}
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Menor ou igual a 105"
```

```
[1] "Menor ou igual a 105"
[1] "Maior do que 105"
[1] "Maior do que 105"
[1] "Maior do que 105"
[1] "Maior do que 105"
```

A sintaxe será sempre no formato:

```
if(<condição>){
  <comandos que satisfazem a condição>
} else{
  <comandos que não satisfazem a condição>
}
```

Como vimos acima, a especificação do `else{}` não é obrigatória.

Voltando ao exemplo das notas, podemos adicionar uma coluna com a condição do aluno: aprovado ou reprovado de acordo com a sua nota. Para isso precisamos criar uma condição (nesse caso se a nota é maior do que 7), e verificar se ela é verdadeira.

```
## Nova coluna para armazenar a situacao
notas$situacao <- NA # aqui usamos NA porque o resultado será um
                    # caracter

## Estrutura de repetição
for(i in 1:nlinhas){
  ## Estrutura de seleção (usando a média ponderada)
  if(notas$MP[i] >= 7){
    notas$situacao[i] <- "aprovado"
  } else{
    notas$situacao[i] <- "reprovado"
  }
}

## Confere
head(notas)
```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2	media3	CV	MP
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333	4.333333	0.8104349	4.0
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000	5.000000	0.5291503	5.1
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000	5.000000	0.7211103	4.9
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667	6.666667	0.7399324	6.9
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000	7.000000	0.1428571	7.1
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333	4.333333	1.1842157	4.2

```

      MP2 situacao
1 4.333333 reprovado
2 5.000000 reprovado
3 5.000000 reprovado
4 6.666667 reprovado
5 7.000000 aprovado
6 4.333333 reprovado
```

5.3 O modo R: vetorização

As funções vetorizadas do R, além de facilitar e resumir a execução de tarefas repetitivas, também são computacionalmente mais eficientes, *i.e.* o tempo de execução das rotinas é menor.

Já vimos que a **regra da reciclagem** é uma forma de vetorizar cálculos no R. Os cálculos feitos com funções vetorizadas (ou usando a regra de reciclagem) são muito mais eficientes (e preferíveis) no

R. Por exemplo, podemos criar um vetor muito grande de números e querer calcular o quadrado de cada número. Se pensássemos em usar uma estrutura de repetição, o cálculo seria o seguinte:

```
## Vetor com uma sequência de 1 a 1.000.000
x <- 1:1000000
## Calcula o quadrado de cada número da sequência em x usando for()
y1 <- numeric(length(x)) # vetor de mesmo comprimento de x que vai
                           # receber os resultados
for(i in 1:length(x)){
  y1[i] <- x[i]^2
}
```

Mas, da forma vetorial e usando a regra da reciclagem, a mesma operação pode ser feita apenas com

```
## Calcula o quadrado de cada número da sequência em x usando a regra da
## reciclagem
y2 <- x^2
## Confere os resultados
identical(y1, y2)
[1] TRUE
```

Note que os resultados são exatamente iguais, mas então porque se prefere o formato vetorial? Primeiro porque é muito mais simples de escrever, e segundo (e principalmente) porque a forma vetorizada é muito mais **eficiente computacionalmente**. A eficiência computacional pode ser medida de várias formas (alocação de memória, tempo de execução, etc), mas apenas para comparação, vamos medir o tempo de execução destas mesmas operações usando o `for()` e usando a regra da reciclagem.

```
## Tempo de execução usando for()
y1 <- numeric(length(x))
st1 <- system.time(
  for(i in 1:length(x)){
    y1[i] <- x[i]^2
  }
)
st1
  user  system elapsed
0.087   0.000   0.086

## Tempo de execução usando a regra da reciclagem
st2 <- system.time(
  y2 <- x^2
)
st2
  user  system elapsed
0.003   0.000   0.003
```

Olhando o resultado de `elapsed`, que é o tempo total de execução de uma função medido por `system.time()`, notamos que usando a regra da reciclagem, o cálculo é aproximadamente $0.086/0.003 = 28.67$ vezes mais rápido. Claramente esse é só um exemplo de um cálculo muito simples. Mas em situações mais complexas, a diferença entre o tempo de execução das duas formas pode ser muito maior.

Uma nota de precaução

Existem duas formas básicas de tornar um loop `for` no R mais rápido:

1. Faça o máximo possível fora do loop.

2. Crie um objeto com tamanho suficiente para armazenar *todos* os resultados do loop **antes** de executá-lo.

Veja este exemplo:

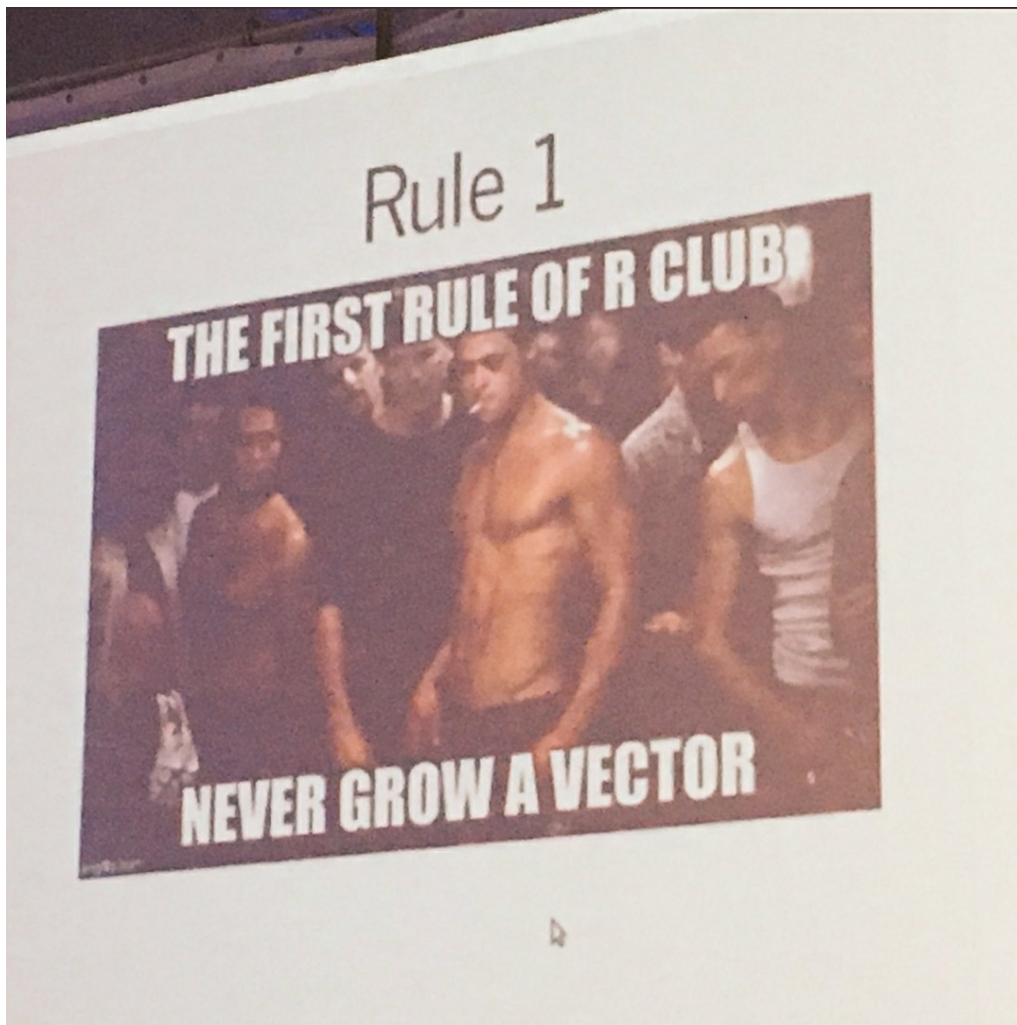
```
## Vetor com uma sequência de 1 a 1.000.000
x <- 1:1000000

## Cria um objeto de armazenamento com o mesmo tamanho do resultado
st1 <- system.time({
  out <- numeric(length(x))
  for(i in 1:length(x)){
    out[i] <- x[i]^2
  }
})
st1
      user  system elapsed
0.089    0.000    0.089

## Cria um objeto de tamanho "zero" e vai "crescendo" esse vetor
st2 <- system.time({
  out <- numeric(0)
  for(i in 1:length(x)){
    out[i] <- x[i]^2
  }
})
st2
      user  system elapsed
0.391    0.032    0.423
```

Essa simples diferença gera um aumento de tempo de execução da segunda forma em aproximadamente $0.423/0.089 = 4.75$ vezes. Isso acontece porque, da segunda forma, o vetor `out` precisa ter seu tamanho aumentado com um elemento a cada iteração. Para fazer isso, o R precisa encontrar um espaço na memória que possa armazenar o objeto maior. É necessário então copiar o vetor de saída e apagar sua versão anterior antes de seguir para o próximo loop. Ao final, foi necessário escrever um milhão de vezes na memória do computador.

Já no primeiro caso, o tamanho do vetor de armazenamento nunca muda, e a memória para esse vetor já foi alocada previamente, de uma única vez.



Voltando ao exemplo das notas, por exemplo, o cálculo da média simples poderia ser feito diretamente com a função `apply()`

```
notas$media.apply <- apply(X = notas[, provas], MARGIN = 1, FUN = mean)
head(notas)
```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2	media3	CV	MP
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333	4.333333	0.8104349	4.0
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000	5.000000	0.5291503	5.1
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000	5.000000	0.7211103	4.9
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667	6.666667	0.7399324	6.9
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000	7.000000	0.1428571	7.1
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333	4.333333	1.1842157	4.2

```
MP2 situacao media.apply
```

	MP2	situacao	media.apply
1	4.333333	reprovado	4.333333
2	5.000000	reprovado	5.000000
3	5.000000	reprovado	5.000000
4	6.666667	reprovado	6.666667
5	7.000000	aprovado	7.000000
6	4.333333	reprovado	4.333333

As médias ponderadas poderiam ser calculadas da mesma forma, e usando a função que criamos anteriormente

```
notas$MP.apply <- apply(X = notas[, provas], MARGIN = 1, FUN = med.pond)
head(notas)
```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2	media3	CV	MP
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333	4.333333	0.8104349	4.0
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000	5.000000	0.5291503	5.1
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000	5.000000	0.7211103	4.9
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667	6.666667	0.7399324	6.9
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000	7.000000	0.1428571	7.1
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333	4.333333	1.1842157	4.2

```

      MP2 situacao media.apply MP.apply
1 4.333333 reprovado 4.333333 4.333333
2 5.000000 reprovado 5.000000 5.000000
3 5.000000 reprovado 5.000000 5.000000
4 6.666667 reprovado 6.666667 6.666667
5 7.000000 aprovado 7.000000 7.000000
6 4.333333 reprovado 4.333333 4.333333
```

Mas note que como temos o argumento pesos especificado com um padrão, devemos alterar na própria função `apply()`

```
notas$MP.apply <- apply(X = notas[, provas], MARGIN = 1,
                        FUN = med.pond, pesos = c(3, 3, 4))
head(notas)
```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2	media3	CV	MP
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333	4.333333	0.8104349	4.0
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000	5.000000	0.5291503	5.1
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000	5.000000	0.7211103	4.9
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667	6.666667	0.7399324	6.9
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000	7.000000	0.1428571	7.1
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333	4.333333	1.1842157	4.2

```

      MP2 situacao media.apply MP.apply
1 4.333333 reprovado 4.333333 4.0
2 5.000000 reprovado 5.000000 5.1
3 5.000000 reprovado 5.000000 4.9
4 6.666667 reprovado 6.666667 6.9
5 7.000000 aprovado 7.000000 7.1
6 4.333333 reprovado 4.333333 4.2
```

NOTA: veja que isso é possível devido à presença do argumento `...` na função `apply()`, que permite passar argumentos de outras funções dentro dela.

Também poderíamos usar a função `weighted.mean()` implementada no R

```
notas$MP2.apply <- apply(X = notas[, provas], MARGIN = 1,
                        FUN = weighted.mean, w = c(3, 3, 4))
head(notas)
```

	nome	prova1	prova2	prova3	media	media2	media3	CV	MP
1	Aluno_1	8	4	1	4.333333	4.333333	4.333333	0.8104349	4.0
2	Aluno_2	2	7	6	5.000000	5.000000	5.000000	0.5291503	5.1
3	Aluno_3	9	2	4	5.000000	5.000000	5.000000	0.7211103	4.9
4	Aluno_4	1	10	9	6.666667	6.666667	6.666667	0.7399324	6.9
5	Aluno_5	7	6	8	7.000000	7.000000	7.000000	0.1428571	7.1
6	Aluno_6	10	0	3	4.333333	4.333333	4.333333	1.1842157	4.2

```

      MP2 situacao media.apply MP.apply MP2.apply
1 4.333333 reprovado 4.333333 4.0 4.0
2 5.000000 reprovado 5.000000 5.1 5.1
3 5.000000 reprovado 5.000000 4.9 4.9
```

```
4 6.666667 reprovado 6.666667 6.9 6.9
5 7.000000 aprovado 7.000000 7.1 7.1
6 4.333333 reprovado 4.333333 4.2 4.2
```

O Coeficiente de Variação poderia ser calculado usando nossa função `cv()`

```
notas$CV.apply <- apply(X = notas[, provas], MARGIN = 1, FUN = cv)
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3  media  media2  media3    CV  MP
1 Aluno_1     8     4     1 4.333333 4.333333 4.333333 0.8104349 4.0
2 Aluno_2     2     7     6 5.000000 5.000000 5.000000 0.5291503 5.1
3 Aluno_3     9     2     4 5.000000 5.000000 5.000000 0.7211103 4.9
4 Aluno_4     1    10     9 6.666667 6.666667 6.666667 0.7399324 6.9
5 Aluno_5     7     6     8 7.000000 7.000000 7.000000 0.1428571 7.1
6 Aluno_6    10     0     3 4.333333 4.333333 4.333333 1.1842157 4.2
  MP2 situacao media.apply MP.apply MP2.apply  CV.apply
1 4.333333 reprovado 4.333333 4.0 4.0 0.8104349
2 5.000000 reprovado 5.000000 5.1 5.1 0.5291503
3 5.000000 reprovado 5.000000 4.9 4.9 0.7211103
4 6.666667 reprovado 6.666667 6.9 6.9 0.7399324
5 7.000000 aprovado 7.000000 7.1 7.1 0.1428571
6 4.333333 reprovado 4.333333 4.2 4.2 1.1842157
```

Finalmente, a estrutura de repetição `if()` também possui uma forma vetorizada através da função `ifelse()`. Essa função funciona da seguinte forma:

```
ifelse(<condição>, <valor se verdadeiro>, <valor se falso>)
```

Dessa forma, a atribuição da situação dos alunos poderia ser feita da seguinte forma:

```
notas$situacao2 <- ifelse(notas$MP >= 7, "aprovado", "reprovado")
head(notas)
  nome prova1 prova2 prova3  media  media2  media3    CV  MP
1 Aluno_1     8     4     1 4.333333 4.333333 4.333333 0.8104349 4.0
2 Aluno_2     2     7     6 5.000000 5.000000 5.000000 0.5291503 5.1
3 Aluno_3     9     2     4 5.000000 5.000000 5.000000 0.7211103 4.9
4 Aluno_4     1    10     9 6.666667 6.666667 6.666667 0.7399324 6.9
5 Aluno_5     7     6     8 7.000000 7.000000 7.000000 0.1428571 7.1
6 Aluno_6    10     0     3 4.333333 4.333333 4.333333 1.1842157 4.2
  MP2 situacao media.apply MP.apply MP2.apply  CV.apply situacao2
1 4.333333 reprovado 4.333333 4.0 4.0 0.8104349 reprovado
2 5.000000 reprovado 5.000000 5.1 5.1 0.5291503 reprovado
3 5.000000 reprovado 5.000000 4.9 4.9 0.7211103 reprovado
4 6.666667 reprovado 6.666667 6.9 6.9 0.7399324 reprovado
5 7.000000 aprovado 7.000000 7.1 7.1 0.1428571 aprovado
6 4.333333 reprovado 4.333333 4.2 4.2 1.1842157 reprovado
```

Exercícios

1. Faça uma função usando loop `for` que recebe duas matrizes de mesma dimensão e retorna a soma das matrizes. Note que é necessário verificar se as matrizes fornecidas pelo usuário podem ser somadas, caso contrário retorne uma mensagem de erro dizendo que as matrizes não podem ser somadas.
2. Faça uma função usando loop `for` para multiplicar duas matrizes compatíveis. Note que é necessário verificar se as matrizes fornecidas pelo usuário podem ser multiplicadas, caso contrário retorne uma mensagem de erro dizendo que as matrizes não podem ser multiplicadas.
3. Faça uma função para resolver sistemas lineares 2×2 usando o método de decomposição de Gauss. Veja esta página se você não conhece o método <https://matrixcalc.org/pt/slu.html>.

4. Faça uma função que encontra o máximo de uma função fornecida pelo usuário em um intervalo e precisão pré-determinado pelo usuário.
5. Faça uma função que resolve uma equação não-linear de um único parâmetro em um intervalo e precisão pré-determinado pelo usuário.

5.4 Outras estruturas: while e repeat

O while executa comandos enquanto uma determinada condição permanece verdadeira.

```
## Calcule a soma em 1,2,3... até que o soma seja maior do que 1000
n <- 0
soma <- 0
while(soma <= 1000){
  n <- n + 1
  soma <- soma + n
}
soma
[1] 1035
```

O repeat é ainda mais básico, e irá executar comandos até que você explicitamente pare a execução com o comando break.

```
## Mesmo exemplo
n <- 0
soma <- 0
repeat{
  n <- n + 1
  soma <- soma + n
  if(soma > 1000) break
}
soma
[1] 1035
```

Exercícios

1. Crie uma função que retorna o absoluto de um vetor de inteiros.
2. Crie uma função em R que retorna o maior valor em um vetor de elementos numéricos.
3. Crie uma função que retorna o número de valores maiores que a média de um vetor. Você pode usar a função mean().
4. Crie uma função que dado um vetor de tamanho 3 retorna os seus valores em ordem crescente e decrescente.
5. Crie uma função que calcula o fatorial de um número.

Parte II

Estatística

Capítulo 6

Análise exploratória de dados

Nesta sessão vamos ver alguns (mas não todos!) comandos do R para fazer uma análise descritiva de um conjunto de dados.

Uma boa forma de iniciar uma análise descritiva adequada é verificar os tipos de variáveis disponíveis. Variáveis podem ser classificadas da seguinte forma:

- Qualitativas
 - Nominais
 - Ordinais
- Quantitativas
 - Discretas
 - Contínuas

e podem ser resumidas por tabelas, gráficos e/ou medidas de tendência central e dispersão.

6.1 O conjunto de dados milsa

O livro “Estatística Básica” de W. O. Bussab e P. A. Morettin traz no segundo capítulo um conjunto de dados hipotético de atributos de 36 funcionários da companhia “Milsa”. Os dados estão reproduzidos na tabela abaixo. Consulte o livro para mais detalhes sobre este dados.

Funcionario	Est.civil	Inst	Filhos	Salario	Anos	Meses	Regiao
1	solteiro	1o Grau	NA	4.00	26	3	interior
2	casado	1o Grau	1	4.56	32	10	capital
3	casado	1o Grau	2	5.25	36	5	capital
4	solteiro	2o Grau	NA	5.73	20	10	outro
5	solteiro	1o Grau	NA	6.26	40	7	outro
6	casado	1o Grau	0	6.66	28	0	interior
7	solteiro	1o Grau	NA	6.86	41	0	interior
8	solteiro	1o Grau	NA	7.39	43	4	capital
9	casado	2o Grau	1	7.59	34	10	capital
10	solteiro	2o Grau	NA	7.44	23	6	outro
11	casado	2o Grau	2	8.12	33	6	interior
12	solteiro	1o Grau	NA	8.46	27	11	capital
13	solteiro	2o Grau	NA	8.74	37	5	outro
14	casado	1o Grau	3	8.95	44	2	outro
15	casado	2o Grau	0	9.13	30	5	interior
16	solteiro	2o Grau	NA	9.35	38	8	outro
17	casado	2o Grau	1	9.77	31	7	capital
18	casado	1o Grau	2	9.80	39	7	outro
19	solteiro	Superior	NA	10.53	25	8	interior
20	solteiro	2o Grau	NA	10.76	37	4	interior
21	casado	2o Grau	1	11.06	30	9	outro
22	solteiro	2o Grau	NA	11.59	34	2	capital
23	solteiro	1o Grau	NA	12.00	41	0	outro
24	casado	Superior	0	12.79	26	1	outro
25	casado	2o Grau	2	13.23	32	5	interior
26	casado	2o Grau	2	13.60	35	0	outro
27	solteiro	1o Grau	NA	13.85	46	7	outro
28	casado	2o Grau	0	14.69	29	8	interior
29	casado	2o Grau	5	14.71	40	6	interior
30	casado	2o Grau	2	15.99	35	10	capital
31	solteiro	Superior	NA	16.22	31	5	outro
32	casado	2o Grau	1	16.61	36	4	interior
33	casado	Superior	3	17.26	43	7	capital
34	solteiro	Superior	NA	18.75	33	7	capital
35	casado	2o Grau	2	19.40	48	11	capital
36	casado	Superior	3	23.30	42	2	interior

Estes dados estão disponíveis em um arquivo csv no endereço <http://www.leg.ufpr.br/~fernandomayer/data/milsa.csv>.

O nosso objetivo é, através do R,

- Entrar com os dados;
- Fazer uma análise descritiva.

Estes são dados no “estilo planilha”, com variáveis de diferentes tipos: categóricas e numéricas (qualitativas e quantitativas). Portanto o formato ideal de armazenamento destes dados no R é o `data.frame`.

Para importar os dados do endereço acima diretamente para o R, usamos

```
url <- "http://www.leg.ufpr.br/~fernandomayer/data/milsa.csv"
milsa <- read.csv(url)
```

E para conferir a estrutura dos dados podemos usar algumas funções como:

```
str(milsa)
'data.frame': 36 obs. of 8 variables:
 $ Funcionario: int 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ...
 $ Est.civil : chr "solteiro" "casado" "casado" "solteiro" ...
 $ Inst : chr "1o Grau" "1o Grau" "1o Grau" "2o Grau" ...
 $ Filhos : int NA 1 2 NA NA 0 NA NA 1 NA ...
 $ Salario : num 4 4.56 5.25 5.73 6.26 6.66 6.86 7.39 7.59 7.44 ...
 $ Anos : int 26 32 36 20 40 28 41 43 34 23 ...
 $ Meses : int 3 10 5 10 7 0 0 4 10 6 ...
 $ Regiao : chr "interior" "capital" "capital" "outro" ...
head(milsa)
  Funcionario Est.civil Inst Filhos Salario Anos Meses Regiao
1           1 solteiro 1o Grau    NA    4.00  26    3 interior
2           2   casado 1o Grau     1    4.56  32   10 capital
3           3   casado 1o Grau     2    5.25  36    5 capital
4           4 solteiro 2o Grau    NA    5.73  20   10 outro
5           5 solteiro 1o Grau    NA    6.26  40    7 outro
6           6   casado 1o Grau     0    6.66  28    0 interior
tail(milsa)
  Funcionario Est.civil Inst Filhos Salario Anos Meses Regiao
31          31 solteiro Superior    NA   16.22  31    5 outro
32          32   casado 2o Grau     1   16.61  36    4 interior
33          33   casado Superior     3   17.26  43    7 capital
34          34 solteiro Superior    NA   18.75  33    7 capital
35          35   casado 2o Grau     2   19.40  48   11 capital
36          36   casado Superior     3   23.30  42    2 interior
```

Podemos classificar todas as variáveis desse conjunto de dados como:

Variável	Classificação
Funcionario	Quantitativa discreta
Est.civil	Qualitativa nominal
Inst	Qualitativa ordinal
Filhos	Quantitativa discreta
Salario	Quantitativa contínua
Anos	Quantitativa contínua
Meses	Quantitativa contínua
Regiao	Qualitativa nominal

Como a variável `Inst` é qualitativa ordinal, podemos indicar para o R que ela deve ser tratada como ordinal. Se observarmos os níveis desse fator:

```
levels(milsa$Inst)
NULL
```

já notamos que a ordenação está correta (da esquerda para a direita), pois sabemos que a classificação interna dos níveis é por ordem alfabética, e nesse caso, por coincidência, a ordem já está na sequência correta. Mesmo assim, podemos indicar que este fator é ordinal, usando o argumento `ordered` da função `factor()`

```
milsa$Inst <- factor(milsa$Inst, ordered = TRUE)
```

Note agora a modificação na classe dessa coluna, e a representação dos níveis:

```
class(milsa$Inst)
[1] "ordered" "factor"
```

```

milsa$Inst
[1] 1o Grau 1o Grau 1o Grau 2o Grau 1o Grau 1o Grau 1o Grau 1o Grau
[9] 2o Grau 2o Grau 2o Grau 1o Grau 2o Grau 1o Grau 2o Grau 2o Grau
[17] 2o Grau 1o Grau Superior 2o Grau 2o Grau 2o Grau 1o Grau Superior
[25] 2o Grau 2o Grau 1o Grau 2o Grau 2o Grau 2o Grau Superior 2o Grau
[33] Superior Superior 2o Grau Superior
Levels: 1o Grau < 2o Grau < Superior

```

A coluna continua sendo um factor, mas agora também é ordered (sim, um objeto pode ter mais de uma classe, se elas foram compatíveis e/ou complementares). Os níveis agora são representados por

```
1o Grau < 2o Grau < Superior
```

para indicar explicitamente que existe uma ordem nos níveis desse fator.

Podemos ainda definir uma nova variável, chamada Idade, a partir das variáveis Anos e Meses:

```
milsa$Idade <- milsa$Anos + milsa$Meses/12
```

Os dois comandos acima (de modificação da classe de uma variável, e a criação de uma nova variável) poderiam ser facilmente executadas de uma única vez através do comando transform()

```

milsa <- transform(milsa,
                   Inst = factor(Inst, ordered = TRUE),
                   Idade = Anos + Meses/12)

```

Agora que os dados estão prontos podemos começar a análise descritiva. A seguir mostramos como fazer análises descritivas uni e bivariadas. Inspeção os comandos mostrados a seguir e os resultados por eles produzidos. Sugerimos ainda que o leitor use o R para reproduzir os resultados mostrados no texto dos capítulos 1 a 3 do livro de Bussab & Morettin, relacionados com este exemplo. Veja os scripts do livro [aqui](#).

6.2 Análise univariada

A análise univariada consiste basicamente em, para cada uma das variáveis individualmente:

- Classificar a variável quanto a seu tipo: qualitativa (nominal ou ordinal) ou quantitativa (discreta ou contínua).
- Obter tabelas, gráficos e/ou medidas que resumam a variável.

A partir destes resultados pode-se montar um resumo geral dos dados.

A seguir vamos mostrar como obter tabelas, gráficos e medidas com o R. Para isto vamos selecionar uma variável de cada tipo para que o leitor possa, por analogia, obter resultados para as demais.

6.2.1 Variável Qualitativa Nominal

A variável Est.civil é uma qualitativa nominal. Desta forma podemos obter: (i) uma tabela de frequências (absolutas e/ou relativas), (ii) um gráfico de setores, (iii) a “moda”, *i.e.* o valor que ocorre com maior frequência.

Já vimos, através do resultado da função str() acima, que esta variável é um fator. A seguir obtemos frequências absolutas e relativas (note duas formas diferentes de obter as frequências relativas).

```

## Frequência absoluta
civil.tb <- table(milsa$Est.civil)
civil.tb

casado solteiro

```

```

      20      16
## Frequência relativa, calculando manualmente
civil.tb/length(milsa$Est.civil)

      casado  solteiro
0.5555556 0.4444444
## Frequência relativa, com a função prop.table()
prop.table(civil.tb)

      casado  solteiro
0.5555556 0.4444444

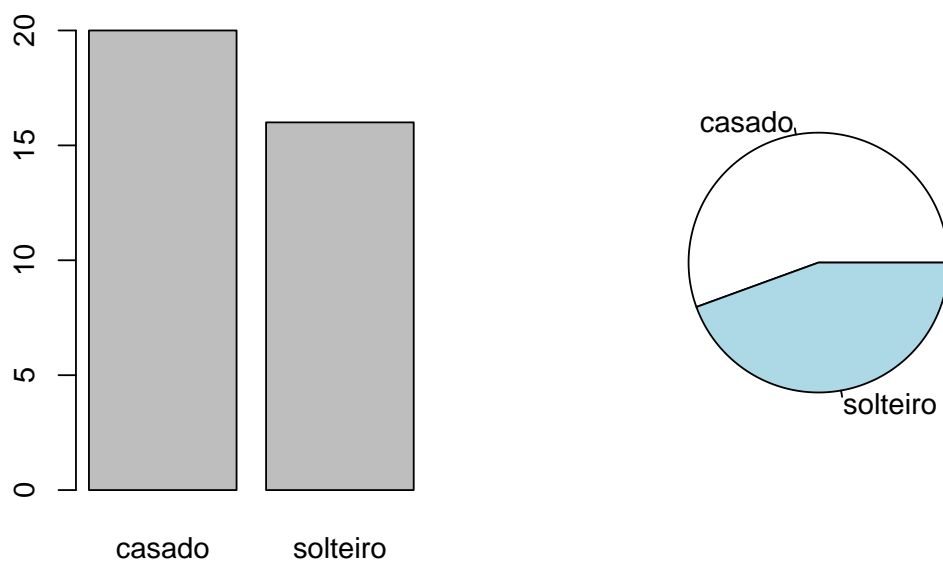
```

Os gráficos de barras e de setores são adequados para representar esta variável. Os comandos `barplot()` e `pie()` usam o resultado da função `table()` para gerar os gráficos:

```

par(mfrow = c(1,2))
barplot(civil.tb)
pie(civil.tb)
par(mfrow = c(1,1))

```



A *moda* de qualquer variável aleatória é definida como o valor mais frequente encontrado na amostra. No R não há uma função pronta para “calcular” a moda, pois ela pode ser obtida facilmente através do uso de funções básicas. Uma opção seria usar os comandos abaixo:

```

names(civil.tb)[which.max(civil.tb)]
[1] "casado"

```

Deixamos a cargo do leitor entender e interpretar esse comando.

6.2.2 Variável Qualitativa Ordinal

Para exemplificar como obter análises para uma variável qualitativa ordinal vamos selecionar a variável `Inst`.

As tabelas de frequências são obtidas de forma semelhante à mostrada anteriormente.

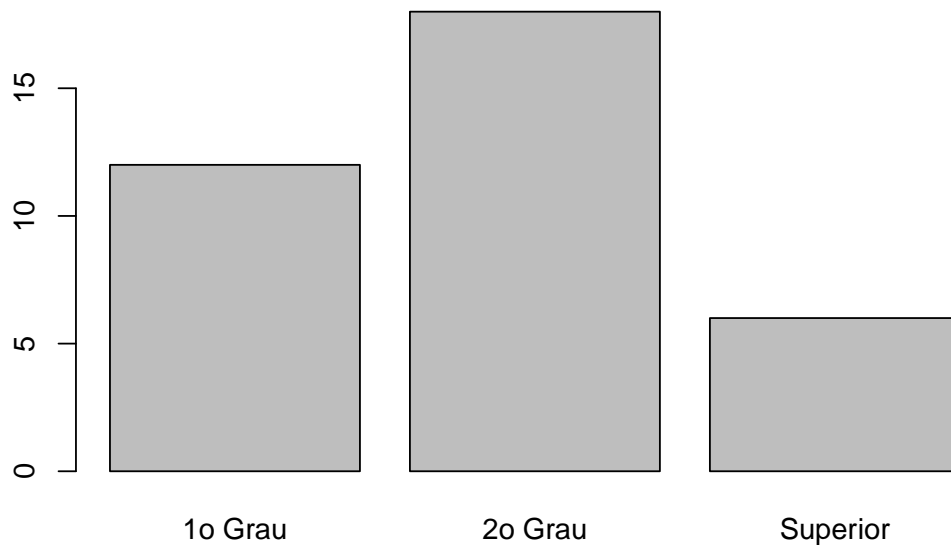
```
## Frequência absoluta
inst.tb <- table(milsa$Inst)
inst.tb

  1o Grau  2o Grau Superior
      12      18       6
## Frequência relativa
prop.table(inst.tb)

  1o Grau  2o Grau Superior
0.3333333 0.5000000 0.1666667
```

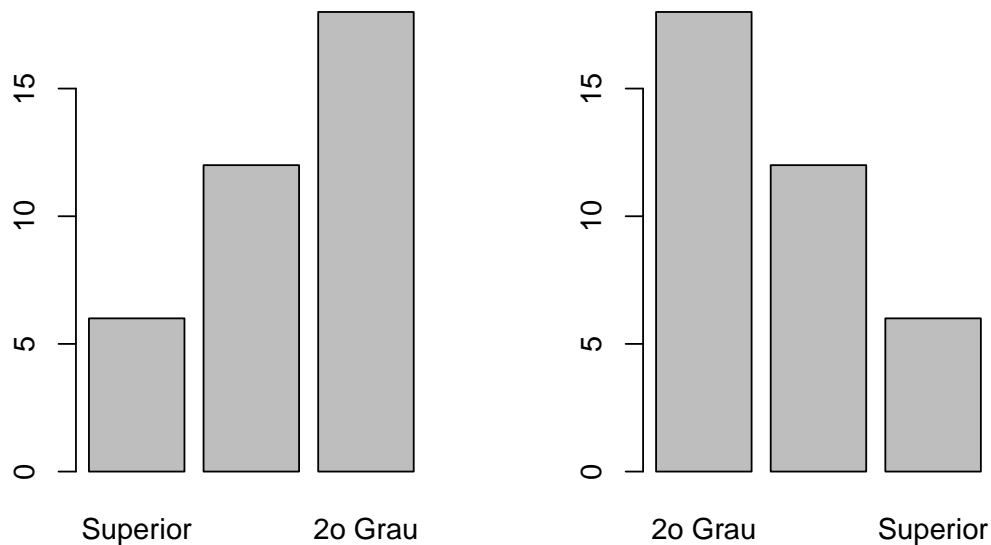
O gráfico de setores não é adequado para este tipo de variável por não expressar a ordem dos possíveis valores. Usamos então apenas um gráfico de barras conforme mostrado abaixo

```
barplot(inst.tb)
```



Em alguns casos podemos querer mostrar o gráfico de barras com as barras classificadas da menor para a maior, ou vice-versa, independente da ordem dos níveis. Para isso podemos usar a função `sort()` para ordenar os valores da tabela e fazer o gráfico

```
par(mfrow = c(1,2))
## Menor para maior
barplot(sort(inst.tb))
## Maior para menor
barplot(sort(inst.tb, decreasing = TRUE))
par(mfrow = c(1,1))
```

Para uma variável ordinal, além da moda podemos também calcular outras medidas, tais como a mediana conforme exemplificado a seguir. Note que o comando `median()` não funciona com variáveis não numéricas, e por isso usamos o comando seguinte.

```
## Moda
names(inst.tb)[which.max(inst.tb)]
[1] "2o Grau"
## Mediana
median(milsa$Inst) # só funciona para variáveis numéricas
Error in median.default(milsa$Inst): need numeric data
median(as.numeric(milsa$Inst)) # traz a mediana da codificação do nível
[1] 2
levels(milsa$Inst)[median(as.numeric(milsa$Inst))] # valor correto
[1] "2o Grau"
```

6.2.3 Variável quantitativa discreta

Vamos agora usar a variável Filhos (número de filhos) para ilustrar algumas análises que podem ser feitas com uma quantitativa discreta.

Frequências absolutas e relativas são obtidas como anteriormente. Também vamos calcular a frequência acumulada, onde a frequência em uma classe é a soma das frequências das classes anteriores. Para isso usamos a função `cumsum()`, que já faz a soma acumulada.

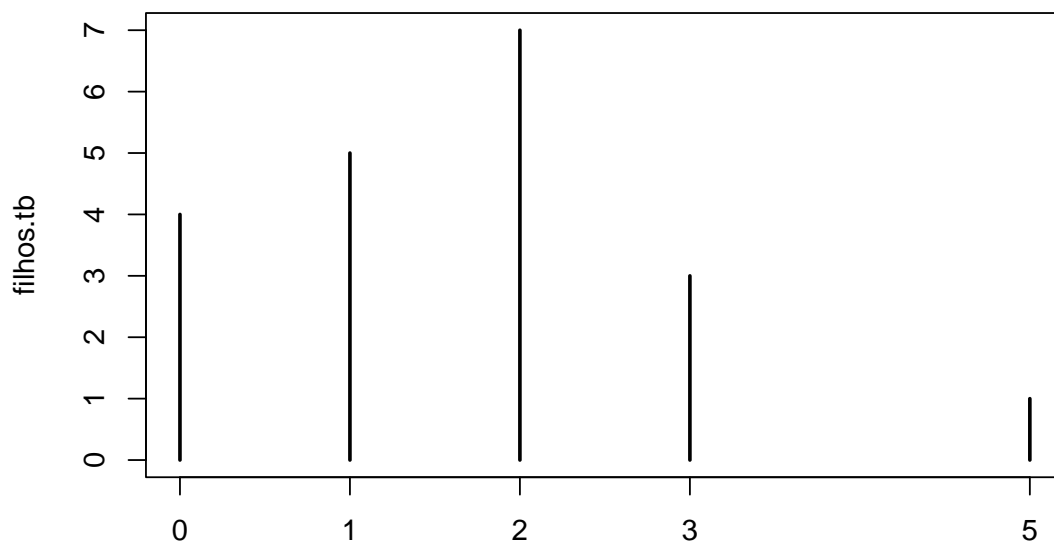
```
## Frequência absoluta
filhos.tb <- table(milsa$Filhos)
filhos.tb

0 1 2 3 5
4 5 7 3 1
## Frequência relativa
filhos.tbr <- prop.table(filhos.tb)
```

```
filhos.tbr
  0    1    2    3    5
0.20 0.25 0.35 0.15 0.05
## Frequência acumulada
filhos.tba <- cumsum(filhos.tbr)
filhos.tba
  0    1    2    3    5
0.20 0.45 0.80 0.95 1.00
```

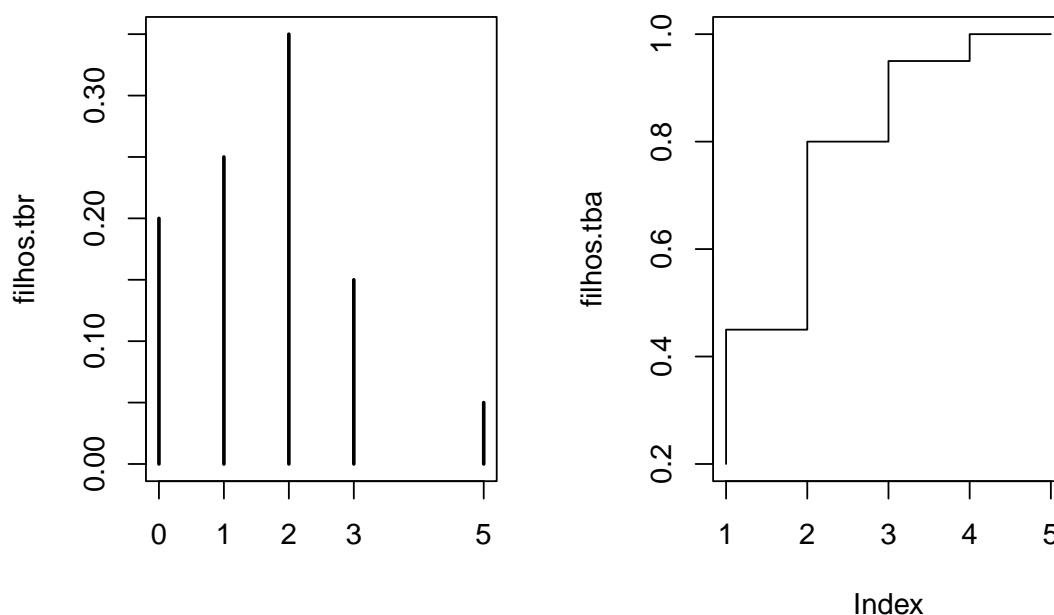
O gráfico adequado para frequências absolutas de uma variável discreta é parecido com um gráfico de barras, mas nesse caso, as frequências são indicadas por linhas. Usando a função `plot()` em um objeto resultado da função `table()`, o gráfico adequado já é selecionado:

```
plot(filhos.tb)
```



Outra possibilidade seria fazer gráficos de frequências relativas e de frequências acumuladas conforme mostrado na

```
par(mfrow = c(1,2))
## Frequência relativa
plot(filhos.tbr)
## Frequência relativa acumulada
plot(filhos.tba, type = "s") # tipo step (escada)
par(mfrow = c(1,1))
```



Sendo a variável numérica há uma maior diversidade de medidas estatísticas que podem ser calculadas.

A seguir mostramos como obter algumas medidas de posição: moda, mediana, média e média aparada. Note que o argumento `na.rm = TRUE` é necessário porque não há informação sobre número de filhos para alguns indivíduos (NA). Para calcular a média aparada, usamos o argumento `trim = 0.1` que indica que a média deve ser calculada excluindo-se 10% dos menores e 10% dos maiores valores do vetor de dados. Ao final mostramos como obter os quartis, incluindo o mínimo e o máximo.

```
## Moda
names(filhos.tb)[which.max(filhos.tb)]
[1] "2"
## Mediana
median(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 2
## Média
mean(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 1.65
## Média aparada
mean(milsa$Filhos, trim = 0.1, na.rm = TRUE)
[1] 1.5625
## Quartis
quantile(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
  0%  25%  50%  75% 100%
  0   1   2   2   5
```

Passando agora para medidas de dispersão, vejamos como obter o máximo e mínimo, e com isso a amplitude, além da variância, desvio padrão, e coeficiente de variação. Também obtemos os quartis para calcular a amplitude interquartílica.

```
## Máximo e mínimo
max(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 5
min(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 0
## As duas informações juntas
range(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 0 5
## Amplitude é a diferença entre máximo e mínimo
diff(range(milsa$Filhos, na.rm = TRUE))
[1] 5
## Variância
var(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 1.607895
## Desvio-padrão
sd(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 1.268028
## Coeficiente de variação
sd(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)/mean(milsa$Filhos, na.rm = TRUE)
[1] 0.7685018
## Quartis
(filhos.qt <- quantile(milsa$Filhos, na.rm = TRUE))
  0%  25%  50%  75% 100%
   0    1    2    2    5
## Amplitude interquartilica
filhos.qt[4] - filhos.qt[2]
75%
 1
```

Finalmente, podemos usar a função **genérica** `summary()` para resumir os dados de uma só vez

```
summary(milsa$Filhos)
  Min. 1st Qu.  Median    Mean 3rd Qu.    Max.    NA's
  0.00   1.00   2.00   1.65   2.00   5.00    16
```

6.2.4 Variável quantitativa contínua

Para concluir os exemplos para análise univariada vamos considerar a variável quantitativa contínua `Salario`.

Para se fazer uma tabela de frequências de uma variável contínua, é preciso primeiro agrupar os dados em classes. Nos comandos mostrados a seguir verificamos inicialmente os valores máximo e mínimo dos dados, depois usamos o critério de Sturges para definir o número de classes. Usamos a função `cut()` para agrupar os dados em classes e finalmente obtemos as frequências absolutas e relativas.

```
## Máximo e mínimo
range(milsa$Salario)
[1] 4.0 23.3
## Número de classes estimado, com base no critério de Sturges. Veja
## outras opções em ?nclass
nclass.Sturges(milsa$Salario)
[1] 7
## Criando as classes com a função cut(), usando os valores mínimos e
## máximos dados em range()
cut(milsa$Salario, breaks = seq(4, 23.3, length.out = 8))
[1] <NA>      (4,6.76]   (4,6.76]   (4,6.76]   (4,6.76]   (4,6.76]
```

```
[7] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51]
[13] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (9.51,12.3] (9.51,12.3]
[19] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (12.3,15]
[25] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (15,17.8]
[31] (15,17.8] (15,17.8] (15,17.8] (17.8,20.5] (17.8,20.5] (20.5,23.3]
7 Levels: (4,6.76] (6.76,9.51] (9.51,12.3] (12.3,15] (15,17.8] ... (20.5,23.3]
```

Note que uma das classes é NA. Isso ocorre pela definição das classes, que por padrão é no formato (a,b], ou seja, o intervalo é aberto em a (não inclui a) e fechado em b (inclui b). Podemos alterar esse padrão usando o argumento `include.lowest = TRUE`,

```
cut(milsa$Salario, breaks = seq(4, 23.3, length.out = 8),
    include.lowest = TRUE)
[1] [4,6.76] [4,6.76] [4,6.76] [4,6.76] [4,6.76] [4,6.76]
[7] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51]
[13] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (6.76,9.51] (9.51,12.3] (9.51,12.3]
[19] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (9.51,12.3] (12.3,15]
[25] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (12.3,15] (15,17.8]
[31] (15,17.8] (15,17.8] (15,17.8] (17.8,20.5] (17.8,20.5] (20.5,23.3]
7 Levels: [4,6.76] (6.76,9.51] (9.51,12.3] (12.3,15] (15,17.8] ... (20.5,23.3]
```

E note que agora a primeira classe fica [a,b], ou seja, fechada (incluindo) os dois lados. Para que o intervalo seja fechado à esquerda, usamos o argumento `right = FALSE`. As combinações possíveis para esses dois argumentos, e as classes resultantes são apresentadas na tabela abaixo:

Argumentos	Resultado
<code>include.lowest = T, right = T</code>	[a,b], ..., (y,z]
<code>include.lowest = F, right = T</code>	(a,b], ..., (y,z]
<code>include.lowest = F, right = F</code>	[a,b), ..., [y,z)
<code>include.lowest = T, right = F</code>	[a,b), ..., [y,z)

Outra opção para “acomodar” todos os extremos dentro das classes, seria naturalmente atribuir valores um pouco menores que o mínimo, e um pouco maiores que o máximo. Abaixo, usamos essa abordagem e fazemos uma tabela com as frequências absolutas e relativas.

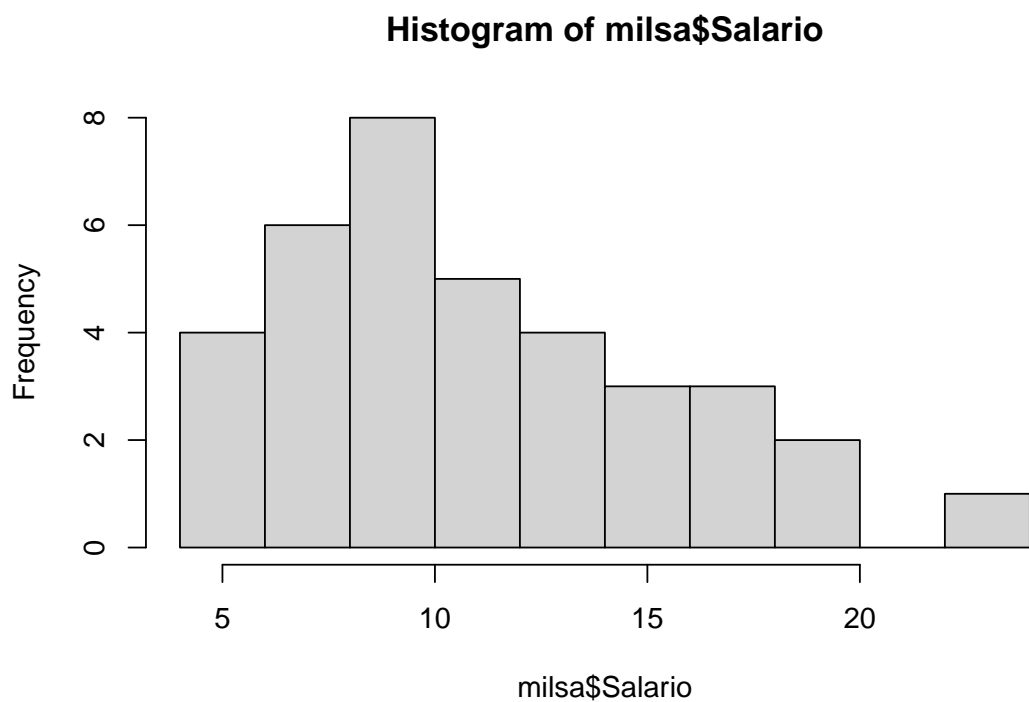
```
salario.cut <- cut(milsa$Salario,
                  breaks = seq(3.5, 23.5, length.out = 8))
salario.cut
[1] (3.5,6.36] (3.5,6.36] (3.5,6.36] (3.5,6.36] (3.5,6.36] (6.36,9.21]
[7] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (6.36,9.21]
[13] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (6.36,9.21] (9.21,12.1] (9.21,12.1] (9.21,12.1]
[19] (9.21,12.1] (9.21,12.1] (9.21,12.1] (9.21,12.1] (9.21,12.1] (12.1,14.9]
[25] (12.1,14.9] (12.1,14.9] (12.1,14.9] (12.1,14.9] (12.1,14.9] (14.9,17.8]
[31] (14.9,17.8] (14.9,17.8] (14.9,17.8] (17.8,20.6] (17.8,20.6] (20.6,23.5]
7 Levels: (3.5,6.36] (6.36,9.21] (9.21,12.1] (12.1,14.9] ... (20.6,23.5]
## Tabela com as frequências absolutas por classe
salario.tb <- table(salario.cut)
salario.tb
salario.cut
(3.5,6.36] (6.36,9.21] (9.21,12.1] (12.1,14.9] (14.9,17.8] (17.8,20.6]
          5          10           8           6           4           2
(20.6,23.5]
          1
## Tabela com as frequências relativas
prop.table(salario.tb)
salario.cut
```

```
(3.5,6.36] (6.36,9.21] (9.21,12.1] (12.1,14.9] (14.9,17.8] (17.8,20.6]
0.13888889 0.27777778 0.22222222 0.16666667 0.11111111 0.05555556
(20.6,23.5]
0.02777778
```

Na sequência vamos mostrar dois possíveis gráficos para variáveis contínuas: o histograma e o *box-plot*.

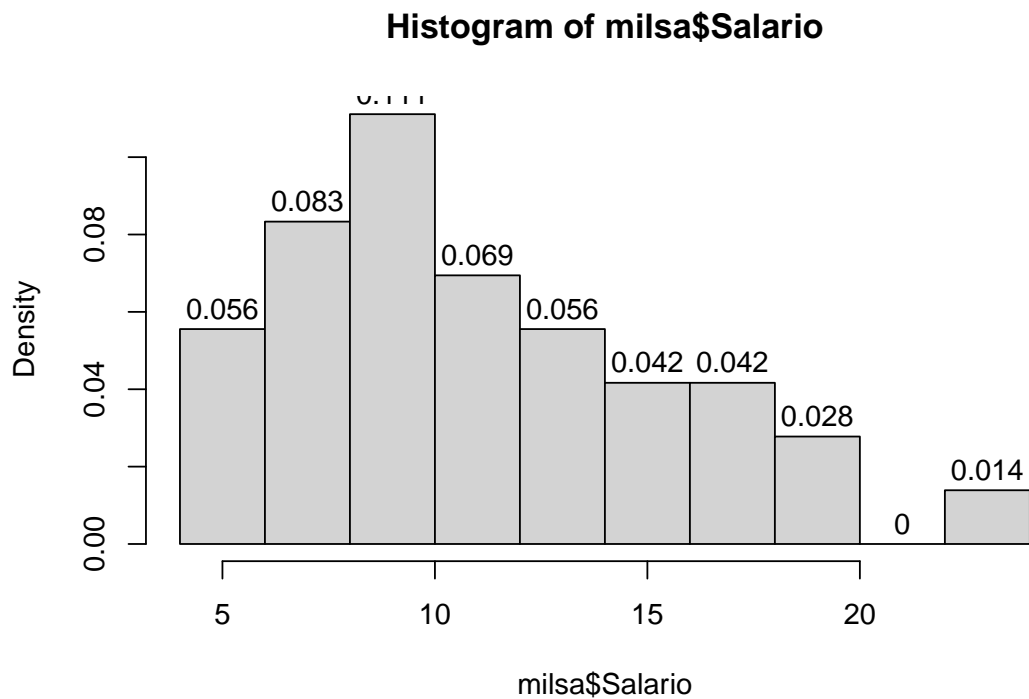
Para fazer um histograma usamos a função `hist()`, por exemplo,

```
hist(milsa$Salario)
```



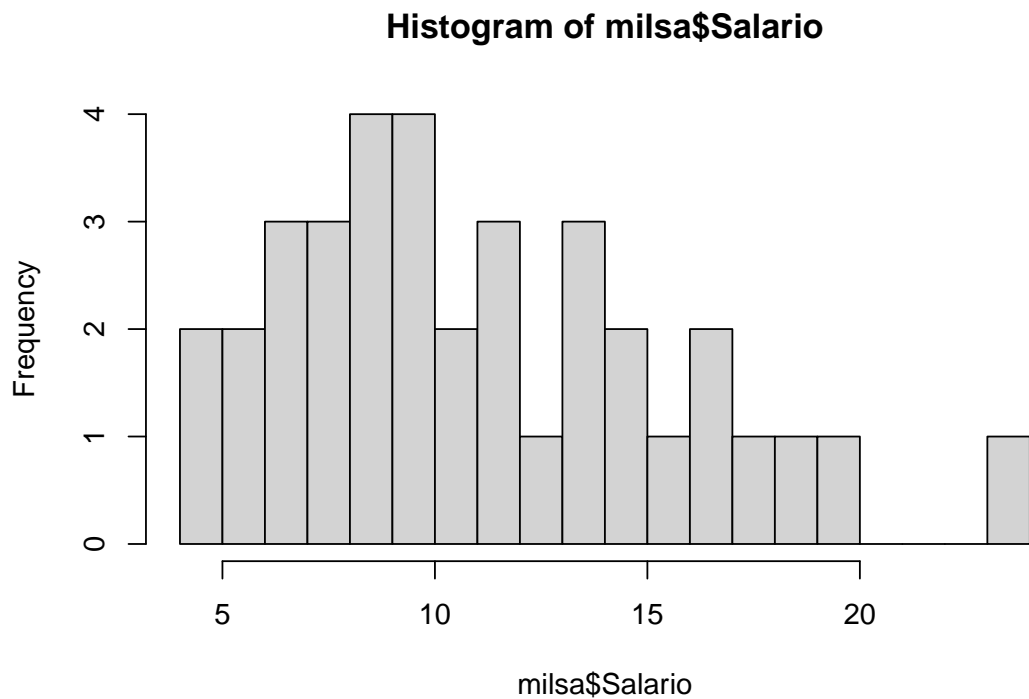
A função `hist()` possui vários argumentos para alterar o comportamento da saída do gráfico. Por exemplo, com `labels = TRUE` as frequências são mostradas acima de cada barra. Com `freq = FALSE`, o gráfico é feito com as frequências relativas.

```
hist(milsa$Salario, freq = FALSE, labels = TRUE)
```



Por padrão, a função `hist()` calcula automaticamente o número de classes e os valores limites de cada classe. No entanto, isto pode ser alterado com o argumento `breaks`, que pode receber um vetor definindo os limites das classes, uma função para definir as quebras, um nome de critério (por exemplo, "Sturges"), ou um único escalar definindo o número de classes. As últimas três opções são apenas sugestões utilizadas pela função. O argumento `nclass` também funciona dessa forma, recebendo apenas um valor com o número de classes (como sugestão).

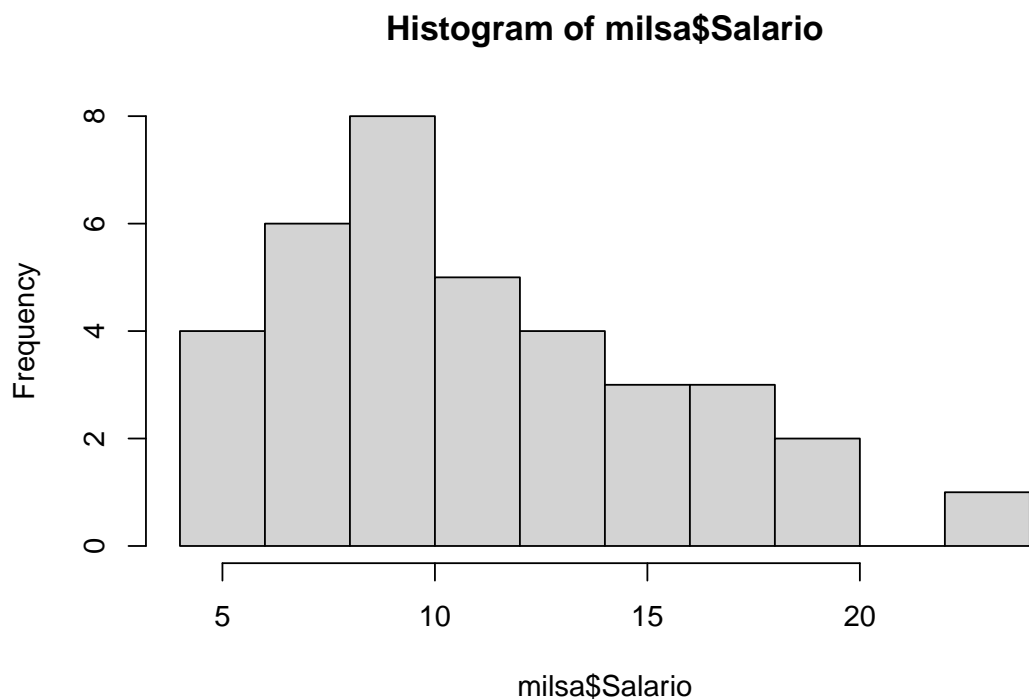
```
hist(milsa$Salario, nclass = 15)
```



Assim como na função `cut()`, os argumentos `include.lowest` e `right` são utilizados para controlar a borda das classes.

Uma característica importante da função `hist()` é que ela retorna não apenas o gráfico, mas também uma lista com as informações utilizadas para construir o gráfico. Associando um histograma a um objeto, podemos ver o seu conteúdo:

```
salario.hist <- hist(milsa$Salario)
```

```

salario.hist
$breaks
[1]  4  6  8 10 12 14 16 18 20 22 24

$counts
[1] 4 6 8 5 4 3 3 2 0 1

$density
[1] 0.05555556 0.08333333 0.11111111 0.06944444 0.05555556 0.04166667
[7] 0.04166667 0.02777778 0.00000000 0.01388889

$mids
[1]  5  7  9 11 13 15 17 19 21 23

$xname
[1] "milsa$Salario"

$equidist
[1] TRUE

attr(,"class")
[1] "histogram"

```

Estas informações podem então ser utilizadas para outros propósitos dentro do R.

Os **boxplots** são úteis para revelar o centro, a dispersão e a distribuição dos dados, além de **outliers**. São construídos da seguinte forma:

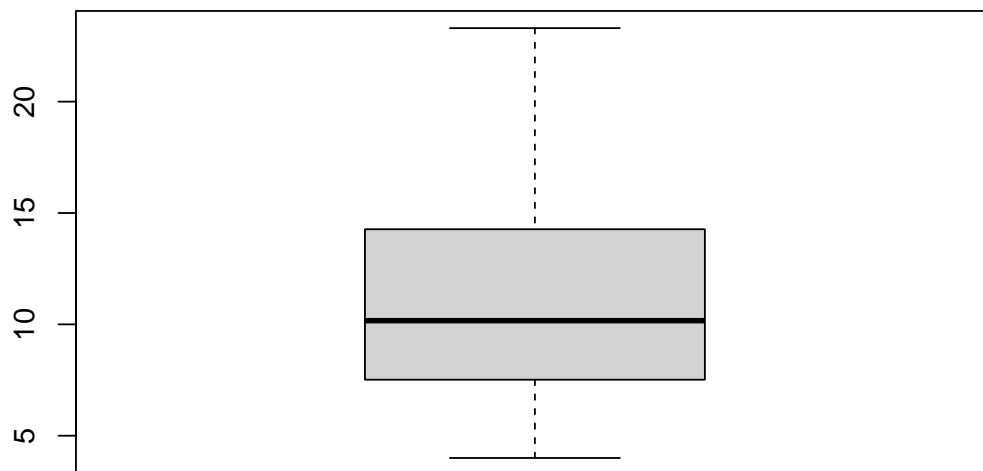
- A linha central mais escura representa a mediana. Os extremos da caixa são o 1º ($q1$) e o 3º ($q3$) quartis.

- As linhas que se estendem das caixas são definidas como:

$$q1 - 1,5 \cdot IQR \quad \text{e} \quad q3 + 1,5 \cdot IQR$$

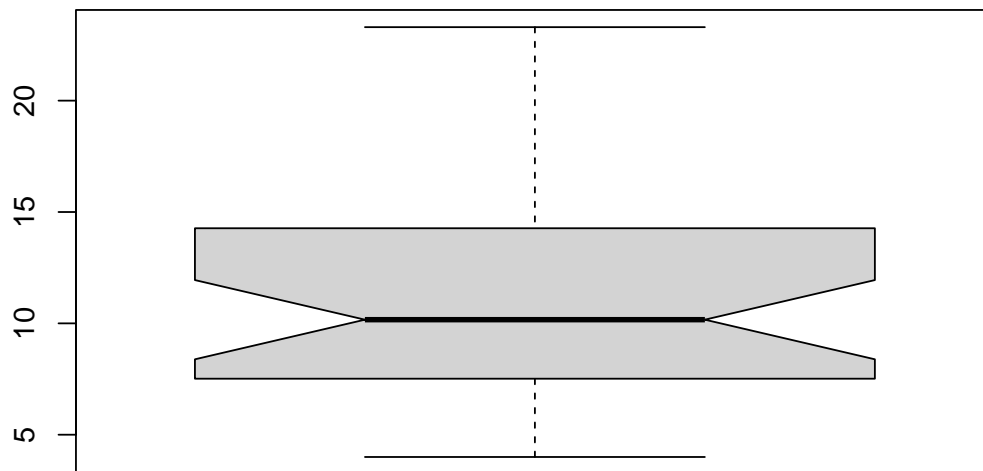
onde IQR é o intervalo inter-quartil. As linhas vão até os valores máximo e mínimo que ainda se encontram dentro deste intervalo.

```
boxplot(milsa$Salario)
```



Existem também vários argumentos que permitem variações do *boxplot*, tais como caixas com tamanho proporcional aos tamanhos dos grupos (`varwidth = TRUE`), e caixas “acinturadas” (*notched boxplot*) (`notch = TRUE`).

```
boxplot(milsa$Salario, varwidth = TRUE, notch = TRUE)
```



Ambas opções são úteis quando há mais de um grupo e a comparação entre os boxplots é facilitada.

Finalmente, podemos obter as medidas de posição e dispersão da mesma forma que para variáveis discretas. Veja alguns exemplos a seguir. Note que aqui não é necessário o uso do argumento `na.rm = TRUE`, pois não existem NAs nesta variável.

```
## Mediana
median(milsa$Salario)
[1] 10.165

## Média
mean(milsa$Salario)
[1] 11.12222

## Média aparada
mean(milsa$Salario, trim = 0.1)
[1] 10.838

## Quartis
quantile(milsa$Salario)
      0%      25%      50%      75%     100%
4.0000  7.5525 10.1650 14.0600 23.3000

## Máximo e mínimo
max(milsa$Salario)
[1] 23.3
min(milsa$Salario)
[1] 4

## As duas informações juntas
range(milsa$Salario)
[1] 4.0 23.3

## Amplitude é a diferença entre máximo e mínimo
diff(range(milsa$Salario))
[1] 19.3

## Variância
var(milsa$Salario)
```

```
[1] 21.04477
## Desvio-padrão
sd(milsa$Salario)
[1] 4.587458
## Coeficiente de variação
sd(milsa$Salario)/mean(milsa$Salario)
[1] 0.4124587
## Quartis
salario.qt <- quantile(milsa$Salario)
## Amplitude interquartilica
salario.qt[4] - salario.qt[2]
75%
6.5075
```

6.3 Análise Bivariada

Na análise bivariada procuramos identificar relações entre duas variáveis. Assim como na análise univariada, estas relações podem ser resumidas por gráficos, tabelas e/ou medidas estatísticas. O tipo de resumo vai depender dos tipos das variáveis envolvidas. Vamos considerar três possibilidades:

- Qualitativa *vs* qualitativa
- Qualitativa *vs* quantitativa
- Quantitativa *vs* quantitativa

Salienta-se ainda que:

- As análises mostradas a seguir não esgotam as possibilidades de análises envolvendo duas variáveis e devem ser vistas apenas como uma sugestão inicial.
- Relações entre duas variáveis devem ser examinadas com cautela pois podem ser mascaradas por uma ou mais variáveis adicionais não considerada na análise. Estas são chamadas **variáveis de confundimento**. Análises com variáveis de confundimento não serão discutidas neste ponto.

Observação: de agora em diante, como serão consideradas mais de uma variável, usaremos a função `with()` para chamar a maioria das funções.

6.3.1 Qualitativa *vs* qualitativa

Vamos considerar as variáveis `Est.civil` (estado civil), e `Inst` (grau de instrução). A tabela envolvendo duas variáveis é chamada **tabela de cruzamento** ou **tabela de contingência**, e pode ser apresentada de várias formas, conforme discutido a seguir.

A forma adequada de apresentação vai depender dos objetivos da análise e da interpretação desejada para os dados. Inicialmente obtemos a tabela de frequências absolutas para o cruzamento das duas variáveis, usando a função `table()`. A tabela estendida incluindo os totais marginais pode ser obtida com a função `addmargins()`.

```
## Tabela de frequências absolutas
civ.inst.tb <- with(milsa, table(Est.civil, Inst))
civ.inst.tb
      Inst
Est.civil 1o Grau 2o Grau Superior
casado      5      12      3
solteiro     7       6      3
addmargins(civ.inst.tb)
      Inst
```

Est.civil	1o Grau	2o Grau	Superior	Sum
casado	5	12	3	20
solteiro	7	6	3	16
Sum	12	18	6	36

Tabelas de frequências relativas são obtidas com `prop.table()`, mas aqui existem três possibilidades para as proporções em cada casela:

- Em relação ao total geral.
- Em relação aos totais por linha (`margin = 1`).
- Em relação aos totais por coluna (`margin = 2`).

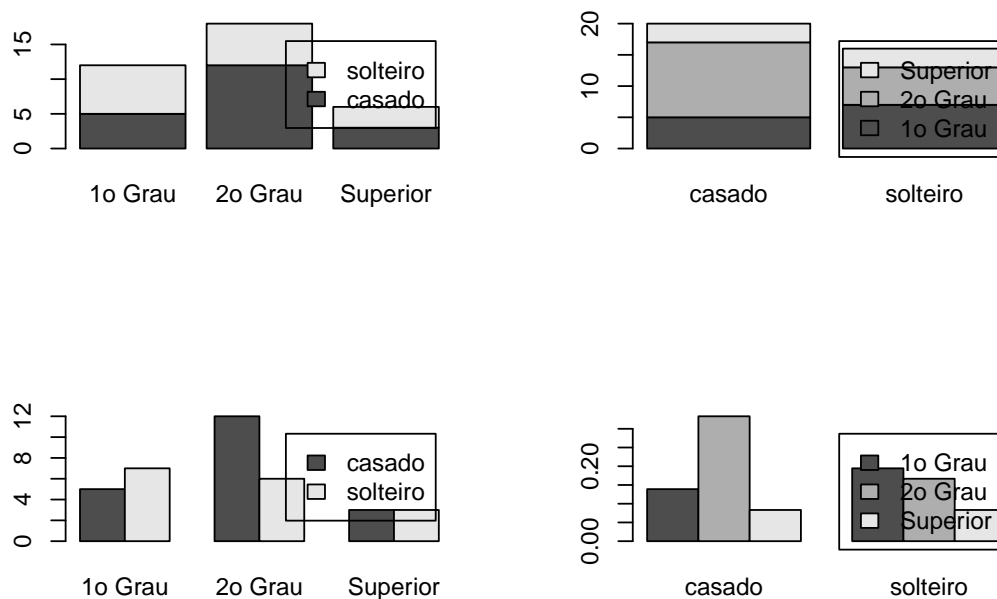
```
## Frequência relativa global
prop.table(civ.inst.tb)
      Inst
Est.civil 1o Grau 2o Grau Superior
casado    0.1388889 0.3333333 0.08333333
solteiro  0.1944444 0.1666667 0.08333333

## Frequência relativa por linha
prop.table(civ.inst.tb, margin = 1)
      Inst
Est.civil 1o Grau 2o Grau Superior
casado    0.2500  0.6000  0.1500
solteiro  0.4375  0.3750  0.1875

## Frequência relativa por coluna
prop.table(civ.inst.tb, margin = 2)
      Inst
Est.civil 1o Grau 2o Grau Superior
casado    0.4166667 0.6666667 0.5000000
solteiro  0.5833333 0.3333333 0.5000000
```

Abaixo são representados quatro tipos de gráficos de barras que podem ser usados para representar o cruzamento das variáveis. A transposição da tabela com `t()` permite alterar a variável que define os grupos no eixo horizontal. O uso de `prop.table()` permite a obtenção de gráficos com frequências relativas.

```
par(mfrow = c(2,2))
barplot(civ.inst.tb, legend = TRUE)
barplot(t(civ.inst.tb), legend = TRUE)
barplot(civ.inst.tb, beside = TRUE, legend = TRUE)
barplot(t(prop.table(civ.inst.tb)), beside = TRUE, legend = TRUE)
par(mfrow = c(1,1))
```



6.3.2 Qualitativa vs quantitativa

Para exemplificar este caso vamos considerar as variáveis Inst e Salario.

Para se obter uma tabela de frequências é necessário agrupar a variável quantitativa em classes. No exemplo a seguir vamos agrupar a variável salário em 4 classes definidas pelos quartis usando a função `cut()`. Lembre-se que as classes são definidas por intervalos abertos à esquerda, então usamos o argumento `include.lowest = TRUE` para garantir que todos os dados, inclusive o menor (mínimo) seja incluído na primeira classe. Após agrupar esta variável, obtemos a(s) tabela(s) de cruzamento como mostrado no caso anterior.

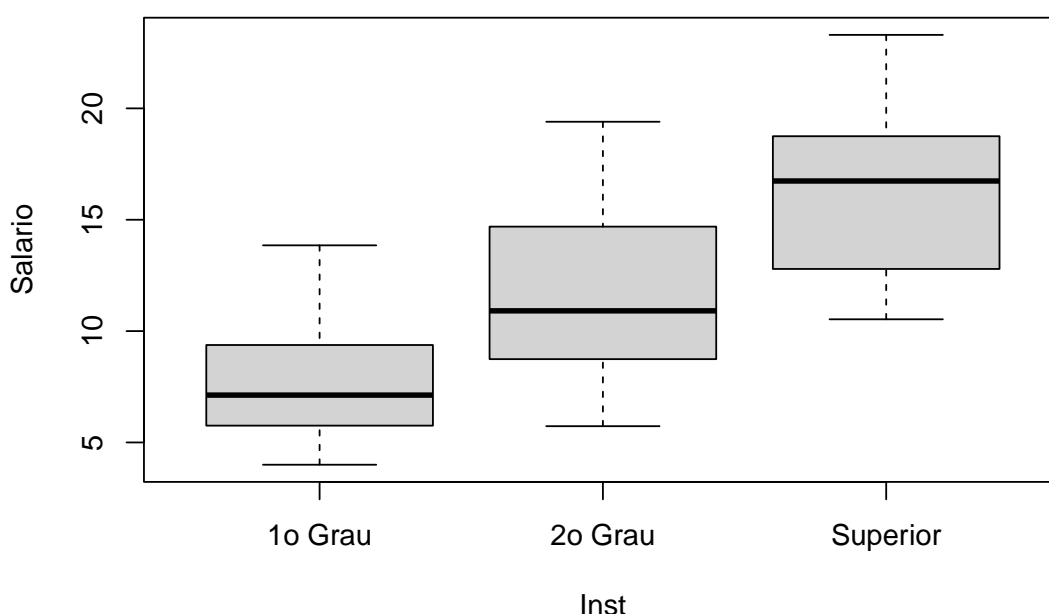
```
## Quartis de salario
quantile(milsa$Salario)
      0%      25%      50%      75%     100%
 4.0000  7.5525 10.1650 14.0600 23.3000
## Classificação de acordo com os quartis
salario.cut <- cut(milsa$Salario, breaks = quantile(milsa$Salario),
                  include.lowest = TRUE)
## Tabela de frequências absolutas
inst.sal.tb <- table(milsa$Inst, salario.cut)
inst.sal.tb
      salario.cut
      [4,7.55] (7.55,10.2] (10.2,14.1] (14.1,23.3]
1o Grau         7         3         2         0
2o Grau         2         6         5         5
Superior         0         0         2         4
prop.table(inst.sal.tb, margin = 1)
      salario.cut
      [4,7.55] (7.55,10.2] (10.2,14.1] (14.1,23.3]
1o Grau 0.5833333 0.2500000 0.1666667 0.0000000
2o Grau 0.1111111 0.3333333 0.2777778 0.2777778
```

```
Superior 0.0000000 0.0000000 0.3333333 0.6666667
```

No gráfico vamos considerar que neste exemplo a instrução deve ser a variável explicativa e portanto colocada no eixo X, e o salário é a variável resposta, e portanto deve ser colocada no eixo Y. Isto é, consideramos que a instrução deve explicar, ainda que parcialmente, o salário (e não o contrário!).

Vamos então obter um *boxplot* dos salários para cada nível de instrução. Note que na função abaixo, usamos a notação de **fórmula** do R, com `Salario ~ Inst` indicando que a variável `Salario` é explicada, ou descrita, (\sim) pela variável `Inst`.

```
boxplot(Salario ~ Inst, data = milsa)
```



Poderíamos ainda fazer gráficos com a variável `Salario` agrupada em classes, e neste caso os gráficos seriam como no caso anterior com duas variáveis qualitativas.

Para as medidas descritivas, o usual é obter um resumo da variável quantitativa como mostrado na análise univariada, porém agora informando este resumo para cada nível do fator qualitativo de interesse.

A seguir mostramos alguns exemplos de como obter a média, desvio padrão e o resumo de cinco números do salário para cada nível de instrução.

```
with(milsa, tapply(Salario, Inst, mean))
 1o Grau  2o Grau  Superior
 7.836667 11.528333 16.475000
with(milsa, tapply(Salario, Inst, sd))
 1o Grau  2o Grau  Superior
 2.956464 3.715144 4.502438
with(milsa, tapply(Salario, Inst, quantile))
$`1o Grau`
 0%    25%    50%    75%   100%
 4.0000 6.0075 7.1250 9.1625 13.8500
```

```
$`2o Grau`
      0%      25%      50%      75%     100%
5.7300  8.8375 10.9100 14.4175 19.4000

$Superior
      0%      25%      50%      75%     100%
10.5300 13.6475 16.7400 18.3775 23.3000
```

NOTE que aqui usamos a função `tapply()`. Para saber mais sobre os recursos dessa função e de outras da família `*apply`, veja o [script_gapminder.R](#).

6.3.3 Quantitativa vs Quantitativa

Para ilustrar este caso vamos considerar as variáveis Salário e Idade. Para se obter uma tabela é necessário agrupar as variáveis em classes conforme fizemos no caso anterior.

Nos comandos abaixo, agrupamos as duas variáveis em classes definidas pelos respectivos quartis, gerando portanto uma tabela de cruzamento 4×4 .

```
## Classes de Idade
idade.cut <- with(milsa, cut(Idade, breaks = quantile(Idade),
                             include.lowest = TRUE))

table(idade.cut)
idade.cut
[20.8,30.7] (30.7,34.9] (34.9,40.5] (40.5,48.9]
          9          9          9          9

## Classes de salario
salario.cut <- with(milsa, cut(Salario, breaks = quantile(Salario),
                             include.lowest = TRUE))

table(salario.cut)
salario.cut
 [4,7.55] (7.55,10.2] (10.2,14.1] (14.1,23.3]
          9          9          9          9

## Tabela cruzada
table(idade.cut, salario.cut)
      salario.cut
idade.cut  [4,7.55] (7.55,10.2] (10.2,14.1] (14.1,23.3]
[20.8,30.7]      4          2          2          1
(30.7,34.9]      1          3          3          2
(34.9,40.5]      1          3          2          3
(40.5,48.9]      3          1          2          3

prop.table(table(idade.cut, salario.cut), margin = 1)
      salario.cut
idade.cut  [4,7.55] (7.55,10.2] (10.2,14.1] (14.1,23.3]
[20.8,30.7] 0.4444444 0.2222222 0.2222222 0.1111111
(30.7,34.9] 0.1111111 0.3333333 0.3333333 0.2222222
(34.9,40.5] 0.1111111 0.3333333 0.2222222 0.3333333
(40.5,48.9] 0.3333333 0.1111111 0.2222222 0.3333333
```

Caso queiramos definir um número menor de classes podemos fazer como no exemplo a seguir onde cada variável é dividida em 3 classes e gerando um tabela de cruzamento 3×3 .

```
idade.cut2 <- with(milsa, cut(Idade,
                              breaks = quantile(Idade, seq(0, 1, length = 4)),
                              include.lowest = TRUE))

salario.cut2 <- with(milsa, cut(Salario,
                               breaks = quantile(Salario, seq(0, 1, length = 4)),
```



```

                                include.lowest = TRUE))
table(idade.cut2, salario.cut2)
      salario.cut2
idade.cut2  [4,8.65] (8.65,12.9] (12.9,23.3]
[20.8,32.1]      5         5         2
(32.1,37.8]      4         3         5
(37.8,48.9]      3         4         5
prop.table(table(idade.cut2, salario.cut2), margin = 1)
      salario.cut2
idade.cut2  [4,8.65] (8.65,12.9] (12.9,23.3]
[20.8,32.1] 0.4166667 0.4166667 0.1666667
(32.1,37.8] 0.3333333 0.2500000 0.4166667
(37.8,48.9] 0.2500000 0.3333333 0.4166667

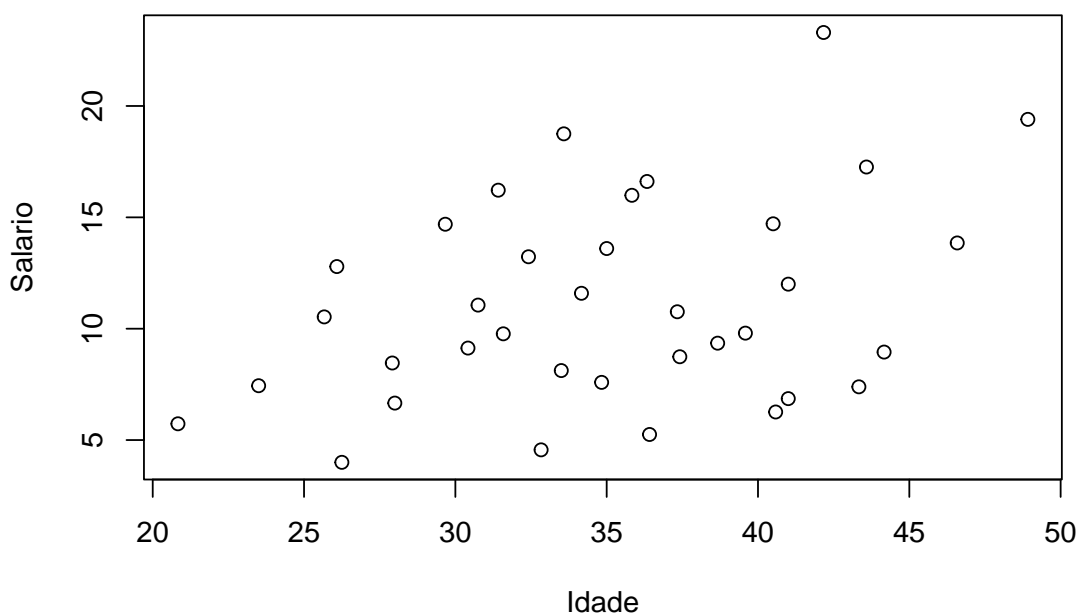
```

O gráfico adequado para representar duas variáveis quantitativas é um diagrama de dispersão. Note que se as variáveis envolvidas puderem ser classificadas como “explicativa” e “resposta” devemos colocar a primeira no eixo X e a segunda no eixo Y. Neste exemplo é razoável admitir que a idade deve explicar, ao menos parcialmente, o salário e portanto fazemos o gráfico com idade no eixo X. Note que na função `plot()`, podemos usar tanto os argumentos `x` e `y`, quanto o formato de fórmula (como visto anteriormente).

```

plot(x = milsa$Idade, y = milsa$Salario)
plot(Salario ~ Idade, data = milsa)

```



Para quantificar a associação entre variáveis deste tipo, usamos o coeficiente de correlação. A função `cor()` possui opção para três coeficientes de correlação, tendo como *default* o coeficiente de correlação linear de Pearson.

```

with(milsa, cor(Idade, Salario))
[1] 0.3651397
with(milsa, cor(Idade, Salario, method = "kendall"))
[1] 0.214456

```

```
with(milsa, cor(Idade, Salario, method = "spearman"))  
[1] 0.2895939
```

Exercícios

1. Experimente as funções `mean()`, `var()`, `sd()`, `median()`, `quantile()` nos dados mostrados anteriormente (`milsa`). Veja a documentação das funções e as opções de uso.
2. Carregue o conjunto de dados `women` com `data(women)`. Veja o que são os dados com `help(women)`, e faça uma análise descritiva adequada.
3. Carregue o conjunto de dados `USArrests` com `data(USArrests)`. Examine a sua documentação com `help(USArrests)` e responda as perguntas a seguir:
 1. Qual o número médio e mediano de cada um dos crimes?
 2. Encontre a mediana e quartis para cada crime.
 3. Encontre o número máximo e mínimo para cada crime.
 4. Faça um gráfico adequado para o número de assassinatos (`Murder`).
 5. Faça um *boxplot* para o número de estupros (`Rape`).
 6. Verifique se há correlação entre os diferentes tipos de crime.
 7. Verifique se há correlação entre os crimes e a proporção de população urbana.
 8. Encontre os estados com maior e menor ocorrência de cada tipo de crime.
 9. Encontre os estados com maior e menor ocorrência per capita de cada tipo de crime.
 10. Encontre os estados com maior e menor ocorrência do total de crimes.
 11. Calcule a média de crimes (entre `Murder`, `Assault` e `Rape`) para cada estado.

A resolução de todos os exercícios desta página está disponível neste [script](#).

Capítulo 7

Probabilidade e variáveis aleatórias

7.1 Conceitos básicos sobre distribuições de probabilidade

O objetivo desta sessão é mostrar o uso de funções do R em problemas de probabilidade. Exercícios que podem (e devem!) ser resolvidos analiticamente, serão utilizados para ilustrar o uso do programa e alguns de seus recursos para análises numéricas.

Os problemas desta sessão foram retirados do livro de [Bussab e Morettin \(2017\)](#). Veja também os códigos do R dos exemplos do livro para os capítulos 6 e 7, disponíveis [aqui](#).

Exemplo 1: (Adaptado de Bussab e Morettin, cap. 7 ex. 1)

Dada a função

$$f(x) = \begin{cases} 2e^{-2x} & , \text{ se } x \geq 0 \\ 0 & , \text{ se } x < 0 \end{cases}$$

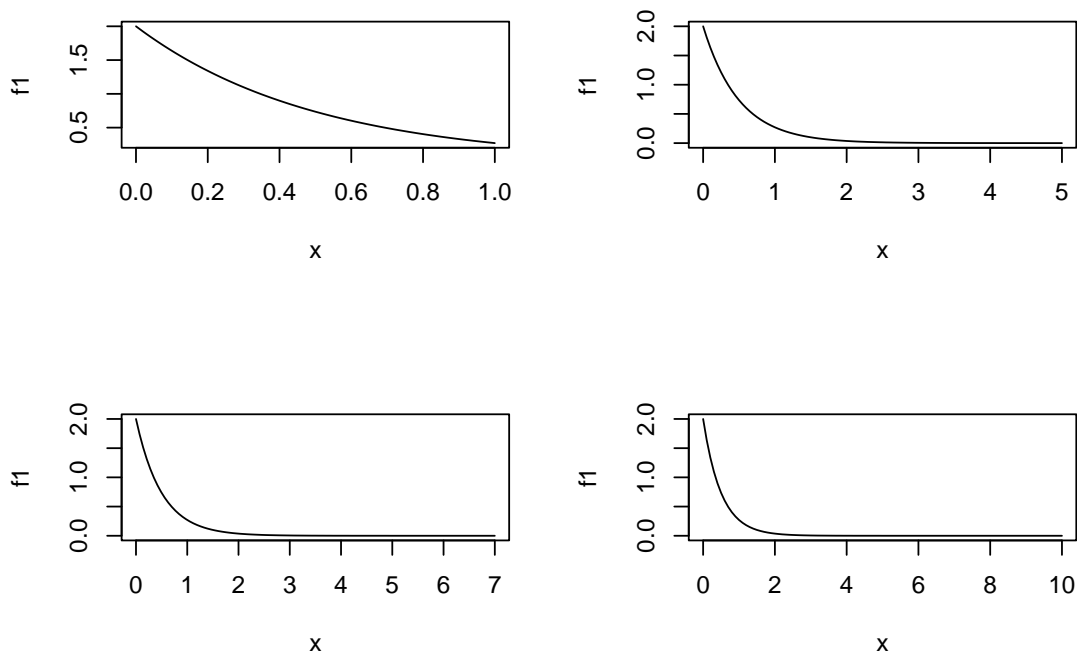
- Mostre que esta função é uma f.d.p.
- Calcule a probabilidade de que $X > 1$.
- calcule a probabilidade de que $0.2 < X < 0.8$.

Para ser f.d.p. a função não deve ter valores negativos e deve integrar 1 em seu domínio. Vamos começar definindo esta função como uma *função* no R para qual daremos o nome de f1.

```
f1 <- function(x){  
  fx <- ifelse(x < 0, 0, 2 * exp(-2 * x))  
  return(fx)  
}
```

A seguir fazemos o gráfico da função. Como a função tem valores positivos para x no intervalo de zero a infinito, temos que definir um limite em x até onde vai o gráfico da função. Vamos achar este limite tentando vários valores, conforme mostrado nos comandos abaixo.

```
par(mfrow = c(2, 2))  
plot(f1)  
plot(f1, from = 0, to = 5)  
plot(f1, from = 0, to = 7)  
plot(f1, from = 0, to = 10)  
par(mfrow = c(1, 1))
```



Para verificar que a integral da função é igual a 1 podemos usar a função `integrate()`, que efetua integração numérica. A função recebe como argumentos o objeto com a função a ser integrada e os limites de integração. Neste exemplo o objeto é `f1` definido acima, e o domínio da função é $[0, \infty)$. A saída da função mostra o valor da integral acima, e o erro máximo da aproximação numérica.

```
integrate(f1, lower = 0, upper = Inf)
1 with absolute error < 5e-07
```

Para fazer os cálculos pedidos nos itens (b) e (c) lembramos que a probabilidade é dada pela área sob a curva da função no intervalo pedido. Desta forma as soluções seriam dadas pelas expressões

$$p_b = P(X > 1) = \int_1^{\infty} f(x)dx = \int_1^{\infty} 2e^{-2x}dx$$

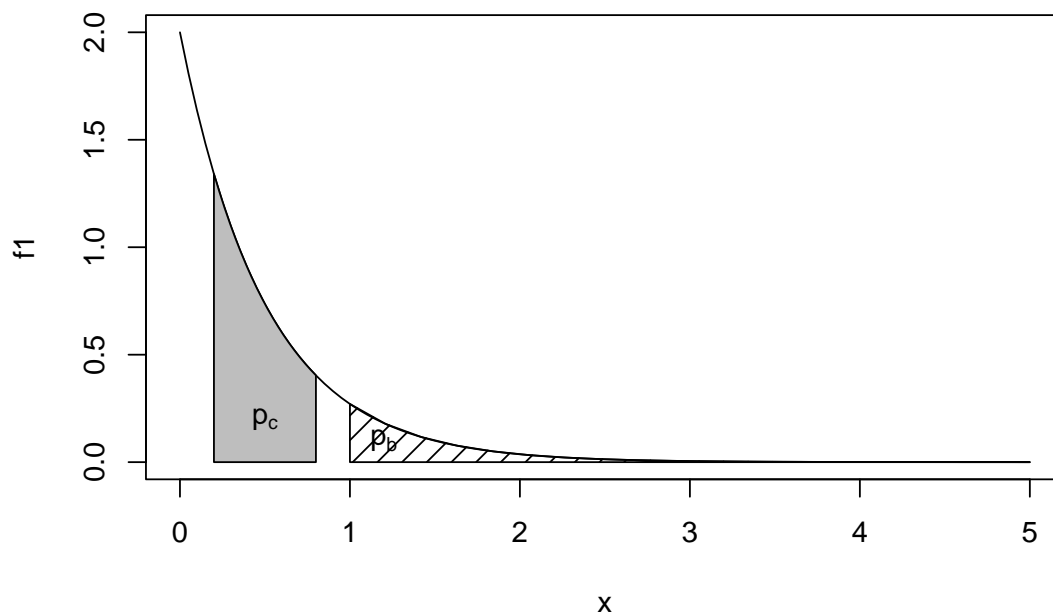
$$p_c = P(0,2 < X < 0,8) = \int_{0,2}^{0,8} f(x)dx = \int_{0,2}^{0,8} 2e^{-2x}dx$$

cujas representação gráfica é mostrada na abaixo.

Os comandos a seguir mostram como fazer o gráfico dessas funções. O comando `plot()` desenha o gráfico principal, e para destacar as áreas que correspondem às probabilidades pedidas vamos usar a função `polygon()`. Esta função adiciona a um gráfico um polígono que é definido pelas coordenadas de seus vértices. Para sombrear a área usa-se o argumento `density`. Finalmente, para escrever um texto no gráfico usamos a função `text()` com as coordenadas de posição do texto.

```
plot(f1, from = 0, to = 5)
polygon(x = c(1, seq(1, 5, length.out = 20)),
       y = c(0, f1(seq(1, 5, length.out = 20))),
       density = 10)
polygon(x = c(0.2, seq(0.2, 0.8, length.out = 20), 0.8),
       y = c(0, f1(seq(0.2, 0.8, length.out = 20)), 0),
       col = "gray")
```

```
text(x = c(1.2, 0.5), y = c(0.1, 0.2),
     c(expression(p[b], p[c]))))
```



Oara obter as probabilidades pedidas usamos a função `integrate()`.

```
integrate(f1, lower = 1, upper = Inf)
0.1353353 with absolute error < 2.1e-05
integrate(f1, lower = 0.2, upper = 0.8)
0.4684235 with absolute error < 5.2e-15
```

Exemplo 2: (Adaptado de Bussab e Morettin, cap. 7 ex. 10)

A demanda diária de arroz em um supermercado, em centenas de quilos, é uma v.a X com f.d.p. dada por

$$f(x) = \begin{cases} \frac{2}{3}x, & \text{se } 0 \leq x < 1 \\ -\frac{x}{3} + 1, & \text{se } 1 \leq x < 3 \\ 0, & \text{se } x < 0 \text{ ou } x \geq 3 \end{cases} \quad (7.1)$$

- Calcular a probabilidade de que sejam vendidos mais que 150 kg.
- Calcular a venda esperada em 30 dias.

Novamente começamos definindo um objeto do R que contém a função dada acima. Neste caso definimos um vetor do mesmo tamanho do argumento x para armazenar os valores de $f(x)$ e a seguir preenchemos os valores deste vetor para cada faixa de valor de x :

```
f2 <- function(x){
  fx <- numeric(length(x))
  fx[x < 0] <- 0
  fx[x >= 0 & x < 1] <- (2/3) * x[x >= 0 & x < 1]
  fx[x >= 1 & x < 3] <- (-1/3) * x[x >= 1 & x < 3] + 1
  fx[x >= 3] <- 0
```

```

    return(fx)
}

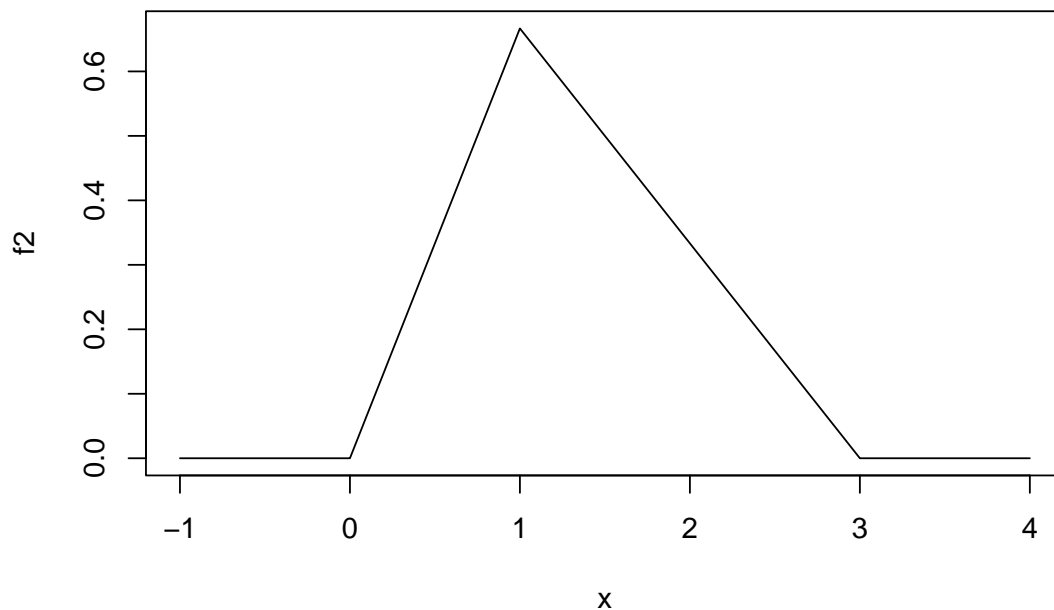
```

A seguir verificamos que a integral da função é 1 e fazemos o seu gráfico conforme mostrado abaixo:

```

integrate(f2, 0, 3) ## verificando que a integral vale 1
1 with absolute error < 1.1e-15
plot(f2, -1, 4)     ## fazendo o gráfico da função

```

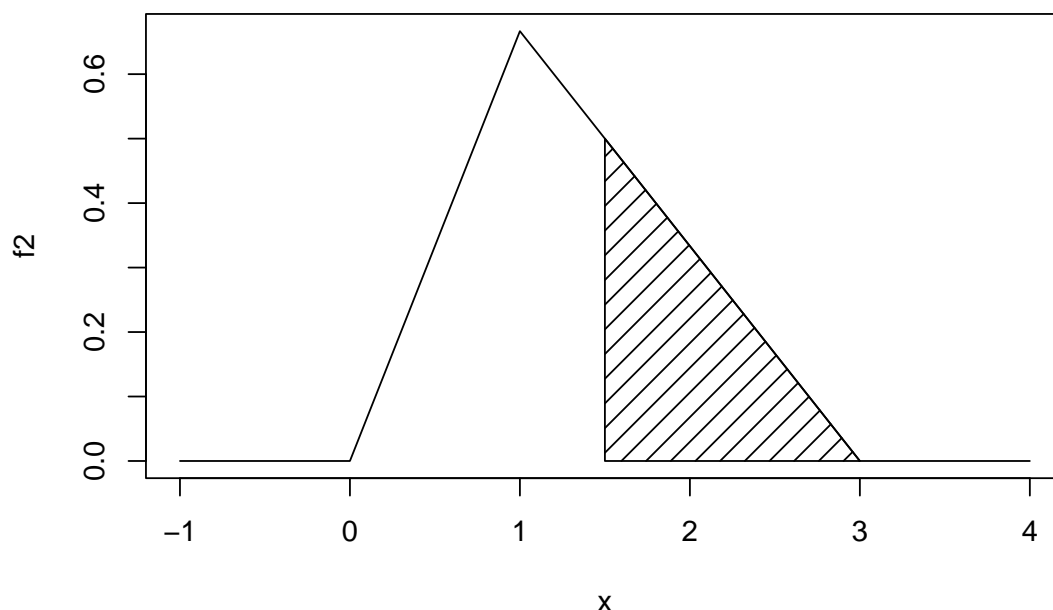


Agora vamos responder às questões levantadas. Na questão (a) pede-se a probabilidade de que sejam vendidos mais que 150 kg (1,5 centenas de quilos), portanto a probabilidade $P[X > 1,5]$. A probabilidade corresponde à área sob a função no intervalo pedido, ou seja, $P[X > 1,5] = \int_{1,5}^{\infty} f(x)dx$, que pode ser vista na figura abaixo.

```

plot(f2, -1, 4)
polygon(x = c(1.5, 1.5, 3), y = c(0, f2(1.5), 0), dens = 10)

```



A integral pode então ser resolvida numericamente com o comando:

```
integrate(f2, 1.5, 3)
0.375 with absolute error < 4.2e-15
```

A venda esperada em trinta dias é 30 vezes o valor esperado de venda em um dia. Para calcular a esperança $E[X] = \int x f(x) dx$ definimos uma nova função e resolvemos a integral. A função `integrate()` retorna uma lista onde um dos elementos (`value`) é o valor da integral.

```
ef2 <- function(x) { x * f2(x) }
integrate(ef2, 0, 3)
1.333333 with absolute error < 7.3e-05
30 * integrate(ef2, 0, 3)$value
[1] 40
```

Finalmente lembramos que os exemplos discutidos aqui são simples e não requerem soluções numéricas, devendo ser resolvidos analiticamente. Utilizamos estes exemplos somente para ilustrar a obtenção de soluções numéricas com o uso do R, que na prática deve ser utilizado em problemas mais complexos onde soluções analíticas não são triviais ou mesmo impossíveis.

Exercícios

1. (Adaptado de Bussab e Morettin, cap. 7, ex. 28). Em uma determinada localidade a distribuição de renda, em u.m. (unidade monetária) é uma variável aleatória X com função de distribuição de probabilidade:

$$f(x) = \begin{cases} \frac{1}{10}x + \frac{1}{10} & \text{se } 0 \leq x \leq 2 \\ -\frac{3}{40}x + \frac{9}{20} & \text{se } 2 < x \leq 6 \\ 0 & \text{se } x < 0 \text{ ou } x > 6 \end{cases}$$

- a. Mostre que $f(x)$ é uma f.d.p.
- b. Qual a renda média nesta localidade?

- c. Calcule a probabilidade de encontrar uma pessoa com renda acima de 4,5 u.m. e indique o resultado no gráfico da distribuição.
2. Sabe-se que uma variável aleatória contínua X é equiprovável no intervalo 10 e 20.
 - a. Apresente o gráfico da função densidade de probabilidade.
 - b. Calcule $P(X < 15)$.
 - c. Calcule $P(12 \leq X \leq 18)$.
 - d. Calcule $E(X)$ e $V(X)$.
3. Dois jogadores se alternam lançando dois dados equilibrados. O jogador A vence o jogo se ocorrer soma 6, enquanto B vencerá se ocorrer 7. Faça um estudo de simulação para responder as seguintes questões:
 - a. Se A começa jogando, qual é a sua probabilidade de vitória?
 - b. Qual é a probabilidade do iniciante, escolhido ao acaso, vencer o jogo?
4. A duração, em anos, de uma certa lâmpada especial é uma variável aleatória contínua com densidade dada por:

$$f(x) = \begin{cases} 2 \exp^{-2x} & x \geq 0 \\ 0 & x < 0 \end{cases}$$

- a. Crie uma função para calcular a função de distribuição acumulado de X .
- b. Calcule $P(X > 2)$.
- c. Calcule $P(0.5 < X < 1.2)$.
- d. Calcule $P(X > 3)$.
- e. Calcule $P(X < 3 | X > 1)$.
5. (Desafio - Problema da ruína do jogador) Dois jogadores participam de um jogo com uma moeda que tem probabilidade de cara igual a p e de coroa igual a q , sujeito a $p + q = 1$. O jogador A inicia o jogo com i fichas e ganha mais uma de B, cada vez que der cara. O jogador B começa com $N - i$ fichas e, em cada lançamento que resultar coroa, ganha uma ficha de A. Para enfatizar a dependência do número inicial de fichas i , denomine por $p_{(i)}$ a probabilidade do jogador A ficar com todas as fichas, o que implica na ruína de B. Condicione no resultado do primeiro lançamento da moeda, para estabelecer uma relação de recorrência entre os $p_{(i)}$'s. Usando $p_{(0)} = 0$ e $p_{(N)} = 1$, mostre via simulação que $p_{(i)} = \frac{1-(q/p)^i}{1-(q/p)^N}$ para $p \neq \frac{1}{2}$ e $p_{(i)} = \frac{i}{N}$ para $p = \frac{1}{2}$.

7.2 Distribuições de Probabilidade

O R inclui funcionalidade para operações com distribuições de probabilidades. Para cada distribuição há 4 operações básicas indicadas pelas letras:

- d calcula a densidade de probabilidade $f(x)$ no ponto x .
- p calcula a função de probabilidade acumulada $F(x)$ no ponto x .
- q calcula o quantil correspondente a uma dada probabilidade.
- r retorna uma amostra aleatória da distribuição.

Para usar as funções deve-se combinar uma das letras acima com uma abreviatura do nome da distribuição. Por exemplo, para calcular probabilidades usamos: `pnorm()` para normal, `pexp()` para exponencial, `pbinom()` para binomial, `ppois()` para Poisson e assim por diante.

Vamos ver com mais detalhes algumas distribuições de probabilidades.

7.2.1 Distribuição Normal

A funcionalidade para distribuição normal é implementada por argumentos que combinam as letras acima com o termo `norm`. Vamos ver alguns exemplos com a distribuição normal padrão. Por default as funções assumem a distribuição normal padrão $N(\mu = 0, \sigma^2 = 1)$.

```
dnorm(-1)
[1] 0.2419707
pnorm(-1)
```



```
[1] 0.1586553
qnorm(0.975)
[1] 1.959964
rnorm(10)
[1] -0.50219235  0.13153117 -0.07891709  0.88678481  0.11697127  0.31863009
[7] -0.58179068  0.71453271 -0.82525943 -0.35986213
```

O primeiro valor acima, de `dnorm(-1)`, corresponde ao valor da densidade da normal

$$f(x) = \frac{1}{\sigma\sqrt{2\pi}} \exp \left[-\frac{1}{2} \left(\frac{x - \mu}{\sigma} \right)^2 \right]$$

com parâmetros ($\mu = 0, \sigma^2 = 1$) no ponto $x = -1$. Portanto, o mesmo valor seria obtido substituindo x por -1 na expressão da normal:

```
mu <- 0
sigma <- 1
x <- -1
(1/(sigma * sqrt(2*pi))) * exp((-1/2) * ((x - mu)/sigma)^2)
[1] 0.2419707
```

A função `pnorm(-1)` calcula a probabilidade $P(X \leq -1)$. O comando `qnorm(0.975)` calcula o valor de a tal que $P(X \leq a) = 0.975$. Finalmente, o comando `rnorm(10)` gera uma amostra aleatória de 10 elementos da normal padrão. Note que os valores que você obtém rodando este comando podem ser diferentes dos mostrados acima.

As funções acima possuem argumentos adicionais, para os quais valores padrão (*default*) foram assumidos, e que podem ser modificados. Usamos `args()` para ver os argumentos de uma função e `help()` para visualizar a documentação detalhada:

```
args(rnorm)
function (n, mean = 0, sd = 1)
NULL
```

As funções relacionadas à distribuição normal possuem os argumentos `mean` e `sd` para definir a média e o desvio padrão da distribuição que podem ser modificados como nos exemplos a seguir. Note nestes exemplos que os argumentos podem ser passados de diferentes formas.

```
qnorm(0.975, mean = 100, sd = 8)
[1] 115.6797
qnorm(0.975, m = 100, s = 8)
[1] 115.6797
qnorm(0.975, 100, 8)
[1] 115.6797
```

Observação: na segunda linha de comando acima, foi utilizado um recurso do R chamado *partial matching*. Isso significa que nomes de argumentos de funções podem ser especificados pelo seu nome parcial, ou seja, com apenas o início do nome, desde que não haja ambiguação com outros argumentos.

Para informações mais detalhadas pode-se usar `help()`. O comando

```
help(rnorm)
```

irá exibir em uma janela a documentação da função que pode também ser chamada com `?rnorm`. Note que ao final da documentação são apresentados exemplos que podem ser rodados pelo usuário e que auxiliam na compreensão da funcionalidade. Note também que as 4 funções relacionadas à distribuição normal são documentadas conjuntamente, portanto `help(rnorm)`, `help(qnorm)`, `help(dnorm)` e `help(pnorm)` irão exibir a mesma documentação.

Cálculos de probabilidades usuais, para os quais utilizávamos tabelas estatísticas podem ser facilmente obtidos como no exemplo a seguir.

Seja X uma v.a com distribuição $N(100, 100)$. Calcular as probabilidades:

- $P[X < 95]$
- $P[90 < X < 110]$
- $P[X > 95]$

Calcule estas probabilidades de forma usual, usando a tabela da normal. Depois compare com os resultados fornecidos pelo R. Os comandos do R para obter as probabilidades pedidas são:

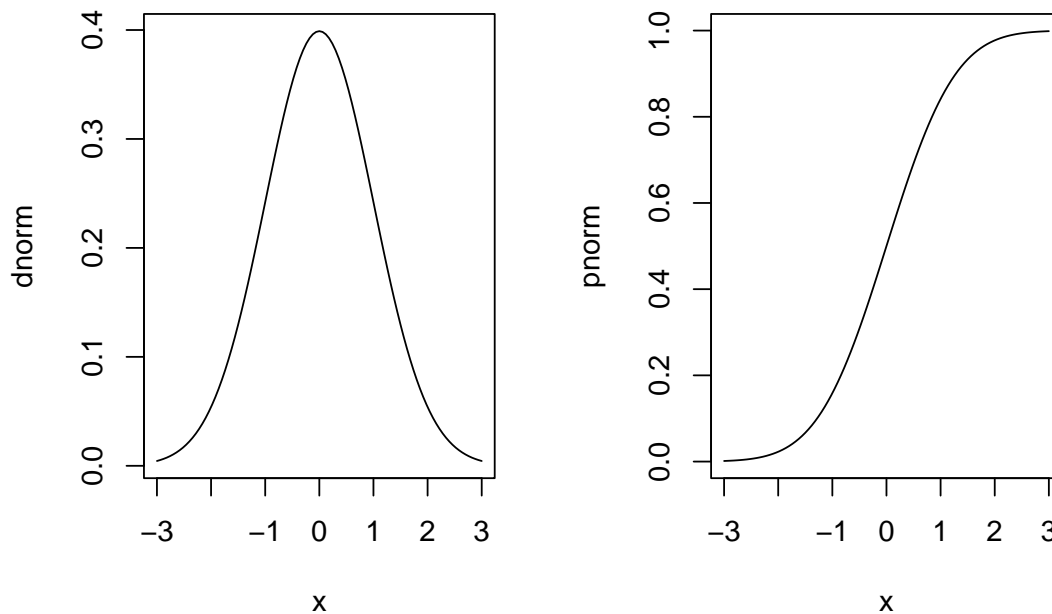
```
## P[X < 95]
pnorm(95, 100, 10)
[1] 0.3085375
## P[90 < X < 110]
pnorm(110, 100, 10) - pnorm(90, 100, 10)
[1] 0.6826895
## P[X > 95] = 1 - P[X < 95]
1 - pnorm(95, 100, 10)
[1] 0.6914625
pnorm(95, 100, 10, lower.tail = FALSE) # melhor
[1] 0.6914625
```

Note que a última probabilidade foi calculada de duas formas diferentes, a segunda usando o argumento `lower.tail` que implementa um algoritmo de cálculo de probabilidades mais estável numericamente, e essa forma é preferida no lugar de usar o complementar.

A seguir vamos ver comandos para fazer gráficos de distribuições de probabilidade. Vamos fazer gráficos de funções de densidade e de probabilidade acumulada. Estude cuidadosamente os comandos abaixo e verifique os gráficos por eles produzidos.

A figura abaixo mostra gráficos da densidade (esquerda) e probabilidade acumulada (direita) da normal padrão, produzidos com os comandos a seguir. Para fazer o gráfico consideramos valores de X entre -3 e 3 que correspondem a \pm três desvios padrões da média, faixa que concentra 99,73% da massa de probabilidade da distribuição normal.

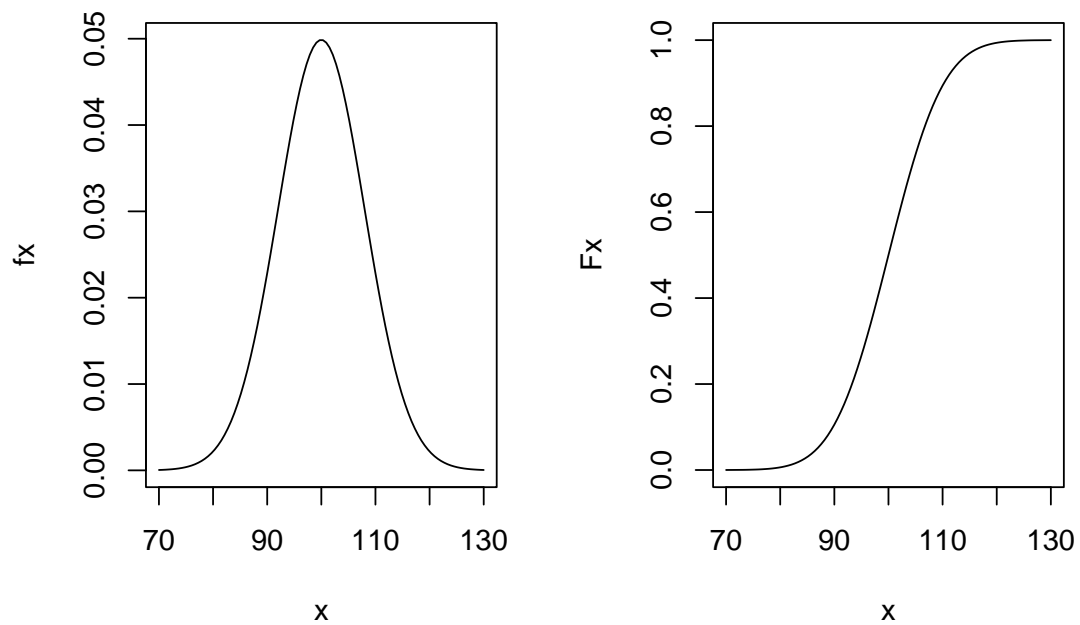
```
par(mfrow = c(1, 2))
plot(dnorm, from = -3, to = 3)
plot(pnorm, from = -3, to = 3)
par(mfrow = c(1, 1))
```



VEJA a página de ajuda da função `plot.function()` para entender os argumentos e demais funcionalidades desta função gráfica para plotar gráficos de funções

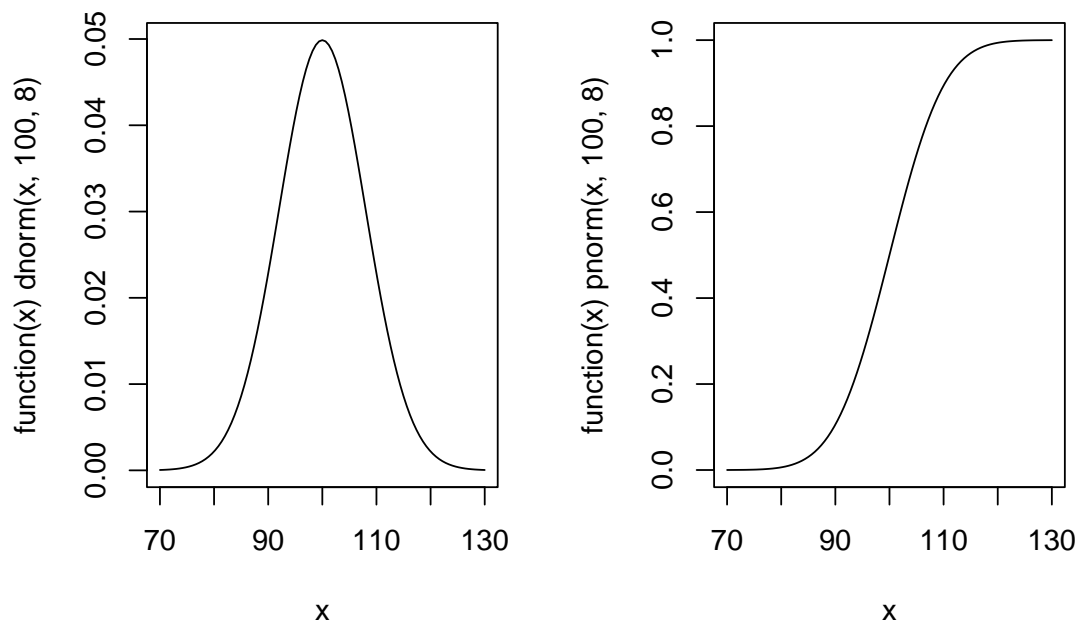
A seguinte figura mostra gráficos da densidade (esquerda) e probabilidade acumulada (direita) da $N(100, 64)$. Para fazer estes gráficos tomamos uma sequência de valores de X entre 70 e 130 e para cada um deles calculamos o valor das funções $f(x)$ e $F(x)$. Depois unimos os pontos $(x, f(x))$ em um gráfico e $(x, F(x))$ no outro.

```
par(mfrow = c(1, 2))
x <- seq(70, 130, length.out = 100)
fx <- dnorm(x, 100, 8)
plot(x, fx, type = "l")
Fx <- pnorm(x, 100, 8)
plot(x, Fx, type = "l")
par(mfrow = c(1, 1))
```



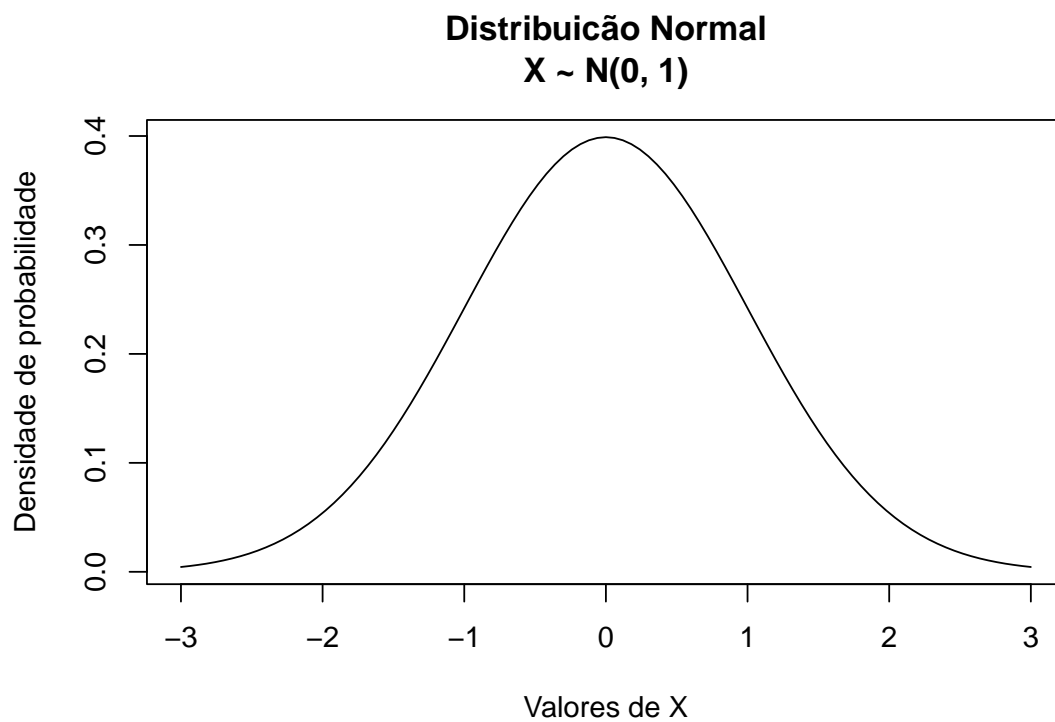
Note que, alternativamente, os mesmos gráficos poderiam ser produzidos com os comandos a seguir, onde fazemos uso da função `plot.function()`.

```
par(mfrow = c(1, 2))
plot(function(x) dnorm(x, 100, 8), from = 70, to = 130)
plot(function(x) pnorm(x, 100, 8), from = 70, to = 130)
par(mfrow = c(1, 1))
```



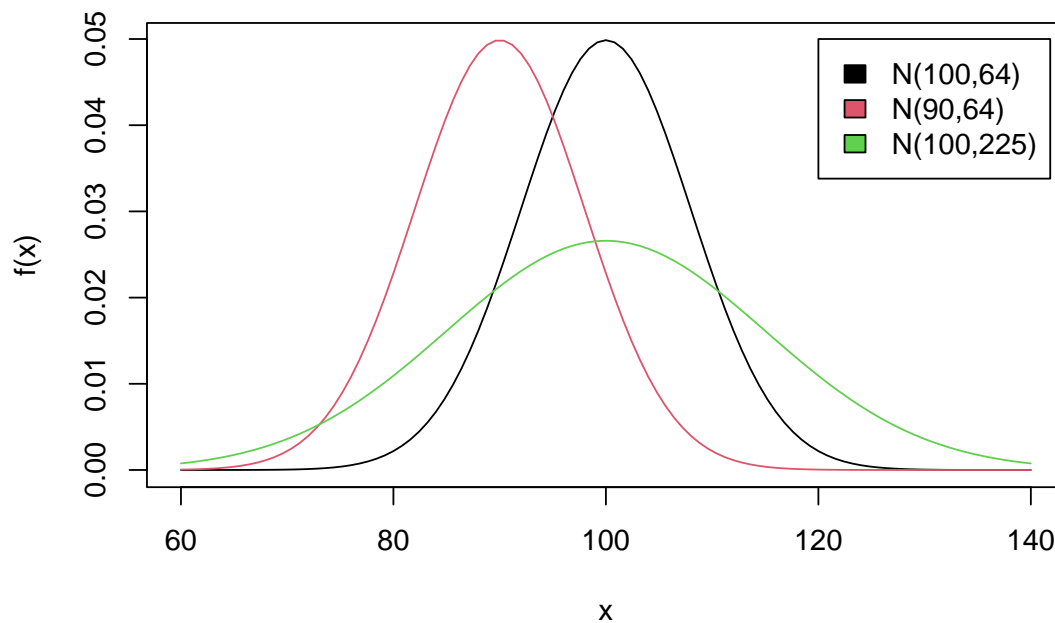
Comandos usuais do R podem ser usados para modificar a aparência dos gráficos. Por exemplo, podemos incluir títulos e mudar texto dos eixos conforme mostrado abaixo.

```
plot(dnorm, from = -3, to = 3,  
     xlab = "Valores de X",  
     ylab = "Densidade de probabilidade")  
title("Distribuição Normal\nX ~ N(0, 1)")
```



Os demais comandos abaixo mostram como colocar diferentes densidades em um mesmo gráfico, usando o argumento `add = TRUE`.

```
plot(function(x) dnorm(x, 100, 8), 60, 140, ylab = 'f(x)')
plot(function(x) dnorm(x, 90, 8), 60, 140, add = TRUE, col = 2)
plot(function(x) dnorm(x, 100, 15), 60, 140, add = TRUE, col = 3)
legend(120, 0.05, fill = 1:3,
      legend = c("N(100,64)", "N(90,64)", "N(100,225)"))
```



7.2.2 Distribuição Binomial

Cálculos para a distribuição binomial são implementados combinando as letras básicas vistas acima com o termo `binom`. Vamos primeiro investigar os argumentos e a documentação com `args()` e `help()`.

```
args(dbinom)
function (x, size, prob, log = FALSE)
NULL
```

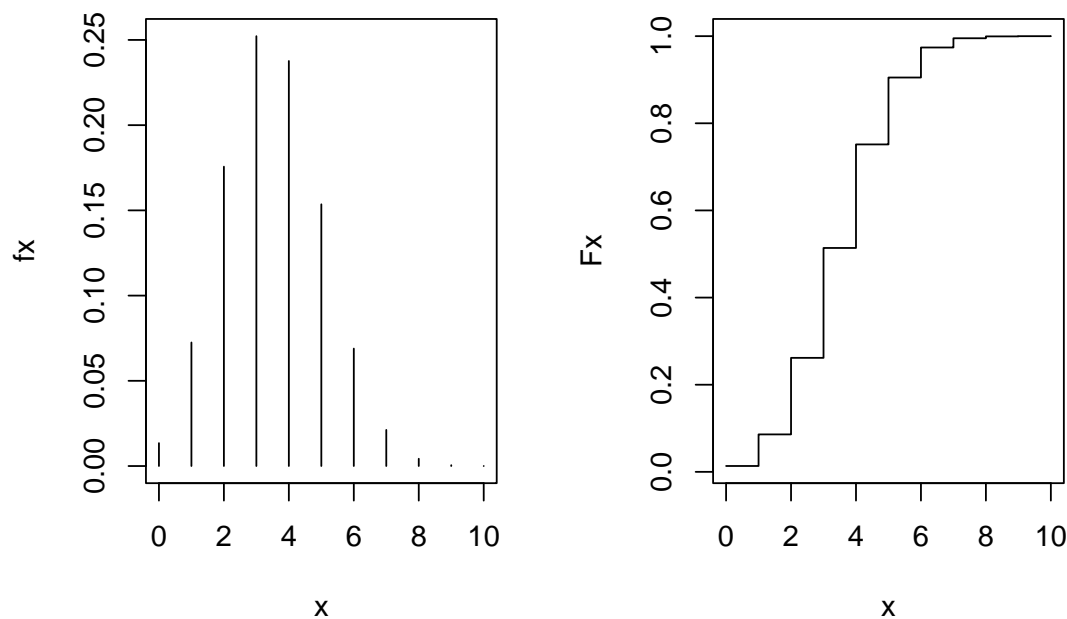
```
help(dbinom)
```

Seja X uma v.a com distribuição binomial, com $n = 10$ e $p = 0.35$. Vamos ver os comandos do R para:

- Fazer o gráfico da função de probabilidade.
- Idem para a função de distribuição acumulada.
- Calcular $P(X = 7)$.
- Calcular $P(X \leq 7)$.
- Calcular $P(X > 7)$.
- Calcular $P(3 < X \leq 6)$.

Note que sendo uma distribuição discreta de probabilidades os gráficos são diferentes dos obtidos para a distribuição normal e os cálculos de probabilidades devem considerar as probabilidades nos pontos específicos. Os gráficos das funções de probabilidade e distribuição são mostrados abaixo.

```
par(mfrow = c(1, 2))
x <- 0:10
fx <- dbinom(x, size = 10, prob = 0.35)
plot(x, fx, type = "h")
Fx <- pbinom(x, size = 10, prob = 0.35)
plot(x, Fx, type = "s")
par(mfrow = c(1, 1))
```



As probabilidades pedidas são obtidas com os comandos a seguir.

```
## P[X = 7]
dbinom(7, size = 10, prob = 0.35)
[1] 0.02120302
## P[X <= 7]
pbinom(7, size = 10, prob = 0.35)
[1] 0.9951787
# OU
sum(dbinom(0:7, size = 10, prob = 0.35))
[1] 0.9951787
## P[X > 7]
1 - pbinom(7, size = 10, prob = 0.35)
[1] 0.004821265
pbinom(7, size = 10, prob = 0.35, lower.tail = FALSE) # melhor
[1] 0.004821265
## P[3 < X <= 6]
pbinom(6, 10, 0.35) - pbinom(3, 10, 0.35)
[1] 0.4601487
# OU
sum(dbinom(4:6, 10, 0.35))
[1] 0.4601487
```

7.2.3 Distribuição de Poisson

Definição: Seja um experimento realizado nas seguintes condições: i. As ocorrências são independentes; ii. As ocorrências são aleatórias; iii. A variável aleatória X é o número de ocorrências de um evento **ao longo de algum intervalo** (de tempo ou espaço);

Denominamos esse experimento de **processo de Poisson**. Vamos associar a v.a X como sendo o número de ocorrências em um intervalo. Portanto X poderá assumir os valores $0, 1, \dots$, (sem

limite superior).

A distribuição de Poisson é utilizada para descrever a probabilidade do **número de ocorrências** em um **intervalo contínuo** (de tempo ou espaço). No caso da distribuição binomial, a variável de interesse era o número de sucessos em um **intervalo discreto** (n ensaios de Bernoulli). A unidade de medida (tempo ou espaço) é uma variável contínua, mas a *variável aleatória*, **número de ocorrências**, é discreta.

Uma v.a X segue o modelo de Poisson se surge a partir de um processo de Poisson, e sua **função de probabilidade** for dada por

$$P(X = x) = \frac{e^{-\mu} \mu^x}{x!}, \quad x = 0, 1, \dots$$

onde

$$\mu = \lambda \cdot t$$

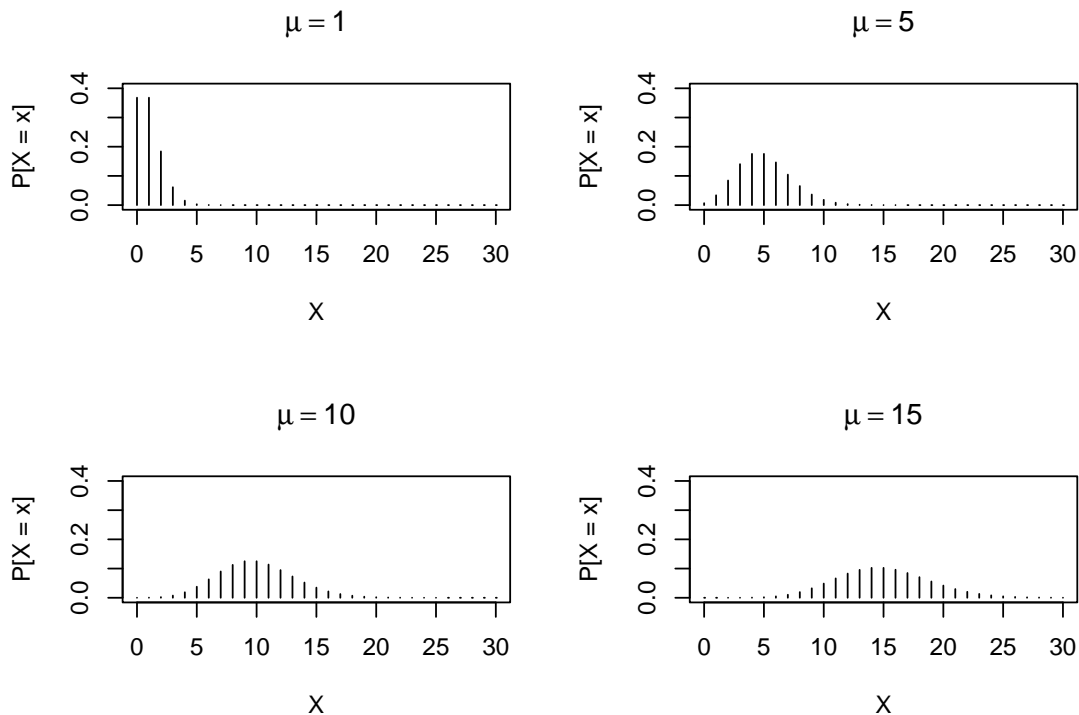
O parâmetro μ indica a taxa de ocorrência (λ) por unidade de medida (t), ou seja,

λ = taxa de ocorrência e t = intervalo de tempo ou espaço

- Notação: $X \sim \text{Pois}(\mu)$
- Esperança e variância: $E(X) = \mu = \text{Var}(X)$

Alguns exemplos de gráficos da distribuição de Poisson com diferentes valores do parâmetro μ .

```
par(mfrow=c(2,2))
plot(0:30, dpois(x = 0:30, lambda = 1), type = "h",
     xlab = "X", ylab = "P[X = x]", main = expression(mu == 1),
     ylim = c(0,.4))
plot(0:30, dpois(x = 0:30, lambda = 5), type = "h",
     xlab = "X", ylab = "P[X = x]", main = expression(mu == 5),
     ylim = c(0,.4))
plot(0:30, dpois(x = 0:30, lambda = 10), type = "h",
     xlab = "X", ylab = "P[X = x]", main = expression(mu == 10),
     ylim = c(0,.4))
plot(0:30, dpois(x = 0:30, lambda = 15), type = "h",
     xlab = "X", ylab = "P[X = x]", main = expression(mu == 15),
     ylim = c(0,.4))
```



- **Exemplo:** As chamadas telefônicas chegam a uma delegacia de polícia à uma taxa de 8 chamadas por hora, em dias úteis.
 - Quantas chamadas de emergência são esperadas em um período de 15 minutos?
 - Qual a probabilidade de nenhuma chamada em um período de 15 minutos? c. Qual a probabilidade de ocorrer pelo menos duas chamadas no período de 15 minutos? d. Qual a probabilidade de ocorrer exatamente duas chamadas em 20 minutos?

```
## a) E(X) = mu = lambda . t
lambda <- 8/60 # 8 chamadas/60 minutos
t <- 15 # 15 minutos
(mu <- lambda * t)
[1] 2
## b) P[x = 0]
ppois(0, mu)
[1] 0.1353353
dpois(0, mu)
[1] 0.1353353
## c) P[X >= 2] = 1 - P[X < 2]
1 - ppois(1, mu)
[1] 0.5939942
ppois(1, mu, lower.tail = FALSE)
[1] 0.5939942
## d) P[X = 2]
t <- 20
(mu <- lambda * t)
[1] 2.666667
dpois(2, mu)
[1] 0.2470523
```

- **Exemplo:** Suponha que 150 erros de impressão são distribuídos aleatoriamente em um livro de 200 páginas. Encontre a probabilidade de que em 2 páginas contenham:

- a. nenhum erro de impressão
- b. três erros de impressão
- c. um ou mais erros de impressão

```
## lambda = taxa de ocorrência por página
lambda <- 150/200
## intervalo de interesse
t <- 2
## Parâmetro mu = lambda . t
(mu <- lambda * t)
[1] 1.5
## a) P[X = 0]
dpois(0, mu)
[1] 0.2231302
## b) P[X = 3]
dpois(3, mu)
[1] 0.1255107
## c) P[X >= 1] = 1 - P[X < 1]
1 - ppois(0, mu)
[1] 0.7768698
ppois(0, mu, lower.tail = FALSE)
[1] 0.7768698
```

7.2.4 Distribuição Uniforme

7.2.4.1 Uniforme Contínua

Para a distribuição uniforme *contínua* usa-se as funções `*unif()` onde `*` deve ser `p`, `q`, `d` ou `r` como mencionado anteriormente. Nos comandos a seguir inspecionamos os argumentos, sorteamos 5 valores da $U(0, 1)$ e calculamos a probabilidade acumulada até 0,75.

```
args(runif)
function (n, min = 0, max = 1)
NULL
runif(5)
[1] 0.5358112 0.7108038 0.5383487 0.7489722 0.4201015
punif(0.75)
[1] 0.75
```

Portanto, o *default* é uma distribuição uniforme no intervalo $[0, 1]$ e os argumentos opcionais são `min` e `max`. Por exemplo, para simular 5 valores de $X \sim U(5, 20)$ usamos:

```
runif(5, min = 5, max = 20)
[1] 7.571303 16.554524 18.229304 13.236451 9.165856
```

7.2.4.2 Uniforme Discreta

Não há entre as funções básicas do R uma função específica para a distribuição uniforme discreta com opções de prefixos `r`, `d`, `p` e `q`, provavelmente devido a sua simplicidade, embora algumas outras funções possam ser usadas. Por exemplo para sortear números pode-se usar `sample()`, como no exemplo a seguir onde são sorteados 15 valores de uma uniforme discreta com valores (inteiros) entre 1 e 10 ($X \sim U_d(1, 10)$).

```
sample(1:10, size = 15, replace = TRUE)
[1] 2 3 4 4 4 5 7 9 4 2 6 7 1 6 9
```

7.2.5 A função sample()

A função `sample()` não é restrita à distribuição uniforme discreta, podendo ser usada para sorteios, com ou sem reposição (argumento `replace`, que por padrão é `FALSE`, ou seja, sem reposição), com

a possibilidade de associar diferentes probabilidades a cada elemento (argumento `prob`, que por padrão associa probabilidades iguais para todos os elementos).

```
args(sample)
function (x, size, replace = FALSE, prob = NULL)
NULL
```

Vejamos alguns exemplos:

- Sorteio de 3 números entre inteiros de 0 a 20.

```
sample(0:20, size = 3)
[1] 8 20 10
```

- Sorteio de 5 números entre os elementos de um certo vetor `x`.

```
x <- c(23, 34, 12, 22, 17, 28, 18, 19, 20, 13, 18)
sample(x, size = 5)
[1] 18 23 20 28 22
```

- Sorteio de 10 números entre os possíveis resultados do lançamento de um dado, com reposição.

```
sample(1:6, size = 10, replace = TRUE)
[1] 6 3 5 6 3 6 4 3 3 3
```

- Idem ao anterior, porém agora com a probabilidade de cada face proporcional ao valor da face.

```
sample(1:6, size = 10, replace = TRUE, prob = 1:6)
[1] 6 4 3 6 5 3 2 6 5 5
```

Este último exemplo ilustra ainda que os valores passados para o argumento `prob` não precisam ser probabilidades, são apenas entendidos como **pesos**. A própria função trata isto internamente fazendo a ponderação adequada.

7.3 Complementos sobre distribuições de probabilidade

Agora que já nos familiarizamos com o uso das distribuições de probabilidade vamos ver alguns detalhes adicionais sobre seu funcionamento.

7.3.1 Probabilidades e integrais

A probabilidade de um evento em uma distribuição contínua é a área sob a curva da distribuição. Vamos reforçar esta idéia revisitando um exemplo visto na distribuição normal.

Seja X uma v.a com distribuição $N(100, 100)$. Para calcular a probabilidade $P(X < 95)$ usamos o comando:

```
pnorm(95, mean = 100, sd = 10)
[1] 0.3085375
```

Vamos agora “esquecer” o comando `pnorm()` e ver uma outra forma de resolver usando integração numérica. Lembrando que a normal tem a função de densidade dada por

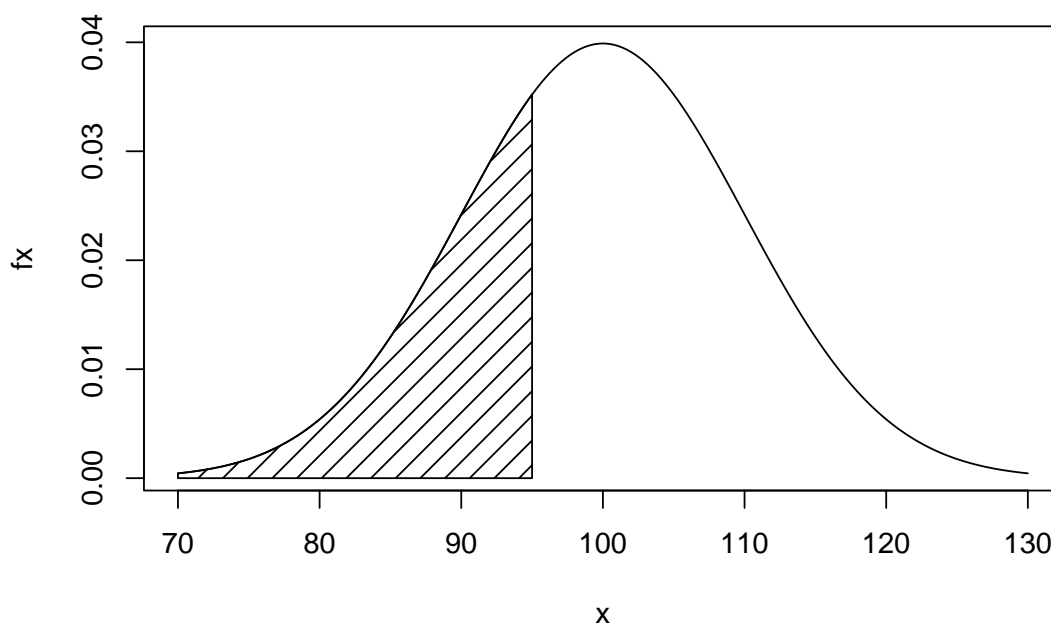
$$f(x) = \frac{1}{\sigma\sqrt{2\pi}} \exp \left[-\frac{1}{2} \left(\frac{x - \mu}{\sigma} \right)^2 \right].$$

Podemos então definir uma função no R para calcular qualquer densidade em x

```
fn <- function(x, mu, sigma){
  (1/(sigma * sqrt(2*pi))) * exp((-1/2) * ((x - mu)/sigma)^2)
}
```

Para obter o gráfico desta distribuição, usamos o fato que a maior parte da massa da função está no intervalo entre a média +/- três desvios padrões, portanto entre 70 e 130. Podemos então fazer como nos comandos que se seguem. Para marcar no gráfico a área que corresponde a probabilidade pedida criamos um polígono com coordenadas ax e ay definindo o perímetro desta área.

```
x <- seq(70, 130, length.out = 200)
fx <- fn(x, mu = 100, sigma = 10)
plot(x, fx, type = "l")
ax <- c(70, 70, x[x < 95], 95, 95)
ay <- c(0, fn(70, 100, 10), fx[x < 95], fn(95, 100, 10), 0)
polygon(ax, ay, density = 10)
```



Para calcular a área pedida sem usar a função `pnorm()` podemos usar a função de integração numérica. Note que esta função, diferentemente da `pnorm()` reporta ainda o erro de aproximação numérica.

```
integrate(fn, mu = 100, sigma = 10, lower = -Inf, upper = 95)
0.3085375 with absolute error < 2.1e-06
```

Portanto para os demais itens do problema, $P(90 < X < 110)$, e $P(X > 95)$ fazemos:

```
integrate(fn, mu = 100, sigma = 10, lower = 90, upper = 110)
0.6826895 with absolute error < 7.6e-15
integrate(fn, mu = 100, sigma = 10, lower = 95, upper = +Inf)
0.6914625 with absolute error < 8.1e-05
```

e os resultados acima evidentemente coincidem com os obtidos anteriormente usando `pnorm()`,

```
pnorm(110, 100, 10) - pnorm(90, 100, 10)
[1] 0.6826895
pnorm(95, 100, 10, lower.tail = FALSE)
[1] 0.6914625
```

Note ainda que na prática não precisamos definir e usar a função `fn()`, pois ela fornece o mesmo resultado que a função `dnorm()`.

Exercícios

Nos exercícios abaixo iremos também usar o R como uma calculadora estatística para resolver alguns exemplos/exercícios de probabilidade tipicamente apresentados em um curso de estatística básica.

- Para $X \sim N(90, 100)$, obtenha:
 - $P(X \leq 115)$.
 - $P(X \geq 80)$.
 - $P(X \leq 75)$.
 - $P(85 \leq X \leq 110)$.
 - $P(|X - 90| \leq 10)$.
 - O valor de a tal que $P(90 - a \leq X \leq 90 + a) = 0.95$.
- Seja X uma variável seguindo o modelo Binomial com parâmetros $n = 15$ e $p = 0.4$, pergunta-se:
 - $P(X \geq 14)$.
 - $P(8 < X \leq 10)$.
 - $P(X < 2 \text{ ou } X \geq 11)$.
 - $P(X \geq 11 \text{ ou } X > 13)$.
 - $P(X > 3 \text{ e } X < 6)$.
 - $P(X \leq 13 | X \geq 11)$.
- Uma empresa informa que 30% de suas contas a receber de outras empresas encontram-se vencidas. Se o contador da empresa seleciona aleatoriamente 5 contas, determine a probabilidade de:
 - Nenhuma conta estar vencida
 - Exatamente duas contas estarem vencidas
 - Três ou mais contas estarem vencidas
- Uma empresa recebe 720 emails em um intervalo de 8 horas. Qual a probabilidade de que:
 - Em 6 minutos receba pelo menos 3 emails?
 - Em 4 minutos não receba nenhum email?
- O processo de empacotamento de uma fábrica de cereais foi ajustado de maneira que uma média de $\mu = 13,0$ kg de cereal seja colocado em cada caixa. Sabe-se que existe uma pequena variabilidade no enchimento dos pacotes devido à fatores aleatórios, e que o desvio-padrão do peso de enchimento é de $\sigma = 0,1$ kg. Assume-se que a distribuição dos pesos tem distribuição normal. Com isso, determine as probabilidades de que uma caixa escolhida ao acaso:
 - Pese entre 13,0 e 13,2 kg.
 - Tenha um peso maior do que 13,25 kg.
 - Pese entre 12,8 e 13,1 kg.
 - Pese entre 13,1 e 13,2 kg.
- Faça os seguintes gráficos:
 - da função de densidade de uma variável com distribuição de Poisson com parâmetro $\lambda = 5$.
 - da densidade de uma variável $X \sim N(90, 100)$.
 - sobreponha ao gráfico anterior a densidade de uma variável $Y \sim N(90, 80)$ e outra $Z \sim N(85, 100)$.
 - densidades de distribuições χ^2 com 1, 2 e 5 graus de liberdade.

Capítulo 8

Inferência estatística

8.1 Introdução ao pensamento estatístico

No contexto de análise e modelagem estatística o analista assume que todos os fenômenos aleatórios podem ser representados por distribuições de probabilidades, ou seja, um modelo estatístico. Tais distribuições são representações de como a variável aleatória deve se comportar na população. Em cursos de inferência estatística é usual a frase “seja X uma variável aleatória de uma população normal com média μ e variância σ^2 ”. Essa frase exemplifica a forma como o estatístico supõe que um certo fenômeno aleatório se comporta na população.

Considere o caso de uma pesquisa eleitoral onde potenciais eleitores são entrevistados sobre a sua intenção em votar (SUCESSO) ou não votar (FRACASSO) em um determinado candidato X . Note que pela estrutura do fenômeno aleatório o modelo Bernoulli é um candidato natural para modelar o comportamento da variável aleatória “intenção de voto”. Suponha ainda que um conjunto de n eleitores vão ser entrevistados e que a probabilidade de sucesso, ou seja, votar no candidato X seja constante para todos os entrevistados e denotada por p . Nestas condições podemos estar interessados na variável aleatória Y que conta o número de sucessos (eleitores que vão votar em X) entre n eleitores. Sendo assim, a distribuição de probabilidade de Y é binomial com parâmetros n e p e sua função de probabilidade é dada por

$$P(Y = y) = P(Y = y) = \binom{n}{y} p^y (1 - p)^{n-y}.$$

Note que esta distribuição é completamente governada pelos valores de seus parâmetros, ou seja, n e p . Em geral n é fixado e conhecido, por outro lado p é desconhecido. Em termos práticos, o valor de p é o que estamos interessados, uma vez que ele representa a proporção populacional de eleitores do candidato X .

Se fossemos capazes de entrevistar todos os elementos da população de interesse, poderíamos facilmente calcular a proporção de eleitores de X e plugar no modelo para calcular quaisquer tipos de probabilidades de interesse. No entanto na prática, muitas vezes entrevistar todos os elementos da população de interesse é impossível ou extremamente custoso. Nestas situações o problema que surge é como que baseado apenas em uma amostra da população de interesse podemos falar algo sobre toda a população. Este é o problema de uma das áreas da estatística chamada de inferência estatística.

O objetivo deste texto não é discutir inferência estatística em detalhes, mas apenas apresentar as principais ideias e ilustrar a sua implementação computacional utilizando o software R. Além disso, uma série de procedimentos pré-prontos estão disponíveis em R e devem ser apresentados de forma breve, uma vez que as ideias são similares apenas adaptadas às situações específicas.

O processo de inferência estatística começa com a especificação de uma distribuição de probabilidade para a variável aleatória de interesse. Neste caso, vamos definir a variável de interesse

como sendo Y - votar no candidato X . Note que esta é uma v.a binária, ou seja, apresenta apenas os valores 0-não vai votar no candidato X ou 1 vai votar no candidato X . Neste caso, podemos especificar que $Y \sim B(p)$, ou seja, Y segue o modelo de Bernoulli com parâmetro p . Importante lembrar que o espaço paramétrico de p neste caso é o intervalo unitário, ou seja, $p \in (0, 1)$.

Uma vez com o modelo especificado precisamos de informações sobre o parâmetro populacional de interesse, neste caso p que representa a proporção de eleitores do candidato X . Para obter informações sobre p vamos coletar uma amostra da população de interesse e medir a variável de interesse. Neste caso, isso significa simplesmente perguntar se o eleitor vai ou não votar no candidato X . Em R podemos facilmente simular esta situação prática usando a função `rbinom()`, conforme ilustra o código abaixo

```
set.seed(123)
y <- rbinom(n = 10, size = 1, prob = 0.5)
y
[1] 0 1 0 1 1 0 1 1 1 0
```

Note que para simular uma amostra nós precisamos especificar o tamanho da amostra, neste caso $n = 10$ o número de ensaios Bernoulli neste caso apenas 1 e a probabilidade de sucesso (proporção populacional). É claro que na prática a proporção populacional é desconhecida, mas neste caso fixamos um valor para simular observações e o objetivo é apenas baseado nas realizações da variável aleatória **descobrir** ou **inferir** qual é o verdadeiro valor de p . De forma mais geral os objetivos da inferência estatística são:

- Estimar p baseado apenas na amostra (valor pontual)! Pense que deseja-se responder a pergunta: Quanto você acha que é a proporção de eleitores do candidato X na população?
- Informar o quanto você acredita no valor estimado (intervalo de confiança).
- Decidir sobre possíveis valores de p baseado apenas na amostra. Por exemplo, O candidato X vai ganhar ($p > 0,50$)?

Interessante notar que até este momento não fizemos nenhuma suposição em como as observações foram obtidas. No entanto, se supomos que as observações são independentes podemos facilmente obter a distribuição conjunta de todas as variáveis aleatórias envolvidas no modelo como o produto da distribuição de cada uma. Neste caso, todas as observações vêm de uma população Bernoulli com parâmetro p . Assim, a distribuição conjunta é dada pelo seguinte produtório

$$P(Y = y) = \prod_{i=1}^n p^{y_i} (1-p)^{1-y_i} = p^{\sum_{i=1}^n y_i} (1-p)^{n-\sum_{i=1}^n y_i}.$$

Uma forma alternativa é escrever a distribuição do número de sucessos em n ensaios Bernoulli que é simplesmente uma distribuição binomial com parâmetros n e p , ou seja,

$$P(Y = y) = P(Y = y) = \binom{n}{y} p^y (1-p)^{n-y}.$$

É importante enfatizar que após a amostra ser coletada o número y de sucesso é fixo. Para a nossa amostra, temos $y = 6$. Lembre-se que o n foi fixado, assim para avaliar a equação acima em algum ponto, só precisamos fixar o valor de p .

Agora vamos refletir sobre o que a equação acima está nos fornecendo. Suponha que em um primeiro momento você apenas precise decidir se $p = 0.5$ ou $p = 0.8$. Como poderíamos usar o nosso modelo para tomar esta decisão?

Note que podemos calcular qual é a probabilidade de obter 6 sucessos em n ensaios supondo que $p = 0.5$ e também supondo que $p = 0.8$. Vamos fazer estas contas

$$P(Y = 6 | p = 0.5) = \binom{10}{6} 0.5^6 (1-0.5)^{10-6} = 0.205.$$

$$P(Y = 6|p = 0.8) = \binom{10}{6} 0.8^6 (1 - 0.8)^{10-6} = 0.088.$$

Em R temos,

```
dbinom(6, size = 10, prob = 0.5)
[1] 0.2050781
dbinom(6, size = 10, prob = 0.8)
[1] 0.08808038
```

Baseado apenas nestas probabilidades, é possível observar que a probabilidade de observarmos 6 sucessos em 10 ensaios é mais provável quando $p = 0.5$ do que quando $p = 0.8$. Neste caso podemos concluir que existe mais evidências em favor de $p = 0.5$ do que em favor de $p = 0.8$. Veja que fizemos uma espécie de pensamento inverso, observamos 6 sucessos e agora estamos pensando, qual é o valor de p mais compatível com esse valor. Além disso, a função de probabilidade conjunta vista como uma função do parâmetro ao invés da variável aleatória nos fornece exatamente essa noção de compatibilidade, ou seja, qual é o valor de p mais compatível com as minhas observações.

Para enfatizar esta idéia vamos rescrever a função acima para enfatizar que a quantidade desconhecida agora é p e não mais y .

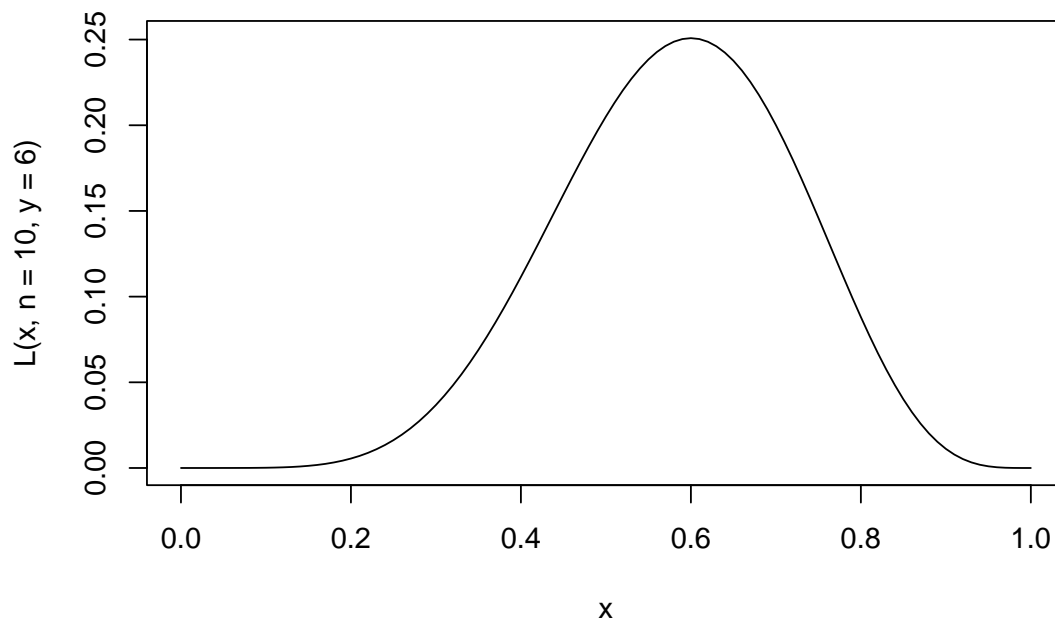
$$L(p|y) = \binom{n}{y} p^y (1 - p)^{n-y}.$$

A função acima é chamada de **verossimilhança** e é fundamental em todo o processo de inferência estatística. No caso de variáveis aleatórias discretas ela nos fornece a probabilidade de observar o que realmente foi observado dado um particular valor para o parâmetro de interesse. Particularizando para o nosso exemplo temos

$$L(p|y) = \binom{10}{6} p^6 (1 - p)^{10-6}.$$

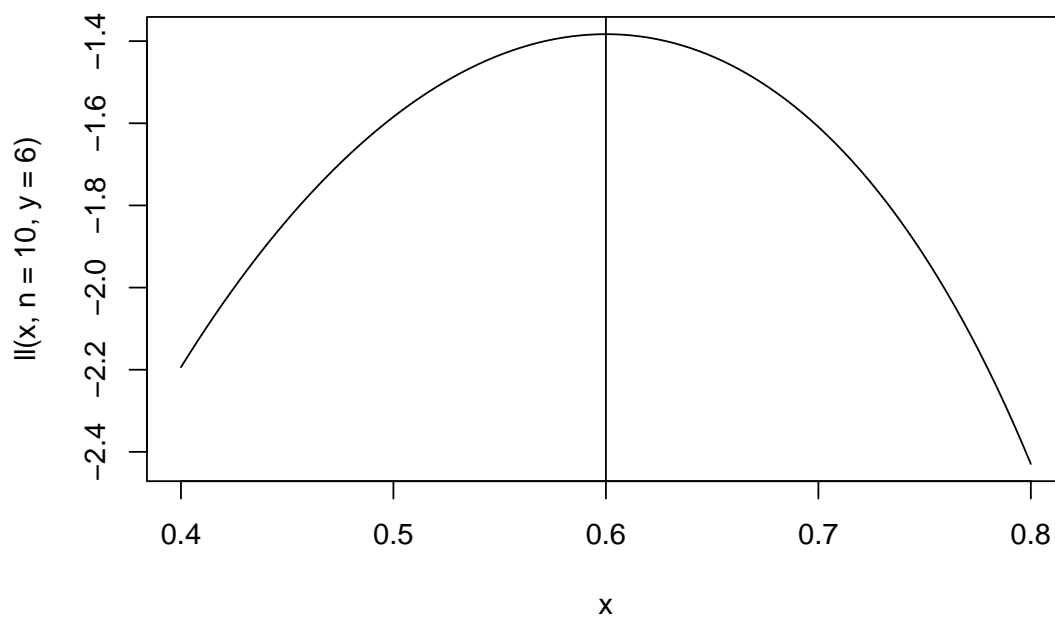
Como dito a função de verossimilhança nos fornece uma medida de compatibilidade de um particular valor de p com a amostra observada. Assim, é natural tomarmos como o nosso melhor “chute” o valor mais compatível com a amostra observada, ou seja, o ponto de máximo da função de verossimilhança. Vamos fazer um gráfico para ilustrar esta ideia.

```
L <- function(p, n, y) {
  out <- dbinom(y, size = n, prob = p)
  return(out)
}
curve(L(x, n = 10, y = 6), 0, 1)
```



Na prática é mais comum trabalhar com o log da verossimilhança por conveniência computacional. Isso leva a chamada função de log-verossimilhança, cujo gráfico é apresentado abaixo para o nosso exemplo

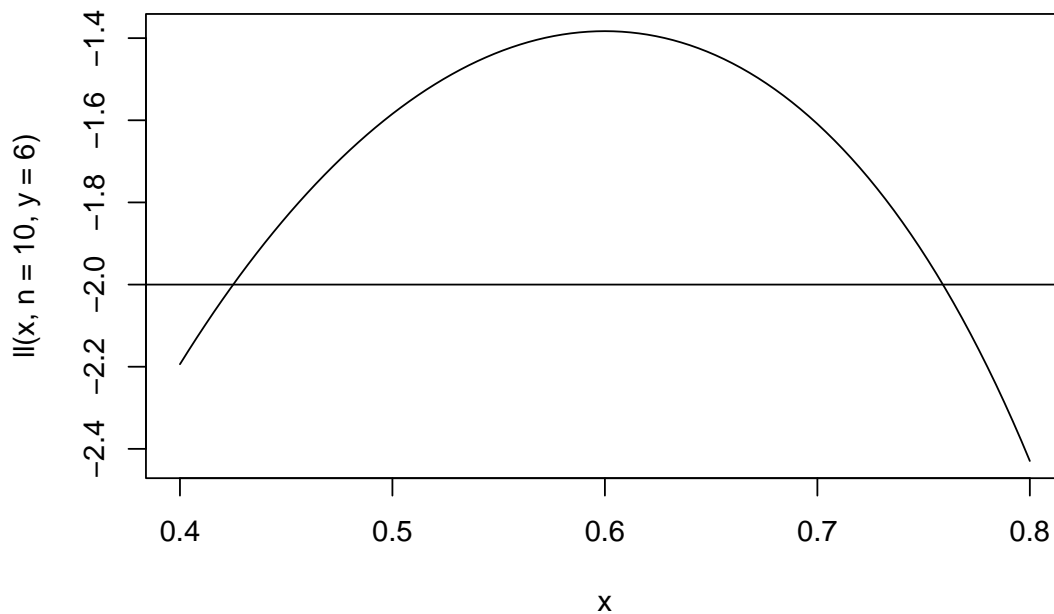
```
l1 <- function(p, n, y) {  
  out <- dbinom(y, size = n, prob = p, log = TRUE)  
  return(out)  
}  
curve(l1(x, n = 10, y = 6), 0.4, 0.8)  
abline(v = mean(y))
```



Não é difícil mostrar usando ferramentas padrões de cálculo diferencial que o ponto de máximo ocorre em $\hat{p} = y/n$, ou seja, na proporção amostral de eleitores do candidato X.

Com essa ideia simples resolvemos o primeiro objetivo da inferência estatística que consiste em dizer qual valor achamos razoável para p dado a amostra que coletamos. O próximo objetivo é dizer o quanto acreditamos neste valor. Note que uma vez que temos a função de verossimilhança ou log-verossimilhança basta olhar para a função para responder a tal pergunta. O ponto de máximo é o mais compatível, porém valores ao redor do máximo também apresentam uma boa compatibilidade com a amostra e portanto são bons candidatos a valor de p . Essa ideia pode ser resumida por fazer um corte horizontal na função de log-verossimilhança. Assim, todos os pontos acima do corte são bons candidatos a verdadeiro valor de p .

```
curve(ll(x, n = 10, y = 6), 0.4, 0.8)
abline(h = -2)
```

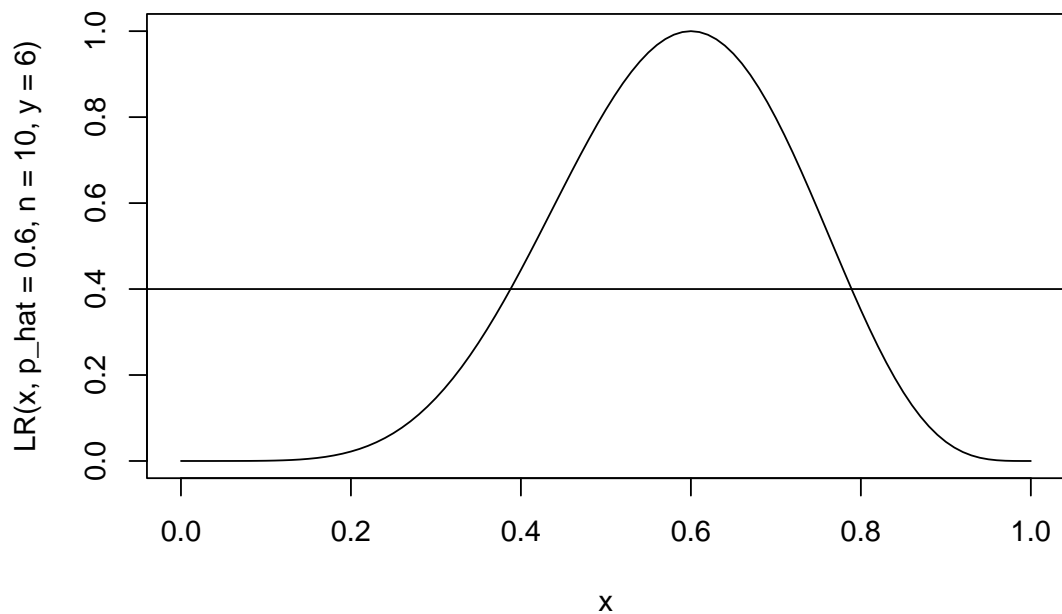


Entretanto, onde fazer tal corte não é uma tarefa simples e explicar como e por que fazer isso em detalhes está fora do escopo deste material. Esta é a ideia por trás da definição do que se chama popularmente de intervalo de confiança. Uma forma alternativa é fazer um gráfico da função de verossimilhança relativa, definida como a verossimilhança dividida pela verossimilhança no ponto de máximo,

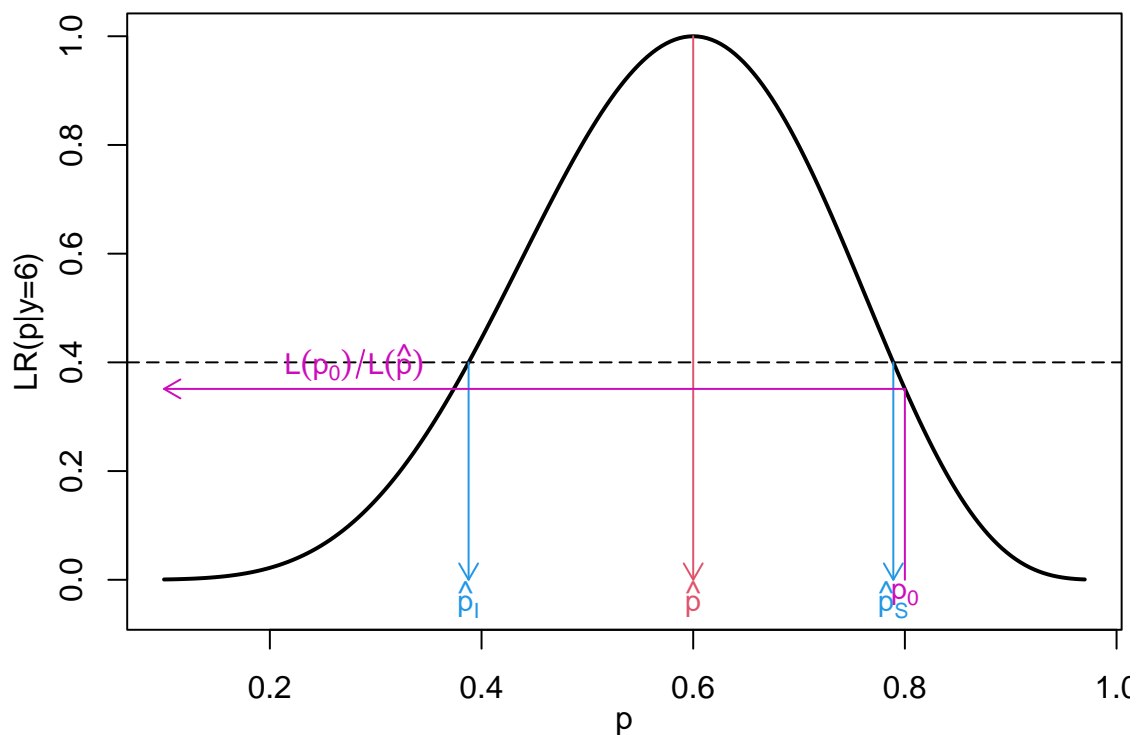
$$LR(p) = L(p)/L(\hat{p}).$$

Neste caso um intervalo pode ser obtido por definir algum valor entre 0 e 1 para obter intervalos não vazios. Por exemplo, podemos definir que uma compatibilidade de pelo menos 0.4 com a amostra é necessário para que um valor seja parte do intervalo. Ilustrando graficamente temos,

```
LR <- function(p, p_hat, n, y) {
  out <- L(p = p, n = n, y = y)/L(p = p_hat, n = n, y = y)
  return(out)
}
curve(LR(x, p_hat = 0.6, n = 10, y = 6), 0, 1)
abline(h = 0.4)
```



Por fim, o último objetivo da inferência consiste em decidir se um determinado valor hipotético para p é ou não compatível com a amostra observada. Note que o valor mais compatível é o máximo da verossimilhança, assim para decidir se um valor é ou não compatível com a amostra, basta verificar se ele está perto ou longe do valor que tem maior compatibilidade. Esta ideia é o que esta por trás do que se chama de teste de hipóteses e é ilustrada abaixo.



8.2 Estimação pontual e intervalos de confiança

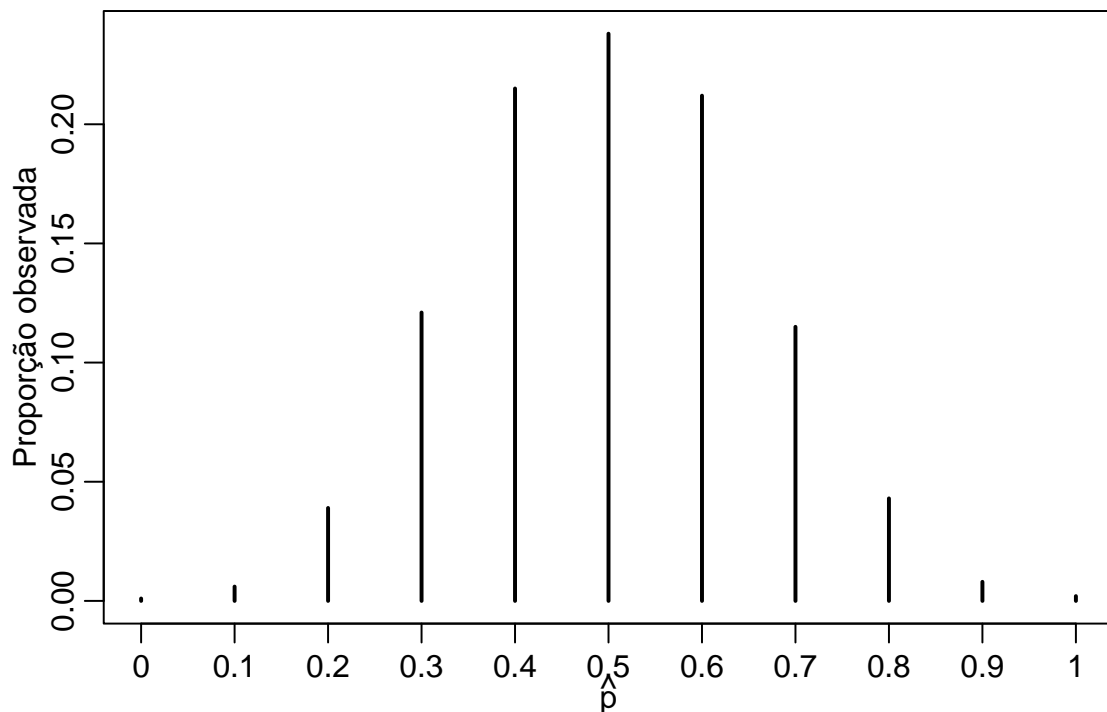
O processo de estimação pontual consiste em encontrar um valor ao qual chamamos de estimativa do verdadeiro valor do parâmetro, em nosso exemplo o parâmetro p da distribuição Bernoulli. Como discutido anteriormente a função de verossimilhança nos fornece uma forma intuitiva de obter tal valor que no caso da distribuição de Bernoulli é simplesmente a proporção amostral, $\hat{p} = y/n$.

O próximo passo é encontrar um intervalo de confiança para o parâmetro p . Neste texto vamos enfatizar o pensamento frequentista de probabilidade para motivar a construção do intervalo de confiança.

Importante salientar que Y é uma variável aleatória cuja observações são denotadas por y . Nossa estimativa de p é o valor $\hat{p} = y/n$ que é uma função dos valores observados. Agora suponha que o experimento seja refeito um número grande vezes. O que vai acontecer com \hat{p} ? Vamos fazer um experimento computacional para ilustrar esta situação.

```
set.seed(1234)
p.hat <- c()
for(i in 1:1000) {
  y <- rbinom(10, prob = 0.5, size = 1)
  p.hat[i] <- mean(y)
}

par(mfrow = c(1,1), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
plot(prop.table(table(p.hat)), main = "",
     ylab = "Proporção observada",
     xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
```



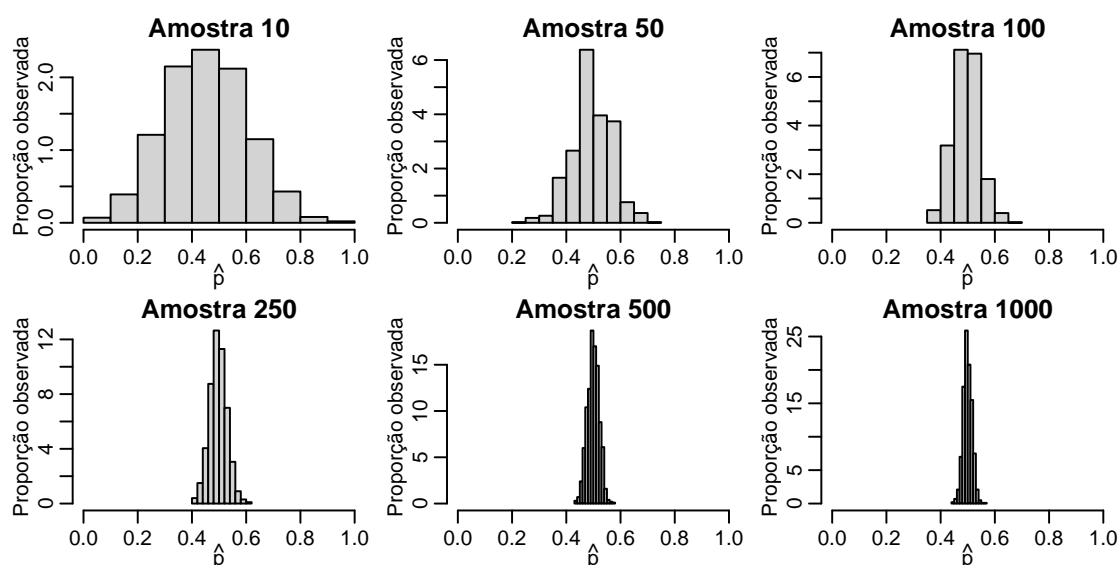
A Figura acima mostra que mesmo o verdadeiro valor de p sendo 0.5 existe uma probabilidade razoável de observarmos $\hat{p} = 0.4$ e $\hat{p} = 0.6$ em uma amostra de tamanho 10. Porém, quando nos distanciamos de 0.5 a probabilidade de observar \hat{p} mais extremos como 0.1 ou 0.9 é pequena. No geral, a incerteza com relação ao valor de p é grande. Para diminuir tal incerteza precisamos

ganhar mais informações sobre o valor de p e para isso precisamos de mais amostras.

Note que para cada possível amostra coletada o valor de \hat{p} é alterado. Isso é decorrente de \hat{p} ser também uma função da variável aleatória Y . Para enfatizar isso usamos a notação $\hat{p} = Y/n$ e neste caso chamamos \hat{p} de estimador do valor de p . Pensando desta forma \hat{p} é também uma variável aleatória e consequentemente ele deve ter uma distribuição de probabilidade que pode ser resumida, por exemplo, usando esperança e variância.

A Figura abaixo mostra o efeito do tamanho da amostra sobre a distribuição amostral do estimador \hat{p} .

```
set.seed(1234)
p.hat.list <- list()
amostra <- c(10, 50, 100, 250, 500, 1000)
par(mfrow = c(2,3), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
for(j in 1:6) {
  p.hat.list[[j]] <- matrix(NA, ncol = 1, nrow = 1000)
  for(i in 1:1000) {
    y <- rbinom(amostra[j], prob = 0.5, size = 1)
    p.hat.list[[j]][i,] <- mean(y)
  }
}
hist(p.hat.list[[j]], prob = TRUE, main = paste("Amostra", amostra[j]),
     ylab = "Proporção observada",
     xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
}
```



Note que quanto maior a amostra a distribuição amostral fica mais concentrada ao redor do verdadeiro valor de p . Isso é decorrente da Lei dos grandes números. Além disso, note que a distribuição é muito parecida com a distribuição normal, um resultado conhecido como Teorema Central do Limite.

A idéia de intervalo de confiança é simplesmente olhar para a distribuição amostral e responder a pergunta: Qual o intervalo em que \hat{p} tem uma probabilidade, digamos $(1 - \alpha)$ de pertencer?

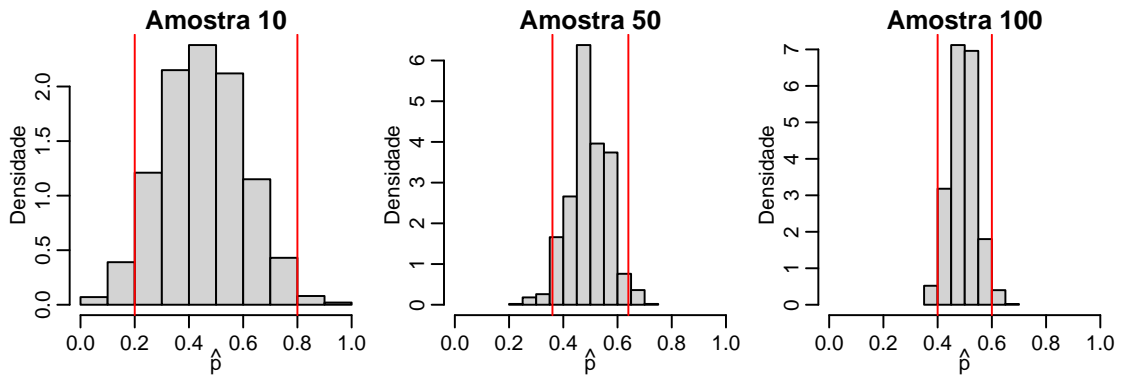
O valor de α deve ser especificado e alguns valores populares são 0.05 e 0.01. A Figura abaixo ilustra esta ideia.

```
set.seed(1234)
p.hat.list <- list()
amostra <- c(10, 50, 100)
par(mfrow = c(1,3), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
```

```

for(j in 1:3) {
  p.hat.list[[j]] <- matrix(NA, ncol = 1, nrow = 1000)
  for(i in 1:1000) {
    y <- rbinom(amostra[j], prob = 0.5, size = 1)
    p.hat.list[[j]][i,] <- mean(y)
  }
  hist(p.hat.list[[j]], prob = TRUE, main = paste("Amostra", amostra[j]),
       ylab = "Densidade",
       xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
  abline(v = c(quantile(p.hat.list[[j]], probs = c(0.025, 0.975))), col = "red")
}

```



Temos um procedimento bastante simples para obter os limites do intervalo de confiança, porém tal procedimento depende de sermos capazes de realizar o experimento um número grande de vezes. Na prática só temos uma amostra coletada e baseado apenas nesta amostra precisamos inferir sobre p . É neste ponto que entra o fato de \hat{p} ser uma variável aleatória. Este fato permite que exploremos sua distribuição mesmo sem realizar um grande número de experimentos.

De forma geral obter a distribuição de probabilidade de um estimador não é uma tarefa trivial, porém o Teorema Central do Limite nos fornece uma boa aproximação, ao menos para grandes amostras. O Teorema Central do limite em sua versão mais simples é como segue:

- Teorema Lindeberg-Levy: Seja Y_1, \dots, Y_n uma amostra iid com $E(Y_i) = \mu$ e $V(Y_i) = \sigma^2 < \infty$. Então,

$$\sqrt{n} \left(\frac{\bar{Y} - \mu}{\sigma} \right) \xrightarrow{D} Z \sim N(0,1), \quad \text{para } n \rightarrow \infty.$$

- Isso significa que, para todo $y \in \mathbb{R}$,

$$P(Y_n \leq y) \rightarrow \Phi(y) \quad \text{quando } n \rightarrow \infty,$$

onde

$$\Phi(y) = \int_{-\infty}^y \phi(z) dz \quad \text{e} \quad \phi(z) = \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \exp\left(-\frac{1}{2}z^2\right).$$

- Forma alternativa: $\bar{Y} \sim N(\mu, \sigma^2/n)$.

Particularizando para o nosso exemplo temos que:

- Estimador de máxima verossimilhança $\hat{p} = \frac{Y}{n}$.
- Usando as propriedades da distribuição binomial, temos

$$E(\hat{p}) = E(Y/n) = \frac{1}{n}E(Y) = \frac{np}{n} = p.$$

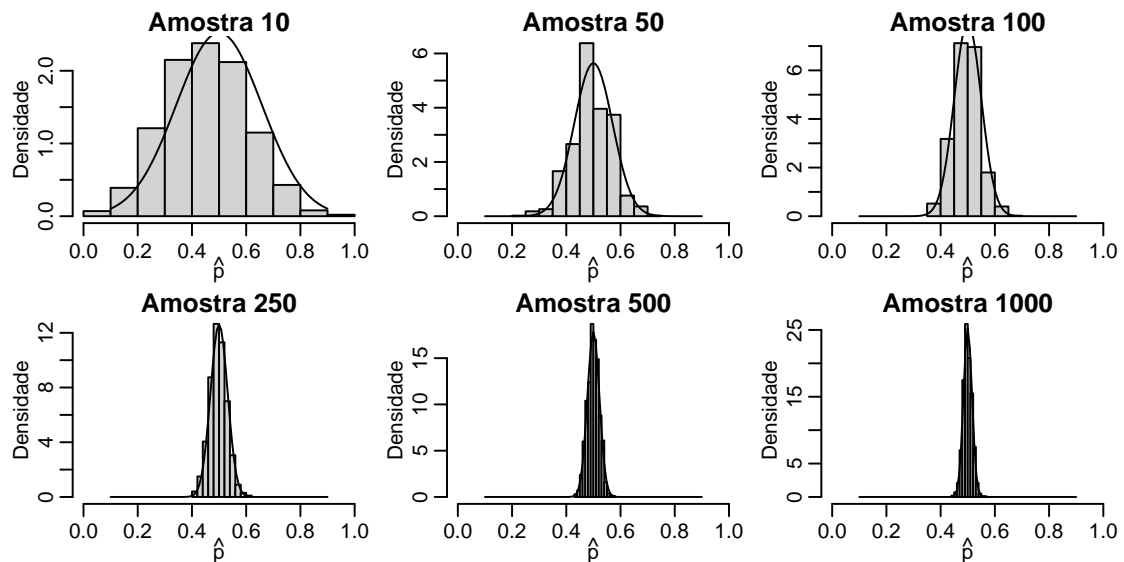
$$\text{Var}(\hat{p}) = \text{Var}(Y/n) = \frac{1}{n^2}\text{Var}(Y) = \frac{np(1-p)}{n^2} = \frac{p(1-p)}{n}.$$

- Usando o TLC, temos

$$\hat{p} \sim N\left(p, \frac{p(1-p)}{n}\right).$$

Vamos fazer uma ilustração computacional deste importante resultado.

```
set.seed(1234)
p.hat.list <- list()
amostra <- c(10, 50, 100, 250, 500, 1000)
par(mfrow = c(2,3), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
for(j in 1:6) {
  p.hat.list[[j]] <- matrix(NA, ncol = 1, nrow = 1000)
  for(i in 1:1000) {
    y <- rbinom(amostra[j], prob = 0.5, size = 1)
    p.hat.list[[j]][i,] <- mean(y)
  }
  hist(p.hat.list[[j]], prob = TRUE, main = paste("Amostra", amostra[j]),
       ylab = "Densidade", xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
  curve(dnorm(x, mean = 0.5, sd = sqrt(0.5*(1-0.5)/amostra[j])), 0.1, 0.9, add = TRUE)
}
```



Agora usando resultados convencionais da distribuição normal podemos encontrar os limites do intervalo de confiança. Para o caso binomial o intervalo é dado por

$$\hat{p} \pm Z_{\alpha/2} \sqrt{\frac{\hat{p}(1-\hat{p})}{n}},$$

onde $Z_{\alpha/2}$ é o quantil da distribuição normal padrão com $\alpha/2$ probabilidade.

Cálculos similares mostram que para os casos da média de uma distribuição normal e Poisson os intervalos ficam dados por:

- Intervalo de confiança: Caso Normal

$$\hat{\mu} \pm Z_{\alpha/2} \sqrt{\frac{\hat{\sigma}^2}{n}},$$

onde $\hat{\sigma}^2 = \sum_{i=1}^n \frac{(y_i - \hat{\mu})^2}{n-1}$.

- Intervalo de confiança: Caso Poisson

$$\hat{\lambda} \pm Z_{\alpha/2} \sqrt{\frac{\hat{\lambda}}{n}},$$

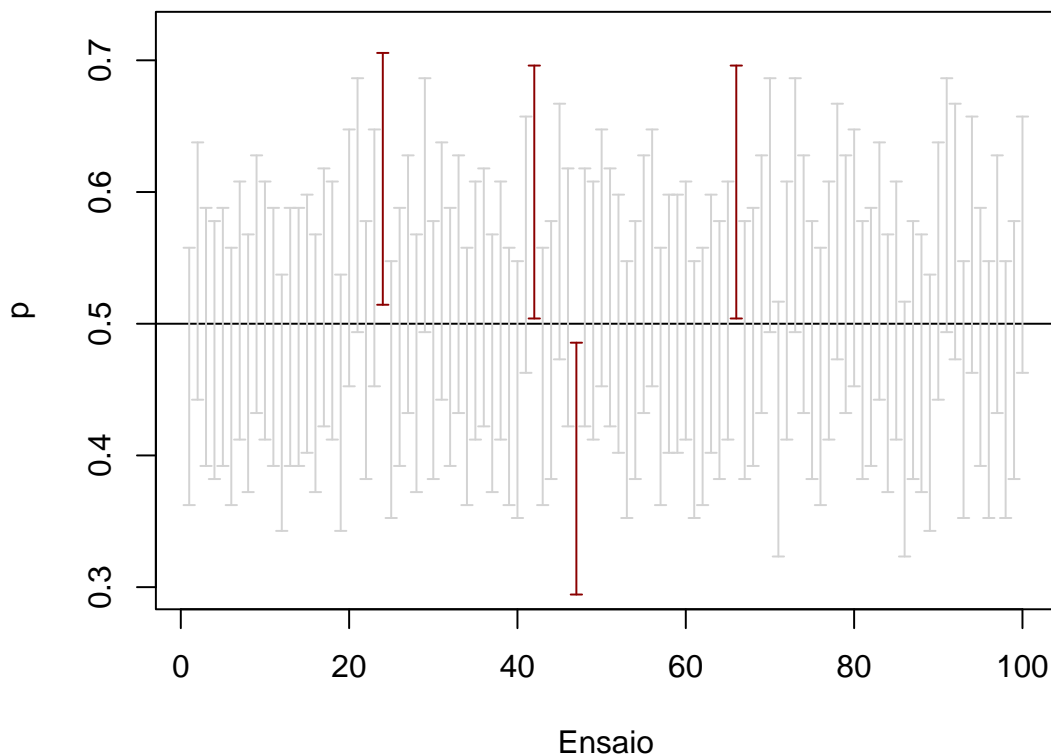
onde $\hat{\lambda} = \sum_{i=1}^n \frac{y_i}{n}$.

O intervalo de confiança deve ser interpretado sempre com muito cuidado. A interpretação frequentista é a seguinte: Se o experimento for repetido um número n de vezes e para cada realização obtermos o intervalo de confiança, esperamos que $(1 - \alpha)\%$ dos intervalos contenham o verdadeiro valor do parâmetro. Note que a variável aleatória é o próprio intervalo de confiança.

O código abaixo ilustra computacionalmente tal interpretação.

```
set.seed(12)
results_wald <- matrix(NA, ncol = 2, nrow = 100)
for(i in 1:100) {
  y <- rbinom(100, size = 1, prob = 0.5)
  p_hat <- mean(y)
  v_hat <- (p_hat*(1-p_hat))/100
  temp_wald <- c(p_hat - qnorm(0.975)*sqrt(v_hat), p_hat + qnorm(0.975)*sqrt(v_hat))
  results_wald[i,] <- temp_wald
}

## Intervalo Wald
plot(c(0.30,0.72) ~ c(1,100), type = "n", ylab = expression(p), xlab = "Ensaio")
abline(h=0.50)
for(i in 1:100) {
  arrows(c(i),results_wald[i,1],c(i),results_wald[i,2],code=3,angle=90,length=0.03,
        col=ifelse(results_wald[i,1] > 0.5 | results_wald[i,2] < 0.5, "darkred","lightgray"))
}
```



Exemplo 1 No caso do candidato X suponha que é de interesse apresentar uma estimativa intervalar para a proporção de eleitores de X na população. Assumindo que a estimativa amostral foi de 0,60 (seis sucessos em dez ensaios) o intervalo com 95% de confiança é dado por

$$\hat{p}_I = 0,6 - 1.96\sqrt{0,6(1-0,6)/10} = 0.296 \quad \text{e} \quad \hat{p}_S = 0,6 + 1.96\sqrt{0,6(1-0,6)/10} = 0.904.$$

Exemplo 2 Num grupo de pacientes, o nível de colesterol é uma variável aleatória com distribuição Normal, de média desconhecida e variância $64(mg/ml)^2$. - Para uma amostra de 46 indivíduos que forneceu nível médio de colesterol de $120 mg/ml$, construa o intervalo de confiança de 88%.

```
media <- 120
sd <- sqrt(64)
n <- 46
alpha = 0.12
mu_I <- media - qnorm((1 - alpha/2))*sd/sqrt(46)
mu_S <- media + qnorm((1 - alpha/2))*sd/sqrt(46)
c(mu_I, mu_S)
[1] 118.1661 121.8339
```

Exercícios

1. Por analogia a produtos similares, o tempo de reação de um novo medicamento pode ser considerado como tendo distribuição Normal com desvio padrão igual a 2 minutos (a média desconhecida). Vinte pacientes foram sorteados, receberam o medicamento e tiveram seu tempo de reação anotado. Os dados foram os seguintes (em minutos): 2,9;3,4;3,5;4,1;4,6;4,7;4,5;3,8;5,3;4,9;4,8;5,7;5,8;5,0;3,4;5,9;6,3;4,6;5,5 e 6,2. Obtenha um intervalo de confiança para o tempo médio de reação. Use 96% de confiança.
2. Uma amostra de 25 observações de uma Normal ($\mu, 16$) foi coletada e forneceu uma média amostral de 8. Construa intervalos de confiança com 80%, 85%, 90% e 95% de confiança. Comente as diferenças encontradas.
3. Numa pesquisa com 50 eleitores, o candidato José João obteve 0,34 da preferência dos eleitores. Construa, para a confiança de 94% o intervalo de confiança para a proporção de votos a serem recebidos pelo candidato mencionado.
4. Considere a seguinte amostra da distribuição de Poisson de parâmetro λ . Proponha um estimador pontual e intervalar para λ usando o método de máxima verossimilhança. Implemente seu método em R. Faça um estudo de simulação para ilustrar a distribuição aproximada deste estimador.
5. O número de atendimentos em um pronto-socorro pode ser modelado por uma distribuição de Poisson de parâmetro λ . Suponha que o interesse seja modelar o número de atendimentos por hora e que para um conjunto de 30 horas o número de atendimentos por hora foi contado e as observações são mostradas abaixo.

```
# A tibble: 3 x 10
  `matrix(y, 3, 10)` [,1] [,2] [,3] [,4] [,5] [,6] [,7] [,8] [,9] [,10]
    <int> <int> <int> <int> <int> <int> <int> <int> <int> <int>
1         6      11       8       8       9      12       7       9       9       9
2        10      13      12      13       8       6      13       9       9       6
3         7       4       8       8       5       3      12      16       8       5
```

O seu interesse é dimensionar o número de médicos para este pronto socorro. Suponha que um médico consegue atender até quatro pessoas em um período de uma hora. A política do hospital especifica que se deve manter um contingente de médicos necessários para atender a demanda em 95% dos dias. Especifique quantos médicos devem estar de plantão para que a política do hospital seja respeitada.

8.3 Teste de hipótese

O último objetivo da inferência estatística é a construção de testes de hipóteses. Uma hipótese é qualquer afirmativa sobre uma propriedade da população. Um teste de hipótese é um procedimento para avaliar uma afirmativa sobre uma propriedade da população. Em termos estatísticos uma hipótese estatística é qualquer afirmativa sobre um parâmetro da distribuição de probabilidade.

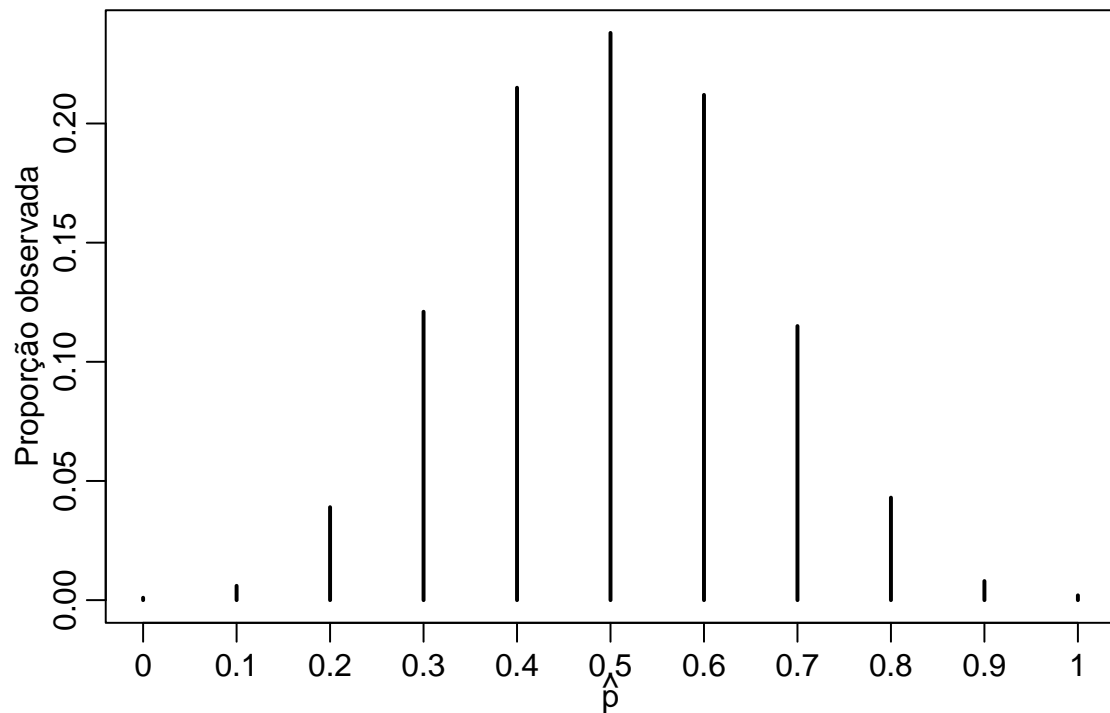
Voltando ao nosso exemplo do candidato X, podemos estar interessados por exemplo em saber se a proporção de votos no candidato X é maior que 0.5, o que implicaria que ele ganharia a eleição. Em termos de distribuição de probabilidade essa é uma afirmativa acerca do valor do parâmetro p . Sendo assim, enunciamos as hipóteses da seguinte forma:

$$H_0 : p = \frac{1}{2} \quad vs \quad H_1 : p \neq \frac{1}{2}.$$

Nesta notação H_0 é chamada de hipótese nula. Por outro lado, H_1 é chamada de hipótese alternativa.

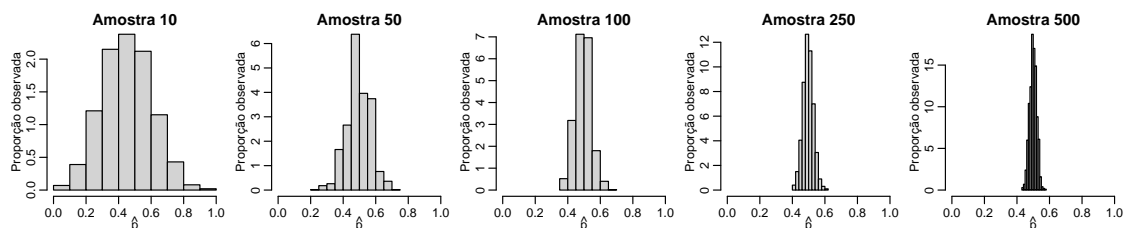
Para construir um teste de hipótese usamos novamente o pensamento frequentista de probabilidade, ou seja, considere que é possível realizar o experimento um número indefinido de vezes. Para cada uma destas realizações obtemos uma estimativa para o valor de p digamos \hat{p} . Verique quais valores realizados de \hat{p} são **razoáveis** de ocorrer sob a hipótese nula. No caso da hipótese nula ser verdadeira podemos facilmente gerar dados do fenômeno de interesse. Neste caso, vamos realizar o experimento 1000 vezes e ver como se comporta nosso estimador.

```
set.seed(1234)
p.hat <- c()
for(i in 1:1000) {
  y <- rbinom(10, prob = 0.5, size = 1)
  p.hat[i] <- mean(y)
}
par(mfrow = c(1,1), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
plot(prop.table(table(p.hat)), main = "",
     ylab = "Proporção observada",
     xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
```



Veja que mesmo a hipótese nula sendo verdadeira existe uma probabilidade não desprezível de observarmos 8 eleitores de X em 10 eleitores. A incerteza associada a decisão no caso de apenas 10 observações é grande. Para diminuir a incerteza precisamos de mais informação o que conseguimos aumentando a amostra. A Figura abaixo ilustra esta situação

```
set.seed(1234)
p.hat.list <- list()
amostra <- c(10, 50, 100, 250, 500)
par(mfrow = c(1,5), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
for(j in 1:5) {
  p.hat.list[[j]] <- matrix(NA, ncol = 1, nrow = 1000)
  for(i in 1:1000) {
    y <- rbinom(amostra[j], prob = 0.5, size = 1)
    p.hat.list[[j]][i,] <- mean(y)
  }
  hist(p.hat.list[[j]], prob = TRUE, main = paste("Amostra", amostra[j]),
       ylab = "Proporção observada",
       xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
}
```

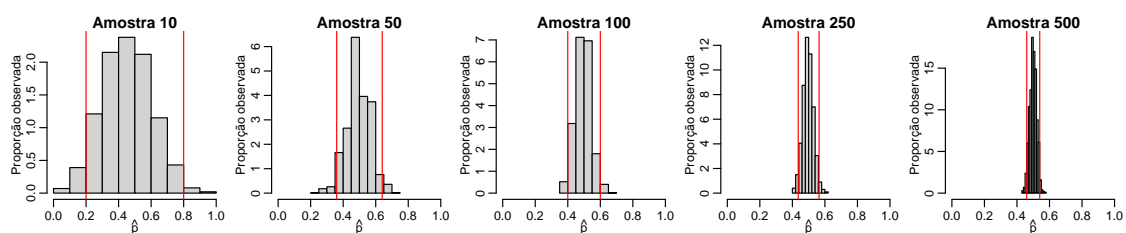


O procedimento é bastante intuitivo e parecido com a construção de intervalos de confiança. No entanto, no caso de teste de hipóteses precisamos tomar uma decisão. Sendo assim, a ideia é construir uma região de valores para os quais você aceitará (ou não rejeitará) a hipótese nula esta região é chamada de região de aceitação ou não rejeição de H_0 . A Figura abaixo ilustra a construção da região de rejeição

```

set.seed(1234)
p.hat.list <- list()
amostra <- c(10, 50, 100, 250, 500)
par(mfrow = c(1,5), mar=c(2.6, 2.8, 1.2, 0.5), mgp = c(1.6, 0.6, 0))
for(j in 1:5) {
  p.hat.list[[j]] <- matrix(NA, ncol = 1, nrow = 1000)
  for(i in 1:1000) {
    y <- rbinom(amostra[j], prob = 0.5, size = 1)
    p.hat.list[[j]][i,] <- mean(y)
  }
  hist(p.hat.list[[j]], prob = TRUE, main = paste("Amostra", amostra[j]),
       ylab = "Proporção observada",
       xlab = expression(hat(p)), xlim = c(0,1))
  abline(v = c(quantile(p.hat.list[[j]], probs = c(0.025, 0.975))), col = "red")
}

```



Novamente em termos práticos não temos como repetir o experimento um número grande vezes. Assim, recorremos novamente ao Teorema Central do Limite e estabelecemos a região crítica de forma aproximada usando a aproximação Gaussiana. No caso Bernoulli, este procedimento resulta na seguinte estatística de teste

- Estatística do teste caso Bernoulli

$$Z = \frac{\hat{p} - p_0}{\sqrt{\frac{p_0(1-p_0)}{n}}} \sim N(0,1).$$

O procedimento aqui descrito em linhas gerais é bastante genérico e perfaz toda a estatística. No entanto está fora do escopo deste material discutir tais procedimentos em detalhes. Na sequência apresentamos o resumo de alguns casos notáveis de testes de hipóteses que aparecem com frequência em cursos de estatística básica.

Exemplo 1 Considere que seja de interesse verificar se existe evidências que o candidato X vai ganhar as eleições. Em termos estatístico isso significa que

- $H_0 : p = 0.5$ contra $H_1 : p > 0.5$.

Suponha que adotamos 5% de significância. Neste caso a região crítica é unilateral, e tem a seguinte forma

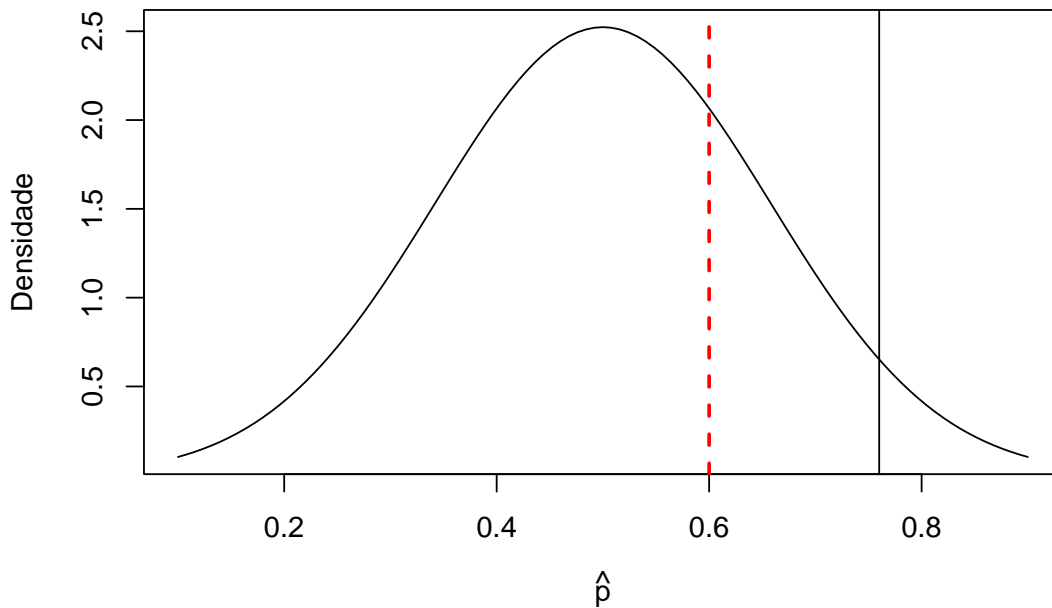
$$p_c = 0.5 + 1.64\sqrt{0.25/10} = 0.76.$$

Vamos fazer um gráfico da região de aceitação e rejeição e verificar onde a proporção amostral está localizada para concluir o teste.

```

curve(dnorm(x, mean = 0.5, sd = sqrt(0.25/10)), 0.1, 0.9,
      ylab = "Densidade", xlab = expression(hat(p)))
abline(v = 0.5+qnorm(0.95)*sqrt(0.25/10))
abline(v = 6/10, col = "red", lty = 2, lwd = 2)

```



Lembre-se que a proporção amostral foi de 0.6 em 10 entrevistas. Assim, vemos claramente que não temos evidências para rejeitar H_0 . Neste caso não temos evidências para dizer que o candidato X irá ganhar a eleição.

- Estatística do teste caso Normal

No caso de população Normal, a estatística de teste para testar $H_0 : \mu = \mu_0$ contra $H_1 : \mu \neq \mu_0$ com variância conhecida σ^2 é dada por

$$\frac{\hat{y} - \mu_0}{\sigma / \sqrt{n}} \sim N(0, 1)$$

onde μ_0 é o valor especificado sob a hipótese nula. Neste caso a região crítica para testes bilaterais toma a seguinte forma:

$$y_I = \mu_0 - Z_{\alpha/2} \sqrt{\sigma^2/n} \quad \text{e} \quad y_S = \mu_0 + Z_{\alpha/2} \sqrt{\sigma^2/n}.$$

Exemplo 2 (Magalhães e Lima, pg. 252). Um pesquisador deseja estudar o efeito de certa substância no tempo de reação de seres vivos a um certo tipo de estímulo. Um experimento é desenvolvido com cobaias que são inoculadas com a substância e submetidas a um estímulo elétrico, com seus tempos de reação (em segundos) anotados. Os seguintes valores foram obtidos: 9,1; 9,3; 7,2; 7,5; 13,3; 10,9; 7,2; 9,9; 8,0; 8,6. Admite-se que o tempo de reação segue, em geral o modelo Normal com média 8 e desvio padrão $\sigma = 2$ segundos. O pesquisador desconfia, entretanto, que o tempo médio sofre alteração por influência da substância. Neste caso as hipóteses de interesse são:

- H_0 : as cobais apresentam tempo de reação padrão;
- H_1 : as cobais tem o tempo de reação alterado.

Em termos de modelo estatístico, tais hipóteses são traduzidas para afirmações acerca do parâmetro μ .

- $H_0 : \mu = 8$ contra $H_1 : \mu \neq 8$.

Neste caso a região crítica para $\alpha = 0,05$ fica dada por

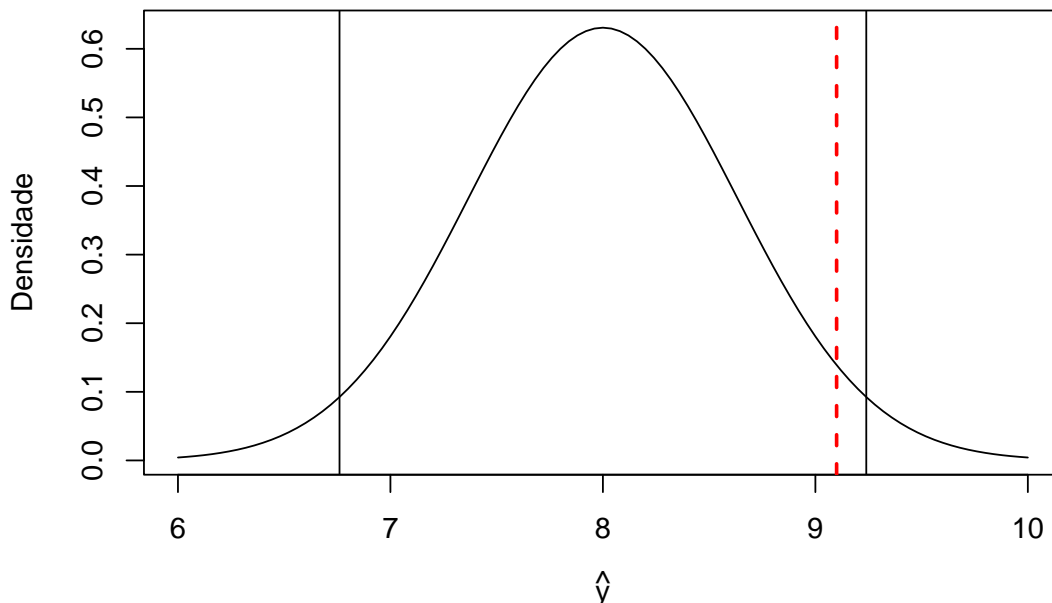
$$y_I = 8 - 1,96\sqrt{4/10} = 6,76 \quad \text{e} \quad y_S = 8 + 1,96\sqrt{4/10} = 9,24.$$

Vamos agora obter a média amostral e concluir o teste.

```
x <- c(9.1, 9.3, 7.2, 7.5, 13.3, 10.9, 7.2, 9.9, 8.0, 8.6)
mean(x)
[1] 9.1
```

Ilustrando a região crítica

```
curve(dnorm(x, mean = 8, sd = sqrt(4/10)), 6, 10,
      ylab = "Densidade", xlab = expression(hat(y)))
abline(v = c(8-qnorm(0.975)*sqrt(4/10), 8+qnorm(0.975)*sqrt(4/10) ))
abline(v = mean(x), col = "red", lwd = 2, lty = 2)
```



Como o valor observado da média amostral pertence a região de aceitação de H_0 , aceitamos a hipótese H_0 ao nível de significância de 5%. Em outras palavras, concluímos que o tempo de reação das cobais submetidas à substância não é alterado.

8.3.1 Teste t (one sample t-test)

- Teste t (one sample t-test)
 - Hipóteses: $H_0 : \mu = \mu_0 \quad \times \quad H_1 : \mu \neq \mu_0$.
 - Estatística de teste: $\frac{\bar{y} - \mu_0}{\hat{\sigma}/\sqrt{n}} \sim t_{n-1}$.
- Suposições: Para o teste ser exato, precisamos
 - $Y \sim N(\mu, \sigma^2)$ iid.
 - $\hat{\sigma}^2 = \sum_{i=1}^n (y_i - \bar{y})^2 / n - 1$.
- Podem ser razoavelmente relaxadas para grandes amostras.
- Neste caso a distribuição t não é mais necessária.
- Assintoticamente a estatística tem distribuição Normal padrão.

Exemplo 3: (Magalhães e Lima, pg. 259). Deseja-se investigar se uma certa moléstia que ataca o rim altera o consumo de oxigênio desse órgão. Para indivíduos saudáveis, admite-se que esse consumo tem distribuição Normal com média $12 \text{ cm}^3/\text{min}$. Os valores medidos em cinco pacientes com a moléstia foram: 14,4; 12,9; 15,0; 13,7; e 13,5. Qual seria a conclusão, ao nível de 1% de significância?

O teste de interesse é

- H_0 : A moléstia não altera a média de consumo renal de oxigênio;
- H_1 : Indivíduos portadores da moléstia têm média alterada.

Passando as hipóteses em termos do nosso modelo

- $H_0 : \mu = 12$ contra $H_1 : \mu \neq 12$.

O R conta com uma função específica para este teste, conforme mostra o código abaixo.

```
y <- c(14.4, 12.9, 15, 13.7, 13.5)
t.test(x = y, mu = 12)

One Sample t-test

data: y
t = 5.2099, df = 4, p-value = 0.006472
alternative hypothesis: true mean is not equal to 12
95 percent confidence interval:
 12.88745 14.91255
sample estimates:
mean of x
 13.9
```

Neste caso rejeitamos H_0 em favor de H_1 . Note que a função retorna uma série de informações úteis. Temos o tipo de teste realizado, o valor da estatística t e os graus de liberdade do teste ao lado do p – valor. A função já apresenta a conclusão do teste e por reporta o intervalo de confiança para a média amostral e a média amostral.

8.3.2 Teste t (independent two sample t-test)

- Teste t duas populações independentes variâncias iguais (independent two sample t-test)
 - Hipóteses: $H_0 : \mu_1 = \mu_2$ × $H_1 : \mu_1 \neq \mu_2$.
 - Estatística de teste: $\frac{\bar{y}_1 - \bar{y}_2}{s_p \sqrt{\frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2}}} \sim t_{n_1 + n_2 - 2}$.
 - $s_p = \sqrt{\frac{(n_1 - 1)s_1^2 + (n_2 - 1)s_2^2}{n_1 + n_2 - 2}}$ se variâncias assumidas iguais e tamanhos de amostras diferentes.

Exemplo 4 Digitadores são treinados em uma empresa em duas turmas distintas. Na primeira, denominada Turma J, utiliza-se um métodos japonês de ensino, ao passo que na segunda turma, denominada Turma A, utiliza-se um método alemão. Deseja-se comparar os dois métodos e para tanto, 16 alunos de cada turma foram escolhidos aleatoriamente e uma mesma tarefa foi atribuída a cada um. Ao final do experimento, o tempo gasto na realização da tarefa, para cada aluno, foi anotado. No processo, dois computadores utilizados pelos alunos selecionados da turma J e três da turma A apresentaram problemas que impediram a realização da tarefa; o tamanho da amostra foi assim reduzido para 14 e 13 respectivamente, para as turmas J e A. Os dados são os seguintes:

```
J <- c(10, 13, 9, 10, 14, 13, 10, 15, 12, 10, 9, 10, 13, 14)
A <- c(15, 12, 18, 16, 15, 17, 17, 15, 16, 17, 11, 17, 14, NA)
dplyr::tibble(J, A)
# A tibble: 14 x 2
  J     A
```

```
<dbl> <dbl>
1      10      15
2      13      12
3       9      18
4      10      16
5      14      15
6      13      17
7      10      17
8      15      15
9      12      16
10     10      17
11      9      11
12     10      17
13     13      14
14     14      NA
```

Apesar de não conhecidas, as variâncias populacionais são assumidas iguais com base em estudos anteriores. Suponha que o interesse é testar

- $H_0 : \mu_J = \mu_A$ contra $H_1 : \mu_J \neq \mu_A$.

```
t.test(x = J, y = A, paired = FALSE, var.equal = TRUE)
```

Two Sample t-test

data: J and A

t = -4.7965, df = 25, p-value = 6.313e-05

alternative hypothesis: true difference in means is not equal to 0

95 percent confidence interval:

-5.450501 -2.175872

sample estimates:

mean of x mean of y

11.57143 15.38462

8.3.3 Teste t variância diferentes

- Teste t duas populações independentes variâncias diferentes (independent two sample t-test)
 - Hipóteses: $H_0 : \mu_1 = \mu_2$ × $H_1 : \mu_1 \neq \mu_2$.
 - Estatística de teste: $\frac{\bar{y}_1 - \bar{y}_2}{s_\delta} \sim t_{df}$.
 - $s_\delta = \sqrt{\frac{s_1^2}{n_1} + \frac{s_2^2}{n_2}}$ se variâncias diferentes e tamanhos de amostras diferentes.
 - Graus de liberdade $df = \frac{\left(\frac{s_1^2}{n_1} + \frac{s_2^2}{n_2}\right)}{\frac{(s_1^2/n_1)^2}{n_1-1} + \frac{(s_2^2/n_2)^2}{n_2-1}}$.

Exemplo 5 Considere o exemplo dos digitadores, porém agora sem assumir que as variâncias populacionais são iguais. O teste t neste caso pode ser realizado da seguinte forma:

```
t.test(x = J, y = A, paired = FALSE, var.equal = FALSE)
```

Welch Two Sample t-test

data: J and A

t = -4.7967, df = 24.856, p-value = 6.399e-05

alternative hypothesis: true difference in means is not equal to 0

95 percent confidence interval:

-5.450930 -2.175444

sample estimates:

```
mean of x mean of y
11.57143 15.38462
```

8.3.4 Teste t pareado

- Teste t duas populações dependentes (paired two sample t-test)
 - Hipóteses: $H_0 : \mu_D = 0$ \times $H_1 : \mu_D \neq 0$.
 - Estatística de teste: $\frac{\bar{y}_D - 0}{\hat{\sigma}_D / \sqrt{n}} \sim t_{n-1}$.
 - Neste caso, μ_D e $\hat{\sigma}_D$ são a média e o desvio-padrão da diferença entre y_1 e y_2 .

Exemplo 6 Uma distribuidora de combustíveis deseja verificar se um novo tipo de gasolina é eficaz na revitalização de motores velhos. Com esse objetivo, seleciona 12 automóveis de um mesmo modelo com mais de 8 anos de uso e, após regulagem de seus motores, verifica o consumo de combustível. Em seguida, o carro é abastecido com o novo tipo de combustível durante 15 semanas, e uma nova aferição do consumo é feita. Defina as variáveis aleatórias X_i e Y_i como o rendimento do automóvel i respectivamente antes e após as 15 semanas. Vemos que X_i e Y_i foram medidas em uma mesma unidade amostral e, assim, é razoável assumir que exista alguma dependência entre elas. Os valores observados, em km/l , junto com as diferenças $D_i = Y_i - X_i$, para os 12 automóveis são apresentados na tabela a seguir.

```
Apos <- c(11.6, 8.8, 9.9, 9.5, 11.6, 9.1, 10.6, 10.8, 13.4, 10.6, 10.5, 11.4)
Antes <- c(8.1, 7.9, 6.8, 7.8, 7.6, 7.9, 5.7, 8.4, 8, 9.5, 8, 6.8)
D <- Apos - Antes
dplyr::tibble(Apos, Antes, D)
# A tibble: 12 x 3
  Apos Antes    D
  <dbl> <dbl> <dbl>
1  11.6   8.1   3.5
2   8.8   7.9   0.9
3   9.9   6.8   3.1
4   9.5   7.8   1.7
5  11.6   7.6   4
6   9.1   7.9   1.2
7  10.6   5.7   4.9
8  10.8   8.4   2.4
9  13.4    8   5.4
10  10.6   9.5   1.1
11  10.5    8   2.5
12  11.4   6.8   4.6
```

Queremos testar as hipóteses - $H_0 : \mu_D = 0$ (a intervenção não produz efeito) - $H_1 : \mu_D \neq 0$ (a intervenção produz algum efeito)

```
t.test(x = Apos, y = Antes, paired = TRUE)

Paired t-test

data: Apos and Antes
t = 6.5396, df = 11, p-value = 4.195e-05
alternative hypothesis: true mean difference is not equal to 0
95 percent confidence interval:
 1.951609 3.931724
sample estimates:
mean difference
 2.941667
```

8.3.5 Teste F

- Teste F para igualdade de variâncias.
 - Hipóteses: $H_0 : \sigma_1^2 = \sigma_2^2$ \times $H_1 : \sigma_1^2 \neq \sigma_2^2$.
 - Estatística de teste: $F = \frac{s_1^2}{s_2^2} \sim F_{(n_1-1)(n_2-1)}$.
 - Suposições $Y_1 \sim N(\mu_1, \sigma_1^2)$ e $Y_2 \sim N(\mu_2, \sigma_2^2)$.
 - Em geral, este teste é conhecido por ser sensível a suposição de normalidade.
- Se normalidade é duvidosa, use o teste para variâncias diferentes.
- Poder e tamanho do teste podem ser altamente sensíveis a suposições.
- Para grandes amostras o TCL fornece uma opção robusta a não-normalidade.
- **Regra do dedão** Amostra maior que 30 TCL funciona bem!
- Mas cuidado!! depende da situação!!

Exemplo 7 Sabe-se que em uma região do país a altura média é de 1,68m, com variância de 0,30m². Um pesquisador acredita que a alimentação rotineira em uma cidade litorânea, sendo diferente da região como um todo, contribui para que as pessoas apresentem alturas mais homogêneas, apesar de não alterar a altura média da população da cidade. Para verificar sua suspeita, ele coletou um amostra de 31 pessoas e obteve a seguinte amostra:

```
y <- c(1.77, 1.72, 2.39, 1.95, 1.69, 1.84, 1.86, 1.57, 1.38, 1.47, 1.94,
       1.15, 1.93, 2.18, 1.37, 1.56, 1.28, 1.81, 1.66, 1.99, 2.07, 1.67,
       1.40, 1.03, 1.58, 1.99, 1.48, 1.73, 1.44, 1.35, 1.54)
```

Além disso, coletou um conjunto de 20 observações da população geral.

```
set.seed(123)
x <- rnorm(20, mean = 1.68, sd = 0.30)
```

Realize um teste de hipótese para verificar - $H_0 : \sigma^2 = 0,30$ contra $H_1 : \sigma^2 < 0,30$.

```
var.test(y, x, alternative = "less")

F test to compare two variances

data: y and x
F = 1.1044, num df = 30, denom df = 19, p-value = 0.5811
alternative hypothesis: true ratio of variances is less than 1
95 percent confidence interval:
 0.000000 2.148239
sample estimates:
ratio of variances
      1.10436
```

Exercícios

1. Uma empresa de pesquisa de mercado usou uma amostra de indivíduos para avaliar o potencial de compra de determinado produto antes e depois de as pessoas virem um novo comercial de televisão a respeito do produto. As avaliações do potencial de compra basearam-se em uma escala de 0 a 10, e os valores mais altos indicavam maior potencial de compra. A hipótese nula declarava que a avaliação média depois seria igual a avaliação média antes. A rejeição dessa hipótese demonstraria que o comercial melhorou a avaliação do potencial médio de compra. Use $\alpha = 0,05$ e os dados apresentados abaixo para testar a hipótese e comentar o valor do comercial.

```
# A tibble: 8 x 3
  ind Depois Antes
<int> <dbl> <dbl>
1     1     6     5
```

2	2	6	4
3	3	7	7
4	4	4	3
5	5	3	5
6	6	9	8
7	7	7	5
8	8	6	6

2. Os preços por galção (3,78 litros) de gasolina para carros de aluguel foram amostrados em oito grandes aeroportos. Os dados relativos às empresas de carros de aluguel Hertz e National são apresentados a seguir

A tibble: 8 x 3

	Aero	Hertz	National
	<chr>	<dbl>	<dbl>
1	"Boston"	1.55	1.56
2	"Chicago"	1.62	1.59
3	" Los Angeles"	1.72	1.78
4	"Miami"	1.65	1.49
5	"Nova York (JFK)"	1.72	1.51
6	"Nova York (La Guardia)"	1.67	1.5
7	"Orange County"	1.68	1.77
8	"Washington"	1.52	1.41

Use $\alpha = 0,05$ para testar a hipótese de que não há diferença entre os preços médios populacionais por galão em relação às duas empresas.

3. Na Western University, a média histórica das pontuações nos exames para obtenção de bolsas de estudo correspondente às inscrições feitas por calouros é 900. Presume-se que o desvio padrão histórico da população é $\sigma = 180$ seja conhecido. Anualmente, o vice-reitor usa uma amostra das inscrições para determinar se a média da pontuação nos exames dos calouros se modificou.
- Estabeleça as hipóteses.
 - Qual é a estimativa pontual e o intervalo de confiança de 95% da média populacional nos exames se a seguinte amostra de tamanho 50 for observada.

A tibble: 10 x 1

	matrix(x, 10, 5)`[,1]	matrix(x, 10, 5)`[,2]	matrix(x, 10, 5)`[,3]	matrix(x, 10, 5)`[,4]	matrix(x, 10, 5)`[,5]
	<dbl>	<dbl>	<dbl>	<dbl>	<dbl>
1	799.	1120.	708.	977.	775.
2	859.	965.	861.	847.	863.
3	1181.	972.	715.	1061.	672.
4	913.	920.	769.	1058.	1290.
5	923.	800.	787.	1048.	1117.
6	1209.	1222.	596.	1024.	698.
7	983.	990.	1051.	1000.	827.
8	672.	546.	928.	889.	816.
9	776.	1026.	695.	845.	1040.
10	820.	815.	1126.	832.	885.

- Realize um teste de hipótese para verificar a suspeita do vice-reitor. Use $\alpha = 0,05$. Qual é a sua conclusão?
4. Mensalmente o governo federal publica uma série de estatísticas sobre o número de pessoas que estão desempregadas e a média de tempo em que estão desempregadas. Em relação a novembro de 1998, o governo divulgou que a duração média nacional de desemprego era 14,6 semanas. O prefeito de Curitiba solicitou um estudo sobre a situação de desemprego na cidade. Uma amostra de 50 habitantes desempregados em Curitiba incluiu dados sobre a idade e o número de semanas em que estavam desempregados. O conjunto de dados é

apresentado abaixo:

	Idade.1.10.	Semanas.1.10.	Idade.11.20.	Semanas.11.20.	Idade.21.30.
1	36	9	32	7	30
2	34	7	47	8	38
3	34	7	27	8	34
4	43	11	36	9	30
5	33	12	37	12	36
6	43	6	35	9	34
7	25	13	40	7	35
8	28	10	47	8	37
9	36	9	32	4	32
10	37	4	29	6	30
	Semanas.21.30.	Idade.31.40.	Semanas.31.40.	Idade.41.50.	Semanas.41.50.
1	7	36	10	32	10
2	6	41	7	44	5
3	11	37	14	33	7
4	5	33	14	28	8
5	10	41	10	45	11
6	8	40	6	35	12
7	9	38	6	41	11
8	5	36	9	31	9
9	9	31	6	34	13
10	6	42	8	30	8

- Use estatísticas descritivas para resumir os dados.
- Desenvolva uma estimação por intervalo de confiança de 95% da média de idade e semanas desempregadas em Curitiba.
- Realize um teste de hipótese para determinar se a duração média do desemprego em Curitiba é maior que a duração média nacional de 14,6 semanas. Use um nível de confiança de 0,01. Qual a sua conclusão.
- Há uma relação entre a idade do indivíduo desempregado e o número de semanas de desemprego? Explique.

Apêndice A

Documentos dinâmicos

A ideia geral de um documento dinâmico é a de que ele pode ser gerado a partir de um **código-fonte**:

- Da mesma forma que um *software* possui seu código-fonte, um documento dinâmico é o código-fonte de um relatório.
- É uma combinação de código de computador e as correspondentes narrativas descrevendo o resultado que o código está gerando (números, tabelas, figuras, ...).
- Quando **compilamos** o documento dinâmico, o código de computador é executado, e as saídas são apresentadas. Portanto obtemos um documento final que mistura **código** e **texto**.

Como gerenciamos apenas o código-fonte do documento, ficamos livres de etapas manuais como ter que refazer um gráfico ou uma tabela após qualquer alteração na análise.

A.1 Literate Programming

Instead of imagining that our main task is to instruct a computer what to do, let us concentrate rather on explaining to humans what we want the computer to do.

Donald Knuth

O ideia básica por trás de documentos dinâmicos decorre diretamente do conceito de *literate programming* (“programação letrada”), um paradigma concebido por [Donald Knuth](#) em 1984.

O objetivo da *literate programming* é criar um documento que “entrelaça” (mistura) texto e código. O texto é legível para humanos e o código é legível para máquinas. A análise é descrita em uma série de texto e blocos de código (*code chunks*). Cada bloco de código irá executar uma etapa da análise, e estará diretamente associado ao texto explicativo acima ou abaixo do bloco.

O processo de *literate programming* ocorre em duas vias, chamadas de **weaving** e **tangling**. O importante é que, **com um único código-fonte** podemos:

- Produzir documentos para humanos (HTML, PDF, ...) \Rightarrow *weave*
- Produzir “documentos” (*scripts*) para máquinas (código) \Rightarrow *tangle*

Para podermos usar um sistema como esse, é necessário então uma linguagem de documentação para humanos (e.g. LaTeX ou Markdown), e uma linguagem de programação que será compilada com o documento (e.g. R ou Python).

Knuth criou inicialmente um sistema chamado **WEB** para fazer essa mistura dos seus textos em TeX com a linguagem Pascal. Atualmente muitos outros sistemas existem para misturar códigos com texto em várias linguagens de documentação e de programação.

A.2 Literate Programming no R

Com a ascensão do R no início dos anos 2000, [Friedrich Leisch](#) criou o [Sweave](#) em 2002

- S + weave
- Permite “entrelaçar” textos do LaTeX com códigos do R
- Ainda é muito utilizado e já é distribuído como uma função do R dentro do pacote `utils`

No final de 2011, [Yihui Xie](#) criou o pacote [knitr](#) como uma extensão do Sweave, e com a proposta de ser mais flexível, fácil e **preparado para a Web**. Segundo o próprio autor, o knitr é resultado dessa equação:

```
knitr = Sweave + cacheSweave + pgfSweave + weaver +
  animation::saveLatex + R2HTML::RweaveHTML +
  highlight::HighlightWeaveLatex + 0.2 * brew +
  0.1 * SweaveListingUtils + more
```

Resumidamente, o knitr possui as seguintes vantagens sob o Sweave:

- knitr + R
- Uma re-implementação mais moderna do Sweave
- Permite “entrelaçar” textos do LaTeX, HTML e **Markdown** com códigos do R
- Também permite misturar texto com códigos de **outras linguagens**: Python, awk, C++, shell.
- Adiciona muitas facilidades como
 - Cache
 - Decoração e formatação automática de códigos
 - Geração de gráficos mais direta

Podemos fazer uma comparação entre arquivos LaTeX escritos em Sweave e knitr. Exemplos simples podem ser vistos nos arquivos [Exemplo0-Sweave.Rnw](#) escrito com Sweave e [Exemplo0-knitr.Rnw](#) escrito com a sintaxe do knitr. Para compilar estes documentos, usamos

```
Sweave("Exemplo0-Sweave.Rnw")
library(knitr)
knit("Exemplo0-knitr.Rnw")
```

Posteriormente, os arquivos `.tex` gerados podem ser compilados com qualquer distribuição LaTeX, (e.g TeXLive, MikTeX), por exemplo

```
pdflatex Exemplo0-Sweave.Rnw
pdflatex Exemplo0-knitr.Rnw
```

Os resultados podem ser vistos nos respectivos arquivos: [Exemplo0-Sweave.pdf](#) e [Exemplo0-knitr.pdf](#)

A.3 Markdown

Segundo o próprio criador da linguagem:

Markdown is a text-to-HTML conversion tool for web writers. Markdown allows you to write using an easy-to-read, easy-to-write plain text format, then convert it to structurally valid XHTML (or HTML).

John Gruber

- [Markdown](#) é uma [linguagem de marcação](#) simples para escrever textos
- O texto pode ser lido sem nenhum processamento, ou seja, da maneira como está escrito
- Outras linguagens de marcação como HTML e LaTeX requerem um grande número de *tags* para formatar o texto, muitas vezes dificultando a leitura do código-fonte
- A proposta do Markdown é que o escritor se concentre no texto e não na formatação
- Pode ser convertido para **vários outros formatos** além de HTML

A.3.1 Sintaxe do Markdown

A sintaxe do Markdown é muito simples, e pode ser resumida da seguinte forma:

Cabeçalhos

```
# Título
## Sub-título
### Sub-sub-título
```

Itálico

Este texto aparecerá em itálico.

Este texto aparecerá em itálico.

Negrito

****Este texto aparecerá em negrito.****

Este texto aparecerá em negrito.

Listas não-ordenadas

- Primeiro item
- Segundo item
- Terceiro item
- Primeiro item
- Segundo item
- Terceiro item

Listas ordenadas

1. Primeiro item
2. Segundo item
3. Terceiro item
1. Primeiro item
2. Segundo item
3. Terceiro item

Sub-listas

Utilize 4 espaços para criar uma sub-lista:

1. Primeiro item
 - Um sub-item
 - Outro sub-item
2. Segundo item
3. Terceiro item
1. Primeiro item
 - Um sub-item
 - Outro sub-item
2. Segundo item
3. Terceiro item

Links

Links para endereços Web podem ser inseridos com `[texto](link)`:

O criador do conceito de "literate programming" foi
`[Donald Knuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Donald_Knuth)`.

O criador do conceito de "literate programming" foi [Donald Knuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Donald_Knuth).

Devemos instalar o pacote `[knitr](http://yihui.name/knitr)` para poder
usar o R Markdown.

Devemos instalar o pacote [knitr](http://yihui.name/knitr) para poder usar o R Markdown.

Imagens

Para inserir uma imagem, a sintaxe é a mesma de inserir um link, mas com uma exclamação (!) na frente: `![texto](imagem)`.

O link para a imagem pode ser um endereço Web:

`![Logo do R](img/Rlogo-5.png)`



Figura A.1: Logo do R

Ou um endereço local:

`![Logo do Markdown](img/markdown.png)`



Figura A.2: Logo do Markdown

Parágrafo

Para criar parágrafos basta pular uma linha:

O criador do conceito de "literate programming" foi
`[Donald Knuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Donald_Knuth)`.

Devemos instalar o pacote `[knitr](http://yihui.name/knitr)` para poder
usar o R Markdown.

O criador do conceito de "literate programming" foi [Donald Knuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Donald_Knuth).

Devemos instalar o pacote [knitr](http://yihui.name/knitr) para poder usar o R Markdown.

Códigos

Para apresentar códigos na própria linha, colocamos o texto entre duas crases (`):

Para gerar números aleatórios de uma distribuição normal no R, use a
função ``rnorm()``.

Para gerar números aleatórios de uma distribuição normal no R, use a função `rnorm()`.

Para apresentar blocos de código, coloque o texto entre três crases seguidas (```) no início e no final. O bloco

```

...
x <- rnorm(n = 10, mean = 100, sd = 5)
hist(x, main = "")
...

```

Irá gerar

```

x <- rnorm(n = 10, mean = 100, sd = 5)
hist(x, main = "")

```

Note que esse código não será interpretado, ele apenas será mostrado no texto. Esse será o papel do R aqui mais adiante!

Tabelas

Tabelas podem ser escritas da seguinte forma:

```

Caracter | Permissão
-----|-----
`r`      | Permissão de leitura (*read*)
`w`      | Permissão de escrita (*write*)
`x`      | Permissão de execução (*execute*)
`-`      | Permissão desabilitada

```

Para gerar o seguinte resultado:

Caracter	Permissão
r	Permissão de leitura (<i>read</i>)
w	Permissão de escrita (<i>write</i>)
x	Permissão de execução (<i>execute</i>)
-	Permissão desabilitada

Equações matemáticas

Equações matemáticas podem ser escritas em formato LaTeX. A página HTML resultante irá renderizar as equações através do [MathJax](#).

Equações na própria linha podem ser inseridas entre \$:

Um modelo de regressão linear simples: $Y = \beta_0 + \beta_1 x + \epsilon$.

Um modelo de regressão linear simples: $Y = \beta_0 + \beta_1 x + \epsilon$.

Equações podem ser exibidas entre \$\$ para ficarem centralizadas em uma linha própria:

```

$$
f(x; \mu, \sigma^2) = \frac{1}{\sigma \sqrt{2\pi}} e^{-\frac{1}{2} \left( \frac{x - \mu}{\sigma} \right)^2}
e^{\left\{ -\frac{1}{2} \left( \frac{x - \mu}{\sigma} \right)^2 \right\}}
$$

```

$$f(x; \mu, \sigma^2) = \frac{1}{\sigma \sqrt{2\pi}} e^{-\frac{1}{2} \left(\frac{x - \mu}{\sigma} \right)^2}$$

A.3.2 Escrevendo um documento em Markdown

Um documento Markdown possui a extensão .md (embora não seja a única possível).

Veja o arquivo de exemplo [Exemplo1.md](#):

Um documento em Markdown

Sobre o Markdown

O Markdown é uma linguagem de marcação muito simples, desenvolvida por John Gruber.

A ideia básica por trás da linguagem é fazer com que o escritor se preocupe mais com o **conteúdo** do texto do que com a **formatação**.

Mais um título

Aqui vamos tentar descrever uma análise.

Simulando variáveis aleatórias

No R podemos simular valores de uma distribuição normal padrão através da função `rnorm()`.

Seja $X \sim \text{text}\{N\}(0,1)$, então para gerar 30 valores dessa variável aleatório normal, fazemos

```
...
(x <- rnorm(30))
...
```

Com o resultado dessa simulação, podemos calcular a média e a variância dessa VA X para conferir se o resultado fica próximo de 0 e 1, respectivamente.

Também podemos fazer um histograma dessa VA X simulada

```
...
hist(x)
...
```

Para converter um documento Markdown em HTML (ou outro formato) é necessário um **conversor**. O conversor padrão do Markdown é escrito em Perl, e pode ser integrado em diversas ferramentas, mas não é apropriado para usuários comuns. Para testar a conversão do documento, copie e cole na página do [Dingus](#).

A.4 Pandoc

O [Pandoc](#) é um conversor extremamente versátil, capaz de converter diversos formatos, incluindo Markdown para HTML.

Se o Pandoc estiver instalado no seu sistema (Unix) é possível converter o documento na linha de comando (shell) com

```
pandoc -f markdown -t html Exemplo1.md -o Exemplo1.html
```

O pacote `knitr` possui a função `pandoc()` que é um *wrapper* para executar o programa pandoc no sistema.

```
pandoc(input = "exemplos/Exemplo1.md", format = "html")
```

Em ambos os casos, o resultado pode ser visualizado ao abrir o arquivo [Exemplo1.html](#) no navegador.

A.5 Documentos dinâmicos com Markdown e R

No exemplo anterior, escrevemos um documento em Markdown (.md) e inserimos códigos do R, que são apenas apresentados no documento final. Desse forma temos um documento **estático**, pois os códigos não são interpretados. Para fazermos esse documento ser **dinâmico**, vamos usar o pacote **knitr** a nosso favor, fazedo com que ele interprete e retorne resultados dos códigos que inserimos. Vamos denominar genericamente essa combinação de texto em Markdown e códigos do R de “R Markdown”.

Arquivos escritos em R Markdown não podem ser compilados usando ferramentas padrão de conversão de Markdown. O código R deve ser avaliado antes da conversão usando o Pandoc, por exemplo. R Markdown pode ser convertido para Markdown através do knitr. Os resultados de códigos do R são inseridos entre o texto em Markdown, que pode então ser convertido para HTML (ou outros formatos) usando o Pandoc.

O uso do R Markdown para criar documentos dinâmicos tem se tornado uma ferramenta chave atualmente em *literate statistical programming*, e substituiu largamente ferramentas anteriores como o Sweave.

Os detalhes e opções do pacote knitr serão descritas mais adiante. Por enquanto, o que precisamos fazer para tornar esse documento dinâmico é alterar a extensão do arquivo de .md para .Rmd, e alterar a forma dos blocos de código. Os blocos de códigos (ou *chunks*) agora devem conter uma marcação especial para indicar que devem ser interpretados pelo R, através do knitr. Para isso, colocamos {r} no início de cada bloco, que agora ficam

```
```{r}
x <- rnorm(30)
```
```

Usando o mesmo exemplo anterior, vamos renomear o arquivo Exemplo1.md para Exemplo1-knitr.Rmd e incluir a marcação {r} nos blocos de código.

Também é possível colocar códigos do R para serem renderizados na própria linha de texto com `r`. Por exemplo, `r 2+2` gera o resultado 4 no documento.

Veja o arquivo [Exemplo1-knitr.Rmd](#).

```
# Um documento em Markdown
```

```
## Sobre o Markdown
```

```
O Markdown é uma linguagem de marcação muito simples, desenvolvida por
John Gruber.
```

```
A ideia básica por trás da linguagem é fazer com que o escritor se
preocupe mais com o conteúdo do texto do que com a formatação.
```

```
## Mais um título
```

```
Aqui vamos tentar descrever uma análise.
```

```
## Simulando variáveis aleatórias
```

```
No R podemos simular valores de uma distribuição normal padrão através
da função `rnorm()`.
```

```
Seja  $X \sim \text{text}\{N\}(0,1)$ , então para gerar 30 valores dessa variável
aleatório normal, fazemos
```

```
```{r}
```

```
(x <- rnorm(30))
```

```

```
## Comentários
```

Com o resultado dessa simulação, podemos calcular a média e a variância dessa VA XX para conferir se o resultado fica próximo de 0 e 1, respectivamente.

```
## Visualização
```

Também podemos fazer um histograma dessa VA XX simulada

```
```{r}
hist(x)
```

```

A média de XX é ``r round(mean(x), 3)``.

Agora usamos o knitr, através da função `knit()` para compilar o documento `.Rmd` em um documento com sintaxe Markdown `.md`

```
knit("exemplos/Exemplo1-knitr.Rmd", output = "exemplos/Exemplo1-knitr.md")
```

```
processing file: exemplos/Exemplo1-knitr.Rmd
```

```
|
| ordinary text without R code
```

```
|
| label: unnamed-chunk-453
```

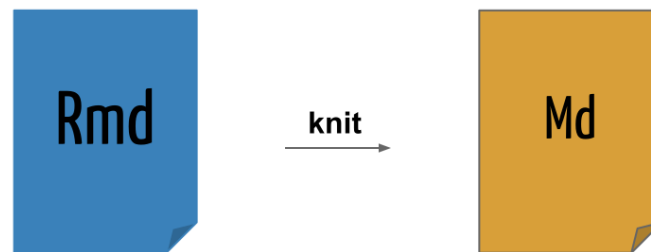
```
|
| ordinary text without R code
```

```
|
| label: unnamed-chunk-454
```

```
|
| inline R code fragments
```

```
output file: exemplos/Exemplo1-knitr.md
```

```
[1] "exemplos/Exemplo1-knitr.md"
```



O resultado da compilação pode ser vista no arquivo [Exemplo1-knitr.md](#).

```
# Um documento em Markdown
```

```
## Sobre o Markdown
```

O Markdown é uma linguagem de marcação muito simples, desenvolvida por John Gruber.

A ideia básica por trás da linguagem é fazer com que o escritor se preocupe mais com o **conteúdo** do texto do que com a **formatação**.

```
## Mais um título
```

Aqui vamos tentar descrever uma análise.

```
## Simulando variáveis aleatórias
```

No R podemos simular valores de uma distribuição normal padrão através da função `rnorm()`.

Seja $X \sim \text{text{N}}(0,1)$, então para gerar 30 valores dessa variável aleatório normal, fazemos

```
```r
(x <- rnorm(30))
[1] -0.50219235 0.13153117 -0.07891709 0.88678481 0.11697127 0.31863009
[7] -0.58179068 0.71453271 -0.82525943 -0.35986213 0.08988614 0.09627446
[13] -0.20163395 0.73984050 0.12337950 -0.02931671 -0.38885425 0.51085626
[19] -0.91381419 2.31029682 -0.43808998 0.76406062 0.26196129 0.77340460
[25] -0.81437912 -0.43845057 -0.72022155 0.23094453 -1.15772946 0.24707599
```
```

```
## Comentários
```

Com o resultado dessa simulação, podemos calcular a média e a variância dessa VA XX para conferir se o resultado fica próximo de 0 e 1, respectivamente.

Visualização

Também podemos fazer um histograma dessa VA XX simulada

```
```r
hist(x)
```
```

```
\begin{center}\includegraphics{figures/unnamed-chunk-454-1} \end{center}
```

A média de XX é 0.029.

Agora temos um documento em Markdown com os códigos do R avaliados. Mas ainda precisamos processar esse arquivo para gerar o arquivo .html através do Pandoc

```
pandoc(input = "exemplos/Exemplo1-knitr.md", format = "html")
Executing: pandoc -t html -o 'exemplos/Exemplo1-knitr.html' 'exemplos/Exemplo1-knitr.md'
[1] "exemplos/Exemplo1-knitr.html"
```

que gera o arquivo [Exemplo1-knitr.html](#) que pode ser visualizado no navegador.

A.6 R Markdown e knitr

O pacote knitr, como já mencionado, é uma combinação de várias ideias desenvolvidas separadamente em pacotes do R para *literate programming*, especialmente o Sweave. Este pacote suporta LaTeX, Markdown e HTML como **linguagem de documentação**, e algumas linguagens de programação, além do R, como por exemplo shell e Python. O resultado destes documentos pode ser exportado para PDF, HTML, ou até mesmo arquivos do MS Word. Daqui em diante, o nosso foco será no uso do knitr com Markdown e R, pela simplicidade e versatilidade dessa linguagem, gerando documentos dinâmicos em HTML. No entanto, a maioria das opções e o funcionamento geral do pacote é similar para LaTeX (e compilação para PDF) e HTML.

Na seção anterior, nós criamos um arquivo com a extensão .Rmd, que é apropriada para documentos escritos em Markdown com R. Nós também usamos as funções knitr() para converter o documento para Markdown, e posteriormente a função pandoc() para gerar o HTML resultante. Esse é o processo básico para gerar documentos dinâmicos no R. No entanto, podemos estender esse processo para incorporar mais controle tanto sob os códigos que são gerados, quanto na apresentação do documento final.

Para facilitar a criação de documentos dinâmicos no R, a equipe do RStudio desenvolveu o pacote [rmarkdown](#), que é baseado no knitr e Pandoc, e contém opções padrão para gerar documentos em vários formatos de maneira mais aprimorada.

A principal função para gerar documentos em R Markdown do pacote rmarkdown é a render(). A função render() é uma *wrapper* que internamente chama a knitr::knit() e posteriormente converte o documento para .html usando o Pandoc. A diferença é que, além de ser um processo mais direto, a saída em formato HTML utiliza temas mais amigáveis, como o Twitter Bootstrap, que possibilita grandes opções de configuração mais avançada.

Para usar esse função você precisa:

1. Instalar o pacote rmarkdown com install.packages("rmarkdown")

2. Instalar o Pandoc no seu sistema

No RStudio, esse pacote já vem instalado, assim como uma versão embutida do Pandoc.

Usando o exemplo anterior, vamos compilar o arquivo [Exemplo2-knitr.Rmd](#). O primeiro argumento da função é o nome (e local) do arquivo, e o segundo argumento é o formato de saída, que por padrão é HTML.

```
library(rmarkdown)
render("exemplos/Exemplo2-knitr.Rmd", output_format = "html_document")
```

```
processing file: Exemplo2-knitr.Rmd
```

```
|
| ordinary text without R code
```

```
|
| label: unnamed-chunk-1-2
```

```
|
| ordinary text without R code
```

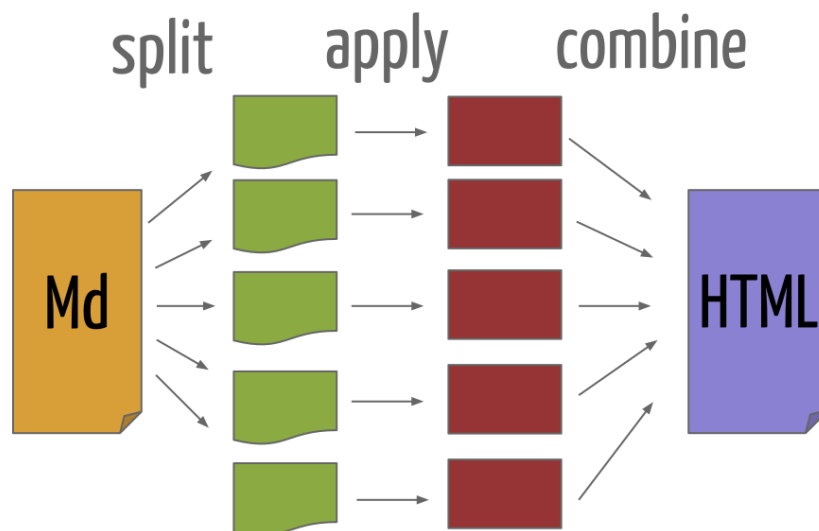
```
|
| label: unnamed-chunk-3-4
```

```
|
| inline R code fragments
```

```
output file: Exemplo2-knitr.knit.md
```

```
/usr/bin/pandoc +RTS -K512m -RTS Exemplo2-knitr.knit.md --to html4 --from markdown+autolink_bare_uris+
```

```
Output created: Exemplo2-knitr.html
```



E o resultado pode ser visto no arquivo [Exemplo2-knitr.html](#).

No RStudio, esse processo todo pode ser feito pelo botão Knit.

A.6.1 Metadados

Uma opção interessante ao utilizar o Pandoc é incluir metadados no formato [YAML](#) (*Yet Another Markup Language*). Os metadados em YAML são escritos em formato de lista aninhada, e o Pandoc usa essas informações para incluir, por exemplo, título, autor, e data em um documento.

A opção mais importante para o `rmarkdown` é o campo `output`, que permite especificar o formato desejado de saída, o mesmo especificado no argumento `output_format` = da função `render()`.

Os metadados em YAML são colocados sempre no **início** de um documento, e são delimitados por `---`. Um exemplo típico seria:

```
---
title: "Meu primeiro documento em R Markdown"
author: "Fernando Mayer"
date: "Abril, 2018"
output: html_document
---
```

Com isso, não é mais necessário especificar o argumento `output_format` = na chamada da função `render()`.

Veja o arquivo [Exemplo1-yaml.Rmd](#). Para renderizar esse arquivo, usamos:

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml.Rmd")

processing file: Exemplo1-yaml.Rmd
|
| ordinary text without R code
|
| .....
label: unnamed-chunk-1-2
| .....
| ordinary text without R code
|
| .....
label: unnamed-chunk-3-4
| .....
| inline R code fragments
output file: Exemplo1-yaml.knit.md
/usr/bin/pandoc +RTS -K512m -RTS Exemplo1-yaml.knit.md --to html4 --from markdown+autolink_bare_uris+tex_math_dollars
Output created: Exemplo1-yaml.html
```

O resultado final pode ser visto no arquivo [Exemplo1-yaml.html](#).

A.6.2 Convertendo R Markdown para outros formatos

Por padrão, a função `render()` gera um arquivo `.html`, mas existem outros formatos finais possíveis graças ao **Pandoc**.

O pacote `rmarkdown` possui uma série de formatos de saída, que possuem os sufixos `_document` para documentos, e `_presentation` para apresentações (slides). Alguns deles:

- Documentos:
 - `html_document`
 - `pdf_document`
 - `word_document`
- Apresentações:
 - `ioslides_presentation`

- `slidy_presentation`
- `beamer_presentation`

Podemos converter um documento em R Markdown para PDF com

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml.Rmd", output_format = "pdf_document")
```

O resultado é o arquivo **Exemplo1-yaml.pdf**. A função `render()` usa o Pandoc para converter Markdown para LaTeX, e depois para PDF.

Um documento do Word pode ser gerado com

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml.Rmd", output_format = "word_document")
```

Para gerar **Exemplo1-yaml.docx**.

Apresentações em slides HTML podem ser geradas em diversos formatos, um deles é o `ioslides`

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml.Rmd",  
      output_format = "ioslides_presentation",  
      output_file = "Exemplo1-yaml-ioslides.html")
```

Veja o resultado em **Exemplo1-knitr-ioslides.html**.

Apresentações em Beamer também podem ser geradas com

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml.Rmd",  
      output_format = "beamer_presentation",  
      output_file = "Exemplo1-yaml-beamer.pdf")
```

Com resultado no arquivo **Exemplo1-yaml-beamer.pdf**.

A.6.3 Opções do knitr

O pacote knitr possui diversas opções para controlar a saída dos resultados de códigos do R. Estas opções funcionam igualmente em blocos de código inseridos entre texto escrito em Markdown ou LaTeX.

Para controlar a saída de código de um único *chunk*, coloque as opções individualmente

Para controlar globalmente **todos** os *chunks* de um documento, use a função `knitr::opts_chunk$set()`:

As opções mais importantes são:

- `eval = FALSE` para não avaliar o código, apenas mostrar
- `echo = FALSE` para não mostrar o código, apenas as saídas
- `results = "hide"` para não mostrar as saídas
- `warning = FALSE` e `message = FALSE` para suprimir as mensagens de aviso
- `fig.width = 5` and `fig.height = 5` para alterar o tamanho dos gráficos gerados pelo R (em polegadas)
- `out.width = "80%"` para dimensionar a largura dos gráficos
- `cache = TRUE` para armazenar os resultados, e evitar com que eles sejam executados todas as vezes que o documento é compilado

Tabelas podem ser também geradas automaticamente a partir de resultados de funções do R. Para gerar uma tabela a partir de um objeto do R, podemos usar a função `knitr::kable()`. Para isso, também é necessário utilizar a opção `results = "asis"` no *chunk*, para que o resultado seja tratado como texto literal em Markdown.

| Sepal.Length | Sepal.Width | Petal.Length | Petal.Width | Species |
|--------------|-------------|--------------|-------------|---------|
| 5.1 | 3.5 | 1.4 | 0.2 | setosa |
| 4.9 | 3.0 | 1.4 | 0.2 | setosa |
| 4.7 | 3.2 | 1.3 | 0.2 | setosa |
| 4.6 | 3.1 | 1.5 | 0.2 | setosa |
| 5.0 | 3.6 | 1.4 | 0.2 | setosa |
| 5.4 | 3.9 | 1.7 | 0.4 | setosa |

A lista completa de opções está em <http://yihui.name/knitr/options>.

Utilizando a opção `output`: um cabeçalho YAML, podemos informar mais de um formato para ser **gerado ao mesmo tempo** pelo `rmarkdown`. Por exemplo, para gerar documentos de saída em HTML e PDF, podemos especificar

```
---
title: "Meu primeiro documento em R Markdown"
author: "Fernando Mayer"
date: "Abril, 2018"
output:
  html_document: default
  pdf_document: default
---
```

E compilar todos eles ao mesmo tempo com

```
render("exemplos/Exemplo1-yaml2.Rmd", output_format = "all")
```

Veja [Exemplo1-yaml2.html](#), e [Exemplo1-yaml2.pdf](#).

Existem ainda alguns outros formatos disponíveis pelo pacote **rmarkdown**, que podem ser consultados [aqui](#). Para cada formato, ainda existem diversas opções que podem ser modificadas através do YAML. Estas opções podem ser conferidas nos links específicos de cada formato na página citada anteriormente.

A.6.4 Citações

Também é possível escrever documentos que com referências bibliográficas. Isso é possível pois o Pandoc suporta arquivos **BibTeX** (.bib), que é o formato padrão de armazenamento e gerenciamento de referências no LaTeX.

Para isso, basta então especificar o arquivo .bib no YAML com a *tag*:

```
bibliography: referencias.bib
```

As citações são então feitas com `@<identificador>`. Veja o arquivo [Exemplo3-knitr.Rmd](#).

```
render("exemplos/Exemplo3-knitr.Rmd", output_format = "all")
```

Dessa forma serão gerados 3 formatos diferentes: HTML, PDF e MS Word. Note que o tema usado para o HTML (journal) é uma possibilidade entre algumas disponíveis em <https://bootswatch.com/>.

A.6.5 Extraíndo código-fonte

Uma característica importante do **knitr** é a habilidade de extrair somente o código R de um documento dinâmico (*tangle*). Muitas vezes você só precisa do código e não do texto (e.g. para enviar para um colaborador).

Para fazer isso, use a função `purl()`:

```
purl("exemplos/Exemplo3-knitr.Rmd")
```

```
processing file: exemplos/Exemplo3-knitr.Rmd
|
output file: Exemplo3-knitr.R
[1] "Exemplo3-knitr.R"
```

```
[1] TRUE
```

Isso criará um script R [Exemplo3-knitr.R](#) com apenas os códigos presentes nos *chunks* do documento.

A.6.6 Outras linguagens

O R Markdown (por meio do pacote **knitr**) suporta também o uso de outras linguagens diferentes do R, como:

- Python
- C (Rcpp)
- Fortran
- SQL
- awk
- ruby
- Haskell
- Bash
- Perl
- Dot
- tikz
- SAS
- Coffeescript

Para isso, basta mudar a *engine* (primeira definição do chunk) para a linguagem desejada.

Exemplos do uso de diferentes *engines* podem ser consultadas [aqui](#). Este outro [link](#) mostra mais alguns exemplos.

No arquivo [Exemplo-python.Rmd](#) pode-se ver um exemplo de documento que mistura códigos em Python e R. Também é utilizado o pacote [feather](#) do Python e do R, para exportar/importar data frames de uma linguagem para outra dentro do mesmo documento.

Apêndice B

Programação Orientada a Objetos

Como vimos anteriormente, o R é uma linguagem de programação orientada à objetos. Dois conceitos fundamentais desse tipo de linguagem são os de **classe** e **método**. Já vimos também que todo objeto no R possui uma classe (que define sua estrutura) e analisamos algumas delas. O que seria então um método? Para responder essa pergunta precisamos entender inicialmente os tipos de orientação a objetos que o R possui.

O R possui 3 sistemas de orientação a objetos: **S3**, **S4**, e **RC**:

- **S3**: implementa um estilo de programação orientada a objeto chamada de *generic-function*. Esse é o estilo mais básico de programação em R (e também o mais utilizado). A ideia é que existam **funções genéricas** que decidem qual método aplicar de acordo com a classe do objeto. Os métodos são definidos da mesma forma que qualquer função, mas chamados de maneira diferente. É um estilo de programação mais “informal”, mas possibilita uma grande liberdade para o programador.
- **S4**: é um estilo mais formal, no sentido de que as funções genéricas devem possuir uma classe formal definida. Além disso, é possível também fazer o **despacho múltiplo de métodos**, ao contrário da classe S3.
- **RC**: (*Reference Classes*, antes chamado de R5) é o sistema mais novo implementado no R. A principal diferença com os sistemas S3 e S4 é que métodos pertencem à objetos, não à funções. Isso faz com que objetos da classe RC se comportem mais como objetos da maioria das linguagens de programação, como Python, Java, e C#.

Nesta sessão vamos abordar como funcionam os métodos como definidos pelo sistema S3, por ser o mais utilizado na prática para se criar novas funções no R. Para saber mais sobre os outros métodos, consulte o livro [Advanced R](#).

Vamos entender como uma função genérica pode ser criada através de um exemplo. Usando a função `methods()`, podemos verificar quais métodos estão disponíveis para uma determinada função, por exemplo, para a função `mean()`:

```
methods(mean)
[1] mean.Date          mean.default       mean.difftime      mean.POSIXct
[5] mean.POSIXlt       mean.quosure*      mean.vctr_vctr*
see '?methods' for accessing help and source code
```

O resultado são expressões do tipo `mean.<classe>`, onde `<classe>` é uma classe de objeto como aquelas vistas anteriormente. Isso significa que a função `mean()`, quando aplicada a um objeto da classe `Date`, por exemplo, pode ter um comportamento diferente quando a mesma função for aplicada a um objeto de outra classe (numérica).

Suponha que temos o seguinte vetor numérico:

```
set.seed(1)
vec <- rnorm(100)
class(vec)
[1] "numeric"
```

e queremos calcular sua média. Basta aplicar a função `mean()` nesse objeto para obtermos o resultado esperado

```
mean(vec)
[1] 0.1088874
```

Mas isso só é possível porque existe um método definido especificamente para um vetor da classe `numeric`, que nesse caso é a função `mean.default`. A função genérica nesse caso é a `mean()`, e a função método é a `mean.default`. Veja que não precisamos escrever o nome inteiro da função genérica para que ela seja utilizada, como por exemplo,

```
mean.default(vec)
[1] 0.1088874
```

Uma vez passado um objeto para uma função, é a classe do objeto que irá definir qual método utilizar, de acordo com os métodos disponíveis. Veja o que acontece se forcarmos o uso da função `mean.Date()` nesse vetor

```
mean.Date(vec)
[1] "1970-01-01"
```

O resultado não faz sentido pois ele é específico para um objeto da classe `Date`.

Pode-se ainda alterar a classe de um objeto, que passa a ser tratado pelo método associado a esta classe, se houver.

```
class(vec) <- "Date"
mean(vec)
[1] "1970-01-01"
```

Em S3 um objeto pode ter mais de uma classe e neste caso a procura por método segue a ordem de especificação. Procura-se, sequencialmente, métodos para todas as classes definidas. Veja esta sequência de três atribuições de classes.

```
class(vec) <- c("numeric", "Date")
mean(vec)
[1] "1970-01-01"
class(vec) <- c("Date", "numeric")
mean(vec)
[1] "1970-01-01"
class(vec) <- c("foo", "Date")
mean(vec)
[1] "1970-01-01"
```

Em todos casos foi processada o método `mean.Date()`. Na primeira e terceira porque não existe método específico para classes `numeric` ou `foo`. Na segunda porque `Date` era a primeira classe do objeto para qual há um método específico.

Tudo isso acontece por causa de um mecanismo chamado de **despacho de métodos** (*method dispatch*), que é responsável por identificar a classe do objeto e utilizar (“despachar”) a função método correta para aquela classe. Toda função genérica possui a mesma forma: uma chamada para a função `UseMethod()`, que especifica o nome genérico e o objeto a ser despachado. Por exemplo, veja o código fonte da função `mean()`

```
mean
function (x, ...)
  UseMethod("mean")
```



```
<bytecode: 0x55d67228e558>
<environment: namespace:base>
```

Agora veja o código fonte da função `mean.default`, que é o método específico para vetores numéricos

```
mean.default
function (x, trim = 0, na.rm = FALSE, ...)
{
  if (!is.numeric(x) && !is.complex(x) && !is.logical(x)) {
    warning("argument is not numeric or logical: returning NA")
    return(NA_real_)
  }
  if (isTRUE(na.rm))
    x <- x[!is.na(x)]
  if (!is.numeric(trim) || length(trim) != 1L)
    stop("'trim' must be numeric of length one")
  n <- length(x)
  if (trim > 0 && n) {
    if (is.complex(x))
      stop("trimmed means are not defined for complex data")
    if (anyNA(x))
      return(NA_real_)
    if (trim >= 0.5)
      return(stats::median(x, na.rm = FALSE))
    lo <- floor(n * trim) + 1
    hi <- n + 1 - lo
    x <- sort.int(x, partial = unique(c(lo, hi)))[lo:hi]
  }
  .Internal(mean(x))
}
<bytecode: 0x55d67265c058>
<environment: namespace:base>
```

Agora suponha que você deseja criar uma função que calcule a média para um objeto de uma classe diferente daquelas previamente definidas. Por exemplo, suponha que você quer que a função `mean()` retorne a média das linhas de uma matriz.

```
set.seed(1)
mat <- matrix(rnorm(50), nrow = 5)
mean(mat)
[1] 0.1004483
```

O resultado é a média de todos os elementos, e não de cada linha. Nesse caso, podemos definir nossa própria função método para fazer o cálculo que precisamos. Por exemplo:

```
mean.matrix <- function(x, ...) rowMeans(x)
```

Uma função método é sempre definida dessa forma: `<função genérica>.<classe>`. Agora podemos ver novamente os métodos disponíveis para a função `mean()`

```
methods(mean)
[1] mean.Date          mean.default        mean.difftime       mean.matrix
[5] mean.POSIXct       mean.POSIXlt        mean.quosure*       mean.vctr_vctr*
see '?methods' for accessing help and source code
```

e simplesmente aplicar a função genérica `mean()` à um objeto da classe `matrix` para obter o resultado que desejamos

```
class(mat)
[1] "matrix" "array"
mean(mat)
[1] 0.09544402 0.12852087 0.06229588 -0.01993810 0.23591872
```

Esse exemplo ilustra como é simples criar funções método para diferentes classes de objetos. Poderíamos fazer o mesmo para objetos das classes `data.frame` e `list`

```
mean.data.frame <- function(x, ...) sapply(x, mean, ...)
mean.list <- function(x, ...) lapply(x, mean)
```

Aplicando em objetos dessas classes específicas, obtemos:

```
## Data frame
set.seed(1)
da <- data.frame(c1 = rnorm(10),
                 c2 = runif(10))
class(da)
[1] "data.frame"
mean(da)
      c1      c2
0.1322028 0.4183230
## Lista
set.seed(1)
dl <- list(rnorm(10), runif(50))
class(dl)
[1] "list"
mean(dl)
[[1]]
[1] 0.1322028

[[2]]
[1] 0.4946632
```

Obviamente esse processo todo é extremamente importante ao se criar novas funções no R. Podemos tanto criar uma função genérica (como a `mean()`) e diversos métodos para ela usando classes de objetos existentes, quanto (inclusive) criar novas classes e funções método para elas. Essa é uma das grandes liberdades que o método S3 de orientação à objetos permite, e possivelmente um dos motivos pelos quais é relativamente simples criar pacotes inteiros no R.

Apêndice C

Scripts

Scripts que faltam ser convertidos para capítulos:

- [inferencia_regressao.Rmd](#)
- [inferencia_regressao2.Rmd](#)
- [script_gapminder.R](#)

Scripts que ainda podem ser úteis

- [probabilidade.R](#)